



9

ALABAMA



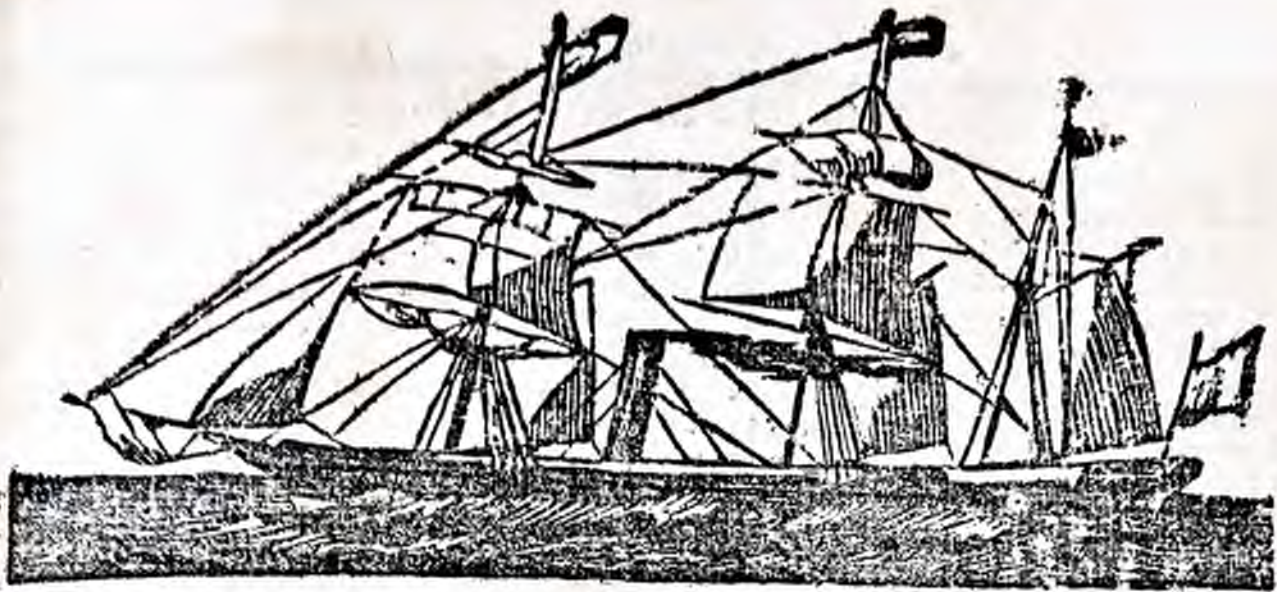
1867

A

1868



L. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Serie 33.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

2 DE ABRIL DE 1868.

N. 343.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
1 de abril de 1868.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que va ter com um *pombista* da ladeira da Praça, n.^o 13, e previna-lhe que deve se cohibir de estar a estragar os telhados alheos com seus pombos, bem como de preferir as familias da vizinhança de estarem a sua vontade no interior de suas casas, que são devassadas pelo mesmo constantemente, quando anda pelos referidos telhados. Cumpra.

—Os prisioneiros paraguayos abusam constantemente da hospitalidade, que encontram entre nós.

Em Santa Catharina, segundo refere o *Mercantil* daquella provincia, o capitão paraguayo Diogo Alvarenga, á pretexto de procurar uma gallinha, entrou, acompanhado de outros, na fortaleza de Santa Anna e espancaram os invalidos cabo Manuel Roques da Silva e o soldado Santa Anna, que alli estavam destacados, ficando feridos o cabo e sua mulher.

—Que ousadial

—Na Bahia, um paraguayo, um dia destes, teve a insolencia de invadir uma casa no Baluarte e querer forçar uma mulher casada a satisfazer-lhe os lascivos e brutaes desejos!

—Desaforo!

—Houve uma lucta horrivel e desigual e ainda depois de accudir gente o atrevido paraguayo resistiu.

—E que fizeram?

—Sahiu dalli amarrado, porem não sei si tão cusado e reprehensivel procedimento foi castigado.

—Havia de ficar impune; porque para essa gente ha muita contemplação.

—Fosse algum prisioneiro brasileiro fazer a quinta parte com o Lopez e veria de que pau se fazia a canoa.

—Um despacho modelo.

—Vejamol-o.

—O Sr. Saldanha Marinho, presidente de S. Paulo, deu em uma petição de Augusto Pinto da Silva Saes o seguinte despacho—*Sempre que a devoção prejudique a obrigação, deve o supplicante satisfazer esta de preferencia. Indifiro, por tanto, o que requer.*

—V. o que pensa? Os homens graves tambem dão ás vezes para divertidos e *graciosos*.

—Parecerá brinquedo de creança, diz o *Messias Politico*, mas é acto de um homem serio.

—Sexta-feira, 3 do corrente, é o dia em que a Egreja celebra as dores de Maria Santissima: por isso offerecemos aos nossos leitores para recitarem nesse dia o seguinte:

TRIO DO STABAT MATER.

Posto em mortal agonia
 Queixava-se o Bom Jesus,
 Quando nos braços da Cruz
 Sem amparo algum pendia;
 Mas si ali sem Pae se via,
 Não estava solitario,
 Porque tambem no Calvario
 Stabat Mater dolorosa
 Juxta Crucem lacrimosa
 Dum pendebat Filius.

Ah! que dor não era es'ar;
 Esta Mãe ao pé da Cruz,
 Sem a seu Filho Jesus
 Poder um allivio dar.
 Bem se pode acreditar
 Que esta dor foi penetrante,
 Por ser de uma Mãe amante,
 Cujus animam gementem
 Contristatam, et dolentem
 Pertransivit gladius.

Si o seu coração dotado
 D'uma natural ternura,
 Sentia muito a amargura
 De qualquer desamparado,
 Como por seu Filho amado
 Maior dor não sentiria,
 Quando em desamparo via
 Oh quam tristis, et afflicta
 Fuit illa benedicta
 Mater unigenit!

Tambem estava presente
 João com a Magdalena,
 Sentindo um e outro a pena
 Do Bom Jesus innocente.
 Em ambos era igualmente
 Grande a dor que os afflicta,
 Mas não como a de Maria,
 Quæ mærebat, et dolebat,
 Pia Mater, dum videbat
 Nati pænas inclyti.

Assim afflicta, defronte
 De seu Filho agonisante,
 Soltava do peito amante
 De terno pranto uma fonte:
 Corria esta no Monte,
 Onde as pedras se quebravam:
 Então si ellas estalavam,
 Qui est homo, qui non floret,
 Matrem Christi si videret
 In tanto supplicio?

Talvez ali persistisse,
 Algum duro coração,
 Que de dura compaixão
 De todo não se partisse:
 Talvez que sem magoa visse
 A dor desta Mãe; porem
 Si algum reflectisse bem,
 Quis non posset contristari,
 Matrem Christi contemplari
 Dolentem cum Filio?

Sim, quem contemplasse attento
 Na dor, que a martyrisava,
 Veria, que elle a causava
 Com seu mau procedimento:
 Daqui todo sentimento,
 Toda dor lhe nasceria,
 Vendo, que a Virgem Maria
 Pro peccatis suæ gentis

Vidit Jesum in tormentis,
 Et flagellis subditum.

Mas não ha quem considere
 Na causa, que a mortifica,
 Si um seu Filho crucifica,
 Outro o coração lhe fere,
 Não ha de quem ella espere
 A menor consolação,
 Porque na extrema afflicção
 Vidit suum dulcem Natum
 Moriendo desolatum
 Dum emisit spiritum.

Ah! neste triste momento
 Teve a terra um forte abalo:
 Eu ainda não estalo
 De dor, e de sentimento?
 Ai de mim, si este tormento
 Não rompe meu peito fero!
 Que mais, Senhora, que espero?
 Eia, Mater, fons amoris,
 Me sentire vim doloris,
 Fac, ut tecum lugeam.

Já que sois fonte de amor,
 Em que a graça sempre abunda,
 Fazei, que ella se diffunda
 Em mim pela vossa dor.
 Vosso pranto em meu favor
 Correndo não se demore
 E para que mais eu chore,
 Fac, ut ardeat cor meum
 In amando Christum Deum
 Ut sibi complaceam.

Vinde para derramares
 Uma porção de amor puro
 Neste meu coração duro,
 Que não tem vossos pezares:
 Ponde nos meus olhos mares
 Da vossa dor pelo effeito,
 E entrando dentro em meu peito
 Sancta Mater, istud agas,
 Crucifixi fige plagas
 Cordi meo valido.

Essa espada penetrante
 Que o coração vos traspassa,
 Venha, o mesmo estrago faça
 Neste meu peito inconstanté,
 E para que participante
 Da vossa dor sempre eu viva,
 Vós piedosa e compassiva
 Tui Nati vulnerati,
 Tão dignitati pro me pati
 Pænas mecum divide.

A dor, que vos move o pranto,
 Seja em partes dividida,
 Porque a pena repartida
 Não causa tormento tanto;
 Padeça ou tudo, quanto
 Ao pé da Cruz vos magoa,
 E para que mais me doa,
 Fac me tecum pie flere,
 Crucifixi condolere
 Donec ego vixero.

Por mais que as falsas deidades
 Do mundo ingrato me enleem,
 Por mais que me lisongeem
 Com suas felicidades,

Gostos, honras, dignidades,
 Tudo eu deixo, nada espero;
 Porque aqui somente quero
 Juxta Crucem tecum stare,
 Et me tibi sociare
 In planctu desidero.

Si vós, porque tenho dado
 Causa a tanta tyrannia,
 Não quereis a companhia
 D'um peccador tão malvado,
 E já choro meu peccado,
 Sinto o mal que tenho feito,
 E vós por esse respeito
 Virgo virginum præclara,
 Mihi jam non sis amara,
 Fac me tecum plangere.

Não desprezeis a humildade
 Com que á vossos pés me rendo,
 Porque devêras pretendo
 Chorar minha iniquidade;
 E como para a vaidade
 De todo me crucifico,
 Fazei como vós supplico,
 Fac, ut de portem Christi mortem
 Passivis fac consortem
 Et plagas recolere.

Da terra e do mar profundo
 Já nenhuma cousa espero;
 Pois de todo já não quero
 Os bens caducos do mundo;
 Do meu coração no fundo
 Só quero as chagas de Christo;
 Si do mais tudo desisto,
 Fac me plagis vulnerati,
 Fac me cruce inebriari,
 Et cruore filii.

Com Jesus crucificado
 Permitti, que eu sempre esteja
 Chorando até que me veja
 Da triste morte assaltado:
 Si eu então por culpado,
 Merecer o fogo eterno,
 Fazei com amor materno
 Flammis ne urar succensus,
 Per te, Virgo, siu defensus
 In die Judicii.

Sim, meu Jesus, nesse dia,
 Em que eu for por vós chamado,
 Mereço ser condemnado
 Pela minha rebeldia;
 Porem si à Virgem Maria
 Eu recorro desde agora,
 Da morte na infausta hora,
 Christe cum sit hinc exire
 Da per matrem me venire,
 Ad palmam victoriae.

Por eila no golpe agudo,
 Que eu sentir no aperto extremo,
 Contra os perigos, que temo,
 Espero ter forte escudo:
 D'Ella è que espero tudo,
 Por ser Mãe dos peccadores,
 E vós pelas suas dores
 Quando corpus morietur,
 Fac, ut anima donetur
 Paradisi gloria—Amen.

LA VAE VERSO.

PORQUE SERA'?

Por que será que a politica,
Sendo tão apeteçada
Pelos grandes do paiz,
Stá hoje tão corrompida?

E por que os taes,
Grandes senhores,
São dos partidos
Vis corruptores;
Fazendo escada,
Dos bestalhões
Para empolgarem
As posições.

Por que será que um partido
Que se diz mui *grandioso*
Do seu seio não afasta
Um membro vil e odioso?

E por que quer
Um suplemento,
Das suas tricas
Vil instrumento;
Que ponha em jôgo.
Planos nefar dos,
Torpes injurias,
Fraudes e enganos.

Por que será que o commercio
Conceitua a um ratoneiro,
Um tratante, um corrompido
Um miseravel sendeiro?

E' por que o ouro,
Furtado ou não,
Offusca os homens
Com seu *clarão*;
Alem de que
Do seculo a luz,
Hoje ao avesso
Tudo reluz.

Por que será que os doutores
Que em direito são formados,
Si não todos, grande parte,
São matreiros e *mítrados*?

E' por que aprendem
N'acadetnia
Em vez de sciencia
A filistria!
Estudam tricas
Desde *calouros*,
De envolta as tramas
Dos taes namoros.

Por que será que o empregado
Que é refinado toupeira,
Se diz sempre habilitado
P'ra posição altaneira?

E' por que vem
Do idiotismo
Os loucos planos

Do pedantismo.
Bruta caixola
Julga conter
Toda sciencia
Que pode haver.

Por que será que os vigarios
Tem as suas companheiras,
Que escolhem dos seus rebanhos,
A título de cósineiras?

E' porque a vida
Do isolamento
E' para o homem
Fatal tormento;
Alem de que
Do mundo a gloria
São as mulheres;
O mais é historia.

Porque será que os soldados
São, em geral, caloteiros
Refinados tropiantes
Ardilosos, tarimbeiros?

E' porque o estado
De servidão
Arrasta o homem
A' perversão:
Muito trabalho,
Pouco dinheiro
Faz d'um beato
Um *caloteiro*.

Por que é, que os namorados
Passeiam frequentemente,
Fazendo com seus requebros
Um papel todo indecente?

E' por que os taes
De' apaixonados
Dos outros olhos
Julgam vendados;
Mas hoje todos
Já são viseiros
Nas *armaduras*
Dos taes *gacheiros*.

Porque será que as senhoras
Quasi todas são vaidosas,
Inda mesmo sendo feias
Sempre se julgam formosas?

E' porque entendem
Que a formusura
E' para os homens
Forte «armadura»:
E assim se adornam
Com arte e geito,
Mas, muitas vezes,
Sem ter effeito.

Porque será que os poetas,
Quanto mais ignorantes,
Tanto mais são arrojados,
Garotos e petulantes?

E' porque julgam

Que a poesia
A' taes manejos
Os auxilia;
E para exemplo
Ja vou citando
Este poeta
Que está rimando.

Á PEDIDO.

Por *Nossa Senhora da Conceição dos Artistas*, pede se a um Sr. que tem arco sem ser *caboclo* e em que todos mette a *rabeca*, o favor de ir pagar as sete libras de spermacete, que tomou em certa venda por um modo industrial.

Industrial porque não disse que era fiado; entrou na venda pediu as vellas e sahiu apressado como quem ja voltava, e la vão bons sete mezes sem que escorregue com o côco.

E' verdade, que ha dias ouviu uma sara-banda, de tirar couro e cabello, mas como não deu de si, pede-se-lhe por meio deste.

O Baldoino

CONVERSA NAS GALERIAS.

—Que teima do Correia de Araujo com o Eusebio sem cabimento.

—E' verdade. Querer que jurisdicção e attribuição sejam synonymos.

—Está porque eu digo que melhor é não fallar, do que fallar errando.

—Si aqui estivesse o Fr. Carneiro eu o aconselhava que fosse á sua cella aprender synonymos.

—Veja que teimoso.

—E elle não vê logo que o Eusebio tem a cabeça maior que a delle.

—Acho melhor que elle siga o systema do primeiro e segundo secretarios, que não fallam com medo de que lhes entrem alguma. . . . mosca pela bocca a dentro.

—E como elle ficou zangado do Zama dizer—Ora.

—Mas o Zama respondeu cathegoricamente, dizendo que em discursos serios na assembléa geral se dão apartes de—*ora bollas*, quanto mais aqui na assembléa provincial, onde um deputado diz que jurisdicção e attribuição são synonymos.

—Agora V. ha de ver se sae isto publicado.

—Qual, sae publicado nada! Na legislatura passada, quando certo deputado disse em seu discurso, que não vinha mais *cá gado*, sahiu o discurso, mas não o *ecophaton* de que elle usou.

—O mesmo ha de ser este.

—Previne-se ao *geral*, que, ligeiro como

coelho, tome suas medidas, porque o *Piroca dos rios* o está atrahindo, e não se fie nos dentes que o mesmo lhe mostra; porque elle diz abortamente, que a eleição de certa freguezia o ha de fazer *geral*.

E' de crer piamente em vista da felicidade que acompanha ao tal menino, conservando o seis mezes na capital nas melhores parochias.

E mesino que é preciso remunerar certas visitas...

Ora...essa é boa...

Offerecido a certo menino que bem entende o verso.

MOTTE

*O tal menino improado
Tem fina cor de canella*

GLOSA.

*Com cabello engrovinhado
E com beiços de alquidar,
Quer de todos desdenhar
O tal menino emproado,
Venha cá meu estremado,
V. que la da Benguella
Tem tão perto a parentella
Não tenha tamanha proa;
Veja que sua pessoa
Tem fina cor de canella.*

VARIÉDADES.

A CRUZ.

Estrellas
Siggelas,
Luzeiros
Fagueiros

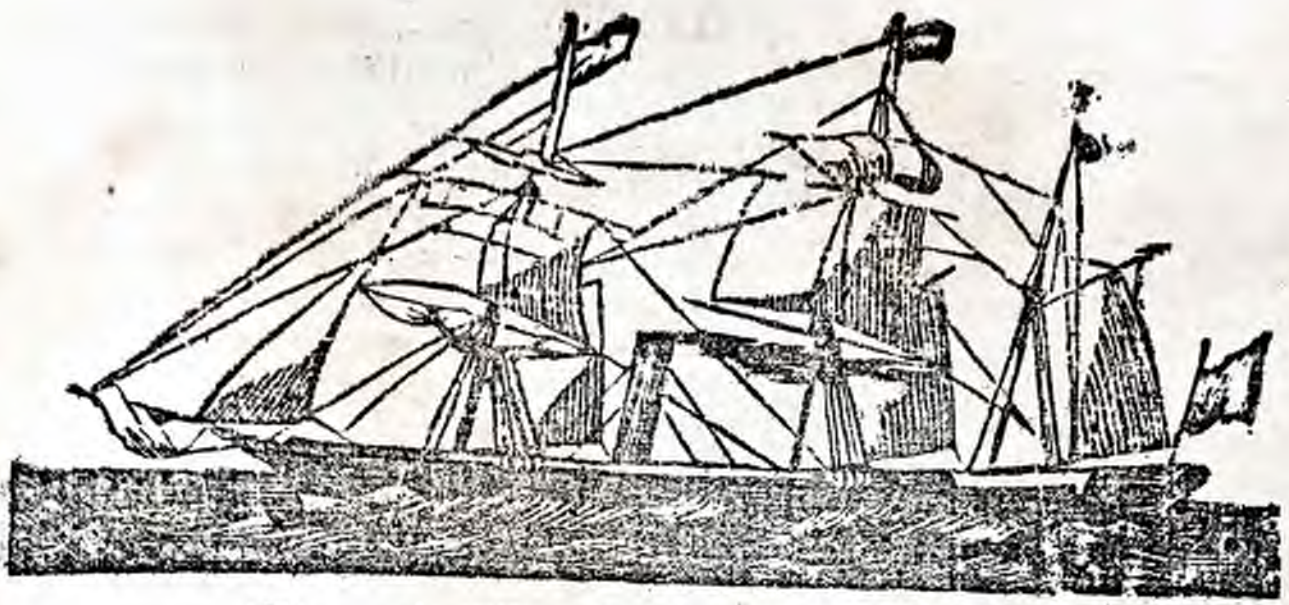
Esplendidos orbes que o mundo aclaraes,
Desertos e mares, florestas vivazes,
Montanhas audazes, que o sol rastejaes!

Campinas
Divinas!
Cavernas,
Eternas!
Extensos
Immensos
Espaços
Celestes!

Rochedos bravios!
Abysmos sombrios!
Ergastulos frios!
Infernos terrestres!

Sepulcros e berços, mendigos e grandes,
Curvae-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ella nos mostra da gloria o caminho,
Só ella nos falla das leis do Jesus!

L. N. F. Varella.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Atistides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 4.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6-series.

Serie 35.

BAHIA

4 DE ABRIL DE 1868.

N. 344.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO CORREIO DA EUROPA.

Chamamos a attenção de todos os brasileiros para uma publicação inserta no *Correio da Europa*, jornal que se publica em Lisboa, de 13 de março do corrente anno, que tem por titulo—*a guerra do Brazil contra o Paraguay*.

Ainda que o menos competente em intelligencia para responder de prompto ás considerações ingratas, perfidas e insidiosas, que o lusitano articulista, *bastante conhecido entre nós, e a quem tantas finezas temos prodigalizado*, extravasa contra a nação brasileira, todavia, o brio e amor nacionaes, e mais que tudo a verdade, nos dão forças para repellir com energia e dignidade essa torpe publicação do *caturra*, defensor do Paraguay.

Já sabemos que vamos entreter polemica com essa *miniatura asquerosa* da humanidade: não importa: mil vezes o seu odio que a amizade.

Si a guerra do Brazil com o Paraguay foi a mais desastrosa concepção que podiam ter os homens de estado do Brazil, como affirma o articulista, que o digam os triumphos e victorias que até hoje tem alcançado o exercito e a esquadra, que prestes estão a dar cabo da ardua missão que iniciaram.

O resultado, não possível, mas real da vantagem, está provado; e era preciso que o povo brasileiro tivesse perdido todos os esti-

mulos de nacionalidade para não vingar a affronta que lhe fôra irrogada pelo tyranno do Paraguay.

Concepção desastrosa dos homens de estado do Brazil é consentir que em seu solo pizem portuguezes degenerados e infames, que pelo sordido interesse tudo sacrificam, até a propria honra.

Concepção desastrosa dos homens de estado do Brazil é não expellir do commercio nacional essa companhia do olho-vivo, filial da estabelecida em Portugal, que, depois de nos extorquir até o ultimo vintem, tracta-nos desapiadadamente por essa forma!

Eis-aki porque um homem eminente, em pleno parlamento, dissera que o unico bem que nos tinha vindo de Portugal era—a religião catholica, apostolica, romana!

Em verdade que só a paixão levada até a cegueira pode fazer que se lance o odioso da guerra com o despota do Paraguay contra nós.

E' mister desconhecer todas as occurrencias havidas para em boa fé haver quem se pronuncie por essa forma.

Seja dito uma vez por todas, assim de que o *caturra articulista* não faça disso cavallo de batalha;—que o Brazil, emprehendendo a guerra, nunca teve em mira a annexação e sujeição do Paraguay, mas sim defender a sua honra e dignidade que tinham sido manchadas pelo absolutismo do tyranno.

Não ha hoje em parte alguma quem desta verdade não esteja convencido, e é em vão

que o defensor alugado de Lopez, o accusador ingrato do Brazil, explora essa mina.

Compromettida ficaria a honra da bandeira nacional, si o Brazil, fosse porque forma fosse, cruzasse os braços á affronta que recebera nas margens do Prata, com o aprisionamento de um vaso de guerra.

Escrevendo estas linhas, que nenhuma referencia tem a muitos honrados portuguezes que habitam entre nós, e que conosco estão estreitamente ligados, no seguinte numero continuaremos a apreciar outros trechos do *caturra* articulista.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
3 de abril de 1868.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, communicando-lhe que a guarda da Ribeira, na noite do 1.º do corrente, parecia mais uma casa de folia do que um posto militar: violões, modinhas, bravos, palmas, tudo se via alli, menos o regimen e a disciplina militar que deve haver em semelhantes logares.

Sirva-se, por tanto, S. Ex. de providenciar para que se não repitam taes abussos.

— Grande é a falta de respeito que se nota nos templos presentemente!

— E' exacto.

— Aos sermões da Misericordia concorre uma chusma de rapazes, que procuram tornar-se salientes pelo seu garotismo e maneiras irreverentes.

— Alem de um montão de improprias e desconchavadas graças, que dirigem as crioulas que frequentam o acto, alguns procuram tornar-se celebres, commentando em voz alta, as palavras do pregador; outros, todas as vezes que o padre limpa o suor, dão fortes e estrepitosos espirros, para attrahir as vistas do auditorio, e escarram a um tempo para fazerem assuada.

— Com isso não fazem mais do que provar a pouca educação que tiveram.

— No ultimo sermão de S. Domingos, houve tal alarido, que foi preciso intervir a força publica: chinelladas, bofetadas, bengalladas, tudo houve alli, como se estivessem no mais hediondo lupanar, semelhantes almas de porcos.

— São os effeitos da corrupção que lavra em todas as gradações sociaes. Já nem respeitam a casa de Deus.

DOMINGO DE RAMOS.

Commemora amanha a igreja a entrada triumphante de Jesus em Jerusalem...

O Homem Deus desperta as turbas, confunde os incredulos e preconiza a sua divindade!...

O cego vê! ..

O surdo ouve!....

O morto ressuscita!....

O paganismo, confundido com tão estupendos prodigios, reconhece o supremo poder do Filho de Deus!

Proclama-o homem sobrenatural e disputa a honra de recebê-lo em sua principal cidade!...

Aproxima-se a festa paschoal, época em que as turbas solemnizam sua maior festividade!...

Alcatifas, hymnos, hosannas, glorias, flores e psalmos, tudo se prepara para receber o homem dos milagres e dos prodigios!

A verdade ergue seus templos nos proprios corações impedernidos!...

Jehovah rende preito ao cordeiro immaculado!..

Os Pharyseu se presdispõem para realizarem as antigas prophecias!...

A ingrata Jerusalem vae ser testemunha do maior dos prodigios, a expiação da victima a mais innocente!...

Sirvam estas breves meditações sobre tão vasto assumpto, como mais uma profissão de nossa fé, em opposição as doutrinas, que alguns espiritos malevolos ousam espalhar.

ASSEMBLEA DAS SENHORAS.

PRESIDEUCIA DA SENHORA D. GERVASIA.

As 8 horas da noite achando se presentes as Exmas. Sras. DD. Gervasia, Romana, Epiphania, Andreza, Marcella, Lulú, Zenobia, Margarida, Torquata e Christiana, faltando por faniquitos estericos DD. Gracinda, Eusebia e Marocas e sem causa DD. Felicidade e Ernestina, a Sra. presidente abriu a sessão.

Depois approvada a acta da sessão anterior, teve destino o expediente, findo o qual, passou-se a

ORDEM DO DIA.

A suppressão do *balho*.

A SRA. D. MARCELLA—Peço a palavra.

A SRA. PRESIDENTE—Tem a palavra.

A SRA. D. MARCELLA—Não é sem bastante acanhamento que vou tratar do assumpto que forma a questão do dia: acanhamento esse tanto mais pronunciado, quanto me reconheço fraca oradora (*não apoiados*) para esclarecer uma questão *intravincalhavica*. Assim

convencida, peço desde já a benevolencia das minhas illustres collegas e invoco ao mesmo tempo os manes de Cicero e de Pericles para que venham em meu auxilio.

Desconheço inteiramente a conveniencia, que nos pode trazer a suppressão do balão; porquanto, alem de ser um traste util e economico, está sempre prompto para qualquer emergencia.

D. ANDREZA.—Apoiado!

D. MARCELLA (continuando)—Disto resulta não so a economia de gomma para outras saias, como tambem poupa a massada da esfregação do ferro.

D. CHRISTIANA—Muito bem.

D. TORQUATA—Desculpe a minha illustre collega, si me vejo forçada a divergir completamente da sua opinião.

Encarado pelo lado economico, a suppressão não é de reconhecida vantagem para nós.

E' certo que o balão é um auxiliar, tanto mais aproveitavel, quanto se pode lançar mão d'elle á qualquer momento: porem não é menos verdade que requer mais 4 covados defazenda a fim de que o vestido fique com mais roda.

Isto posto, claramente se vê que a economia desaparece, porque o preço de 4 covados de chita não está em relação com o de meio prato de gomma.

D. MARGARIDA—Apoiados!

D. ZENOBIA—Mal dê nos si a opinião da nobre collega achasse apoio n'esta casa; teriamos todas de andar tão escorridas como uma franga molhada. (risadas.)

D. CHRISTIANA—Pode ser uma conveniencia a suppressão do balão, mas tambem não deixa de ser uma necessidade palpitante a sua conservação.

D. LULU—*Isso é hyperbolico...* explique-se.

D. CHRISTIANA—Eu pelo menos, voto contra, porque sem balão preciso de 5 saias.

D. ROMANA—E eu nada menos de 7.

D. MARCELLA—Irta! nem tanto panno leva uma fragata!

D. ROMANA (despeitada)—Nem todos tem a felicidade de ser um monte-pio de carne e osso como a Senhora.

D. MARCELLA (com ironia)—Quer dizer com isso, que a natureza não foi prodiga com V. Ex. e por isso precisa viver no mundo artificial...

D. EPIPHANIA—Nada de cavaco... balcia ou peixe espada, não deixa de ser peixe.

D. ROMANA—Sim...porem um dito com ironia offende.

D. LULU—Peço a palavra pela ordem.

A SRA. PRESIDENTE—tem a palavra.

D. LULU—Eu entendo Sra. Presidente, que

devemos tratar do assumpto sem subir a ser-ra porque do contrariao o nosso trabalho será improficuo.

A discussão calma e reflectida nos conduzirá a um resultado seguro; esclarecendo a verdade, chegaremos a um desideratum satisfatorio.

D. ZENOBIA (com enfado)—Eu declaro desde já que sem balão não saio a rua.

D. MARCELLA—Pois pode ficar em casa chorando.

D. ZENOBIA—Antes isso, do que andar por ali varrendo a rua com a cauda.

D. TORQUATA—E' preciso que as minhas illustres collegas se convençam que a mulher não seduz nem prende pelo balão: lua cheia ou minguate, nem por isso ella deixa de ser amada.

Cleopatra perdeu a Marco Antonio, não uzava de balão; Hedelmonda, quando enroscou a cobra do ciume no coração de Othelo, não o uzava; Judith, quando captivou Hollornes e lhe decepou o tronco, tambem não uzava de arcos... por tanto...

VOZES—Abaixo o balão!

A PRESIDENTE—Atenção! Ordem!

D. EPIPHANIA—Sra. Presidente, peço que se encerre a discussão e se ponha a votos o projecto.

VOZES—Apoiado, apoiado.

Posto á votos passou por maioria.

D. CHRISTIANA—queixou-se dos nervos, e D. ZENOBIA teve um desmaio. Foi encerrada a sessão, marcando-se para Ordem do dia da sessão seguinte, a inconveniencia dos coques.

Despediram-se todas satisfeitas, menos D. ROMANA, que não quiz dar o costumado beijo a D. MARCELLA.

LA VAE VERSO.

AH! AH!.. AH!...

Deixemos de palanfrorio...

Quem hoje pensa em casar

Para ao depois aturar

Uma mulher,—sem miolo?

Ja se foram os bellos tempos

Em que amor existia

Mas, hoje!...ninguem se ria

Quem se casa...é muito tolo!...

A mulher, hoje, nem sabe

O casamento o que seja...

O que so ella deseja

São vestidos e passeios,

E fallemos a verdade

A mulher não tem juizo,

Tudo n'ella causa riso,

Deixemos cá de rodeios!

Não vos zangueis—sonhoritas.
Que não vos quero offender,
Não faço mal em dizer
Verdades que já sabeis;
Disso—mal não vos provém
Por quanto—vejo por mim,
Que vos amo mesmo assim
Por isso—nada perdeis!

Além de que—o juizo
Anda hoje muito caro,
É tanto que eu reparo
Mesmo homens—que o não tem;
Por tanto—não vos zangueis,
Cabecinhas sem miolo,
O homem que quer—é tolo
Não tem miolo também!...

O que pretende o gaiato
Direis vós—o que elle quer,
Fallando assim da mulher,
Linguarudo... por fallar?...
O que pretende:—não sabem?
Pois eu lhes digo... baixinho
Mas, ealuda... segredinho
O que elle quer... é casar!....

A PEDIDO.

—Onde encontrarei os numeros 4 e 5 do *Correio da Europa* para ler uma descompostura que vem ao Brazil?

—Vamos ao Martin que tem exposto a vanda.

—Acharei aqui o *Correio da Europa* de 28 de fevereiro e 13 de março.

—O consul portuguez mandou-os buscar; vá a Cidade Baixa que talvez encontre.

—Vamos ao Evaristo.

—O Sr. me guia por aqui onde se vende o *Correio da Europa*?

—Vá ao Catilina.

—Sr., vende aqui o *Correio da Europa*?

—Não Sr.

—Nem sabe onde vende?

—Vá ao consul portuguez.

—O Sr. ainda tem *Correio da Europa* para vender.

—Não Sr.; vá ao 65 que ainda deve ter.

—O Sr. vende-me o *Correio da Europa*?

—O consul mandou buscar o resto; porem vá ao Olivieri que talvez tenha.

—O Sr. tem *Correio da Europa*?

—O consul os mandou buscar.

—E esta! Si hoje fosse 1.º de abril eu dizia que estavam cassando commigo!

—O que não resta duvida é que o consul portuguez abafou todas as folhas com medo das consequencias.

—Já uma vez um safado labrego entendeu

entreter-se com os brasileiros, agora apparece mais um canalha infame, escoria dos portuguezes, honrados a querer divertir-se.

—Esses portuguezes quasi todos são paraguayos, é o que não resta duvida.

—Assim me parece.

—Mas Deus queira!... Deus queira!...

Talvez eu minta.

—Sr. mabaça...

—Isso era si eu fosse *Cosme e Damião*, porem meu nome é um só.

—Sr. preparador de madeiras.

—*Marcineiro*, é outra cousa.

—Como quizer. O que fez V. do guarda *vestimenteiro* da viuva do *Flor do anno*?

—Ja entreguei.

—Entregou nada; deu meia duzia de peças e chupou o resto.

O que fez V. dos 500 réis que tomou para ferramenta, do importe do toucador, da cadeira, da cama e da area?

—A conta do morto quem faz é o vivo.

—Não Sr., logo que V. vendeu deve entregar a viuva, o mais é ratonice.

—Veremos.

—Veremos não; si V. gastou o dinheiro faça modo de repol-o, para não me encommo- dar a obrigar-o a isso por outros meios.

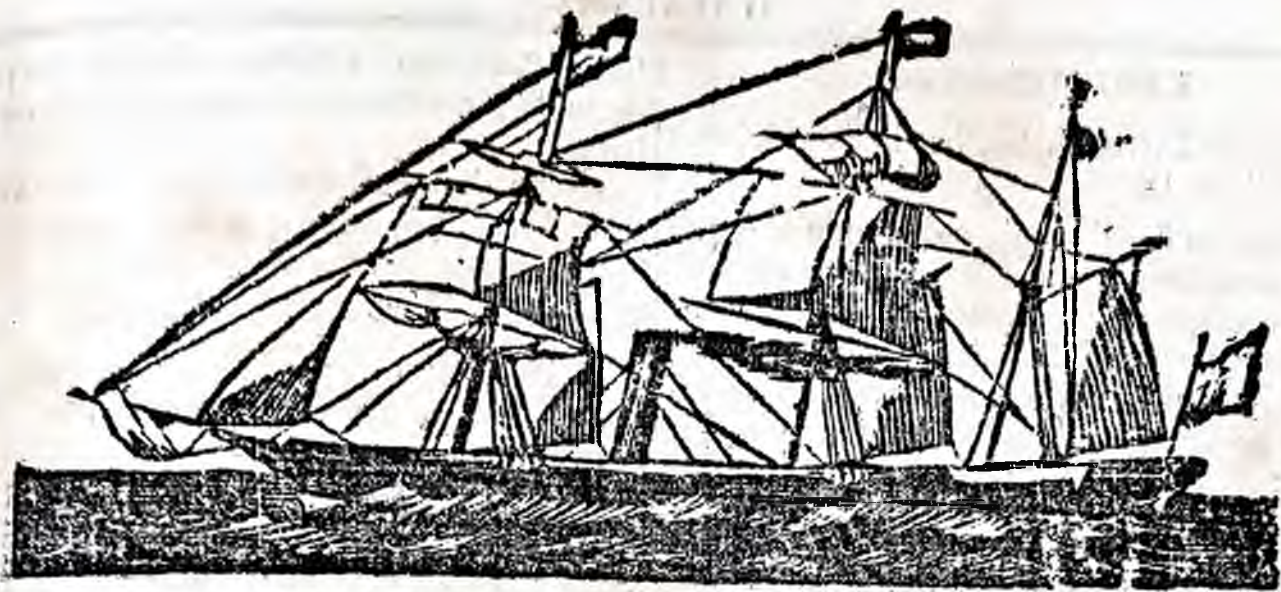
—Vou cuidar n'isso.

—E quanto antes.

ANNUNCIOS.

AGENCIA.

Na rua Nova do Commercio e cartorio do tabellião Magalhães Castro, escrivão de appellações do tribunal do commercio, por cima do escriptorio de André Gonçalves Ferreira Bastos, e de Thimoteo de Souza Spinola, antes do escriptorio de Oliveira Barros, por cima do armazem de Oliveira Camões & C., defronte da caixa Reserva Mercantil, de 9 horas da manhã ás 5 da tarde, ha pessoa diligente, e habilitada que, com promptidão, zelo e cuidado, se encarrega de agenciartodos os negocios, licitos, que lhe queiram fazer o favor incumbir, como bem patentes de officias da guarda nacional, passaportes, folha corrida, matriculas de escravos, baixa n'estas, cobranças de ordenados, licenças para casamento, ou baptizado, certidões, venda de escravos, propriedade, hypothecas ou baixa n'estas, e o mais que for mister mediante uma gratificação, que entenderem razoavel, em relação ao trabalho, e natureza da couza,



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 3^a.

BAHIA

7 DE ABRIL DE 1868.

N. 345.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO CORREIO DA EUROPA.

Geral tem sido a indignação motivada pela leitura do *Correio da Europa*, de que nos occupamos em o numero antecedente, relativamente á guerra contra o governo do Paragny.

Os proprios portuguezes honestos, amantes da verdade e imparciaes, que entre nós habitam, tem se pronunciado abertamente contra o scriptor canalha, que infamemente, adulterando a verdade dos factos universalmente reconhecida, nos attaca o odioso dessa guerra a que fomos provocados.

Tarde arrependeu-se elle de sua imprudencia perfida e cobarde, retirando da circulação esse scripto, tam baixo e pequenino como a sua *litiputiana* pessoa.

É um scripto destes, revoltante e infame, passa desaperechido sem que a imprensa bahiana tracte de stigmatizal-o.

Ja que nem todos poderam obter o *Correio da Europa* para ler os insultos e affrontas que nos são irrogadas, vamos reproduzir alguns dos seus topicos.

«Na guerra entre o Brazil e o Paraguay podiam as cousas ir bem, ou mal para qualquer das partes belligerantes.

Foram pessimamente para o Brazil, que não estava preparado para commetimentos bellicosos, que não fora educado na guerra, que é povo es

sencialmente pacifico, e que, como se tem visto, tem uma organisação defeituosissima, e pouca ou nenhuma moralidade na gerencia official dos dinheiros do estado.»

Para o Brazil vingar a honra e dignidade de sua bandeira, ultrajada seja por quem for, não é preciso ter instinctos guerreiros. A prova dessa verdade é brilhantemente confirmada pela guerra da independencia e por quantas até hoje tem emprehendido.

Aqui poderiamos desenvolver largas considerações; mas não o faremos para não immolar tantas victimas á imprudencia de uma.

Tem sobeja razão para dizer o *caturreta artilhista*, mercador da propria honra, que o povo brasileiro é essencialmente pacifico.

Outro fosse elle que, ferido em sua dignidade por semelhante alquilé, descendente dos forçados do Linceiro, iria, do proprio segundo andar onde habita, arrancar em pleno dia esse lusitano infame e desfaçado para esbofeteal-o na praça publica.

Essa promessa, porem, ainda não caheou em vista do character serio e grave que vão tomando os acontecimentos.

Eis o modo porque esse ingrato, escoria dos portuguezes, paga as fizezas que tam profusos lhe temos liberalisado, taxando até de immoral e prevaricador o governo brasileiro! . . .

Continuaremos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latromopolis, bordo do *Alabama*
6 de abril de 1868.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que veja se descobre quem é o espertalhão que contra o disposto na postura municipal n. 38, manda por seus famulos arrancar as pedras da ladeira que do Engenho da Conceição vae ao Tanque, para empregar, sem duvida, n'algum terraço. Cumpra.

—Isto é com o Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

—O que é?

—Um brado de commiserção a favor de uma desgraçada.

—Faça.

—Acha-se retida na Correção, desde 21 de maio de 1865, a infeliz crioula Felisberta, sem que commettesse crime e por consequente sem que fosse condemnada a tão oppressora reclusão.

A infeliz supporta as amarguras da vida encerrada em um ergastulo sem saber por que, e parece que de la não sahirá, si uma mão bem-fazeja não for em seu auxilio e é isso o que espero do digno magistrado a quem faço este appello.

—Pois neste páiz se encarcera a quem não é criminoso?

—A prova é essa pobre mulher.

—Ao menos deve haver suspeita ou indicio de crime.

—Nada; está alli por penhora do juizo dos feitos para pagamento de sizas.

—Oh!

—E que culpa tem a infeliz de que o tutor de seu senhor, menor, fosse negligente para com a fazenda, para ser constrangida a soffrer os horrores de uma masmorra a tres annos?

Por ventura não ha outros meios do erario garantir a sua divida sem ser preciso torturar a humanidade desvallida?

—Ha, e conte que o circumspecto chefe de policia providenciará sobre o facto.

—O estrangeiro, que tor á Preguiça, nosso mercado do peixe, dirá que isto é uma terra de deleixados e porcalhões.

A limpeza da cidade fez dalli sua montureira e o lixo da cidade baixa vae todo para aquelle deposito de immundicia.

—E' para entulho que se está fazendo nas marinhas, entre a praia e a casa do commendador Motta.

—Entulho de caxorros e gatos mortos e cacos de garrafa! E' bem lembrada esta!

—Si houvesse inconveniente não consen-

tiam. Para isso ha camara, fiscaes, inspecção de saude, commissões sanitarias e mais farelada.

—Ora, homem, essa theoria é um tanto estragada. V. não sabe que aqui o que cada um cuida menos é em seus deveres?

—Veja o que faz a falta de policia.

Um grupo de doze sujeitos a fazer semelhante berreiro aqui na rua do Collegio e a atirarem pedras para a casa daquellas *mulheres do mundo*, que por sua parte abrem o kalendario das obscenidades e escolhem os termos mais salientes para brindarem os aggressores, os quaes nada ficam a dever no descommedimento de lingua.

—Pois olhe; a guarda da repartição da policia está a cincuenta passos daqui, deve ouvir tão descommunal algazarra e o tinir das garrafas que se espedaçam no chão.

—Qual, isto é meia noite e a guarda deve estar *descansando*.

ASSEMBLEA DAS SENHORAS.

PRESIDENCIA DA SENHORA D. GERVASIA.

As 7 horas da noite, achando-se reunidas as Sras. D. Gracinda, D. Pitefa, D. Rozaura, D. Australia, D. Fabricia, D. Claudia, D. Tiberia, D. Protasia e D. Alleluia, foi aberta a sessão:

A Secretaria deu conta de dous officios enviados por D. Peregrina e D. Juliana participando que não podiam comparecer em consequencia de se acharem incomodadas de *pataletas nervosas*.

ORDEM DO DIA.

A inconveniencia dos coques.

D. PROTASIA.—Peço a palavra.

A PRESIDENTE.—Tem a palavra a illustre oradora para discutir o projecto.

D. PROTASIA.—Si fôra outra a questão do dia talvez que eu me conservasse em silencio porque sinto-me hoje bastante indisposta; mas tratando-se do cabello, da parte mais importante do sexo a que pertenco, deposito minha vergonha no sacco do esquecimento e venho, sem ella, pugnar por uma causa justa.

D. PITEFA.—E de alta transcendencia!

D. PROTASIA.—Não sei, minhas illustres collegas, qual a razão, qual a consciencia que acharam para se abolir os *coques*.

D. GRACINDA.—Não sabe? pois é facil a explicação.

Não supponha que eu detesto os *coques*; basta ser moda para achar em mim o mais

decidido apoio. Mas é que infelizmente me vejo forçada a fazer-lhe opposição, mesmo por conveniencia nossa.

O *coque* aformosea a cabeça e torna uma moça elegante, maximo aquella a quem o Tónico Oriental não tem podido fazer milagres; mas é preciso tambem que não se abuse d'elle, transformando-o n'um formidavel ninho de marimbondos. E como os abusos inventados trazem sempre maus resultados, torna-se de necessidade e de urgencia que se corte o mal pela raiz.

D. ROZAURA.—Apoiado, quanto ao abuso. Do contrario foge a elegancia, some-se a belleza e apparece o ridiculo.

D. AUSTRALIA.—Falou com muito juizo a illustre collega opposicionista.

Muitas moças julgam que a moda não deve ter limites, e por isso uzam de *coques*, cujo diametro excede a uma fregideira.

D. GRACINDA.—Justamente.

D. FABRICIA (com entusiasmo).—E não é só isso; algumas entendem que devem trazel-o na coroa da cabeça como si fôra uma rodilha de carregar potes d'agua.

D. ALLELUIA (com enfado).—E' moda e por conseguinte não se deve notar isso.

D. FABRICIA.—E demais, quem sabe do que elle é feito?....

D. GRACINDA (rindo).—E' de rabo de cavallos?

D. ALLELUIA (com força).—Não, senhora; affianço-lhe que o meu é de estopa.

D. FABRICIA (rindo-se).—Tanto peor; é genero inflamavel e pode pegar fogo por qualquer descuido.

D. GRACINDA.—Concordemos; um *coque* da muita graça ao penteado; mas um *cocão*, isso é inconveniente porque até deixa a cabeça de uma senhora com privilegio de martello.

Partindo d'este principio. offereço uma emenda ao projecto: «Que se continue a uzar o *coque*, porem que elle não exceda do tamanho regular de um pão de dous vintens, destes que agora vendem os padeiros.»

D. ALLELUIA.—Isso é muito pequeno.

D. GRACINDA.—É' o termo medio entre o serio e o ridiculo.

D. TIBERIA.—Sra. Presidente eu não sou das mais favorecidas de cabello e por isso vou fallar contra as minhas conveniencias.

Como bem disse a illustre collega D. Gracinda, vae-se abusando muito da moda, e por isso enquanto é tempo deve-se tomar medidas energicas e decisivas. Por falta de *coque*, não havemos de perder casamento.

D. ROZAURA.—E' preciso Sra. Presidente que seja tomado em muita consideração o

acto que se vae praticar. Trata-se nada menos de um assumpto que, combinado com outras decizões desta caza, vão reduzir a mulher a completa NEGLIGÊ.

A supressão do balão ja foi um facto que por si só veio contribuir seriamente para a deprecição do nosso *NEGACÊ*; hoje tratando-se de abolir os *COQUES*, vem a ser queda sobre queda, e ficamos reduzidas a expressões mais simples.

D. ALLELUIA (com energia).—Apoiado!

A illuzão é a chave do matrimonio.

D. ROZAURA.—Assim pois, peço que se ponha a votos.

Posto a votos, passou por maioria absoluta; com a emmenda offerecida por D. GRACINDA «Que se continue a uzar de *coques* do tamanho regular de um pão de dous vintens.»

Á PEDIDO.

—O' lá, Domingos!

—Prompto.

—Homem, vens enfumaçado que parece um *ferreiro*.

—Que quer bossa exxilença, estou ali assim a edificar um casitas e a caliça empurcalhá um homem todo.

—Onde moras?

—Pois não save?

—Tens *preguiça* de dizer?

—Não senhorí.

—Onde está aquella menina?

—Qual menina?

—A que raptastes no dia 27 do passado.

—Bossas exxilença equibocou-se.

—Não comeces com tergiversações, por que sei de tudo.

A menina tem 12 annos; morava nas Pitangueiras, foi conduzida por uma preta que vende pão, na noite de 27 do passado, para as Portas do Carmo e ali deflorada n'uma escada do sobrado para onde ia, depois foi levada para o becco de Maria Pires e como receiavas que ali se descobrisse, porque a visinhança entrou a rosñar, a mandastes acompanhada por certo tenente vindo do Paraguay, para o Castanheda.

Vê lá como estou inteirado de tudo.

Agora has de me dizer o que pretendes fazer com essa infeliz.

(Continúa.)

—Sr. João, quem mora em palacios, tambem é feito de barro.

—Bem sei disso.

—Pois então deixe de arrogancias: veja que o mundo é cheio de voltas.

—Para que esse sermão?
 —Va ao *Bergademb* que lhe diga.
 —Ora, temos outra...
 —Pois o Sr. entende que já está tão grande, que deve pisar os mais?
 Olhe que não é lá essas cousas.
 —São embirranças da vizinha.
 —Embirranças da vizinha é o Sr. com cano dentro de casa acumular penicos fedorentos e mandar passar pelo interior da casa alheia para despejar no quintal, e de proposito esperar a hora de jantar.
 Moco, contenha-se, depois, depois.
 —Depois o que Sr.? Não sabe que a porta da loja é a do sobrado?
 —E' que o melhor é viver em paz com todos, para não dar occasião de se desenrolar certas meadas, entende?
 —Sim, Sr.
 —Pois então va-se.

—*Norberto*, é melhor que V. dê parte de sua vida, que talvez tenha bem o que se dizer della.

Bem diz o *João* que V. é muito cynico.

Porque não falla no amasiamento de certa viuva com um gallego de padaria?

Ah! isso não lhe convem dizer, não é assim? Bote sentido comigo!...

O echo do afeminado.

VARIÉDADES.

QUANDO E'?

—Ai! não me fites teus olhos
 Com tamanha ingratição!
 Pois tu não sabes que moras
 Dentro do meu coração?
 —Eu não!...

Eu moro lá na casinha,
 Ao pé dos montes de além,
 Fallar não ouço de amores,
 Nem quero amar a ninguem.

—Maria, de ti distante
 Minh'alma saudosa chora;
 Falla, diz, responde ingrata
 Que será de mim agora?
 —Va-se embora.

—E tu dizes, va-se embora
 Com tão frio desamor!...
 Pelo que vejo despresas
 Os meus estremos de amor?
 —Sim, senhor....

—Ai! que vergonha, que susto!
 Quero dizer-te e não digo.....

Sim Maria, ou...quizera...
 Poder cazar-me contigo
 —Comigo?!...

—Sim, contigo que receias?
 Desejo ser teu somente,
 Quero-te ver a meu lado
 Sempre risonha e contente.
 —Não mente?...

—Eu mentiroso, Maria?!...
 Me julgas disso capaz?
 Sei respeitar a memoria
 Dos meus avós, de meus pais.
 —Que rapaz!

—Sou bem disposto, bem moço,
 No campo sei trabalhar;
 Responde, falla, Maria,
 Queres comigo casar?
 —Vou pensar...

—Oh! que prazer, que folia
 Na nossa bella função!...
 Eu metido no cazaco
 E tu no branco roupão...
 —De balão?!

—E as nossas boas vizinhas
 Todas te olhando de pé;
 Uma a outra segredando
 Como vae lindo o—José
 —Quando é?!...

Firmino de Figueredo.

Um rapaz, que passava por muito rico, posto que devesse mais do que tinha, passeava sem dizer palavra na vespera de seu casamento, na sala de sua futura sogra, a qual lhe perguntou muitas vezes: que tem Vm. senhor? Elle respondia, minha senhora, não tenho nada. Aos oito dias de casado a sogra, vendo uma multidão de credores á porta de seu genro, lhe disse: Vm. enganou-me. Não ha tal, replicou elle, pois eu bem avisei que não tinha nada, e lhe repeti mais de dez vezes na sua sala na vespera de meu casamento, quando ainda era tempo de arrepender-se.

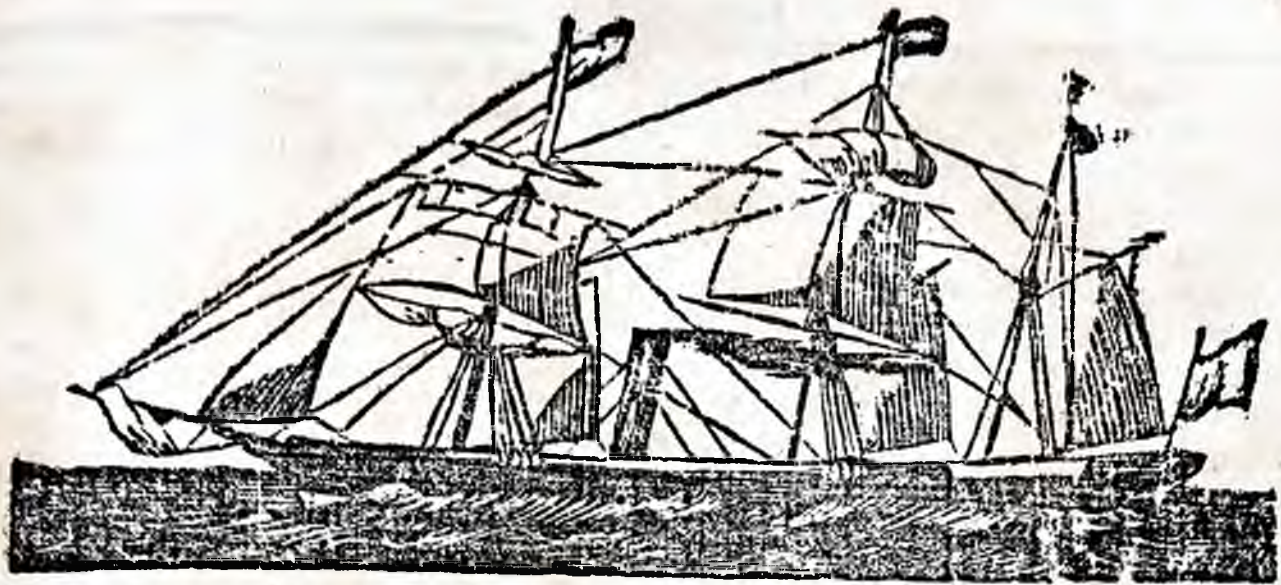
ANNUNCIOS.

A rua dos Carvoeiros n. 13 vende se um piano francez de mui boa voz.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender rua dos Ourives loja n.º 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Serie 36.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE ABRIL DE 1868.

Ns. 346 e 347.

O ALABAMA.

O CHRISTO E A CRUZ.

I.

Jesus itaque sciens omnia, quæ
ventura erant usper eum, pro-
cessit, et dixit eis; Quem quæ
ritis?

A egreja registra amanha um novo anniv-
ersario da mais ensanguentada catastrophe.

O gomon dos tempos paira amanha sobre
a hora miseranda do crime mais abominavel.

Uma nuvem de tristeza a mais acerba en-
luta a face do céu.

Por toda a terra defunde-se um morno si-
lencio, que, como um pregão de morte, an-
uncia o spectaculo infame.

No templo do Deus vivo só resoam os thre-
nos melancolicos da mais profunda dor.

D'harpa de David estala a corda dos peza-
res ao repetir a ultima nota da dolorosa en-
decha.

E o livro das profecias—eil-o aberto na pa-
gina sangrenta donde emana um diluvio de
magoas.

Ah! por que tanta dor e tanto pranto, tan-
ta consternação e tanto luto?

Está escripto e deve cumprir-se.

Aquelle que no Presepio de Bethlem teve
em adoração prostrados os proprios reis; A-
quelle que desviou de si a espada de Hero-
des, e fez-se homem por amor dos homens;
Aquelle que em terna idade confundiu os

doutores da lei, e pasmou o mundo com a
sabedoria de suas respostas. e com a pureza
de sua doutrina; Aquelle que abriu os cofres
de sua infinita clemencia, e deu vista aos ce-
gos, ouça aos surdos, movimento aos paraly-
ticos; Aquelle que restituiu a sande aos en-
fermos; e que evocou os mortos a vida; Aquel-
le finalmente que pouco antes entrava trium-
phante pelas ruas da cidade ingrata e rece-
bia os applausos e ovações de immoderado
entusiasmo, vae amanha servir de escarneo
a essa mesma vil canalha, e subir ao patibulo
infame para soffrer morte ignominiosa, morte
de cruz.

Estava escripto e devia enmpir-se.

O desejado das nações, o centro vital das
crenças de Israel era ainda uma promessa an-
nunciada pelos profetas e inspirados; o Pre-
sepio de Bethlem converteu-a em realidade
a mais augusta; e do Presepio de Bethlem ao
simo do Golgotha so vae a distancia que se-
para a realidade da consummação.

Sem o tumulto do Golgotha quem poderá
comprehender o berço de Bethlem?

Avisinha-se a hora tremenda.

O exemplo da mais edificante humildade vae
ser dado pelo Divino Mestre, lavando elle
mesmo os pés a seus discipulos.

O amor o mais acrisolado ja o provou, dan-
do-lhes a comer a substancia do seu corpo,
e a beber do seu sangue!

Já do seu corpo macerado transudou o san-
gue com que foi regada a terra dos martyrios!

A sua misericordia infinita uma vez mais

se revelou no seu testamento que foi a supplica repassada de união, que elle dirigiu a seu eterno Pae na hora das agonias.

A sua miraculosa sciencia já indicou aquelle que o havia trahir!

E o estalido do beijo falsario do discipulo venal já soou na face do Divino Mestre!

Mãos sacrilegas de algozes cruentos apoderam-se então d'Aquelle, que podia em um momento cercar-se de legiões de anjos, e confundir os reprobos.

Mas porque o não fez?

Porque estava escripto, e deviam-se cumprir ao profecias.

Manietado, zombeteado e injuriado no meio de uma soldadesca desenfreada, e armada de varapáus e espadas, elle ahí vae caminho das torturas!

Que é feito desses homens que elle chamava seus discipulos, e que elle preparava para as pregações futuras?

Que é feito desses discipulos que o chamavam seu Mestre, de quem receberam a consubstanciação do seu corpo e do seu sangue, e que protestaram sua constancia em o seguir e confirmar?

Todos o abandonaram!....

Dir-se-hia que o ho:ror do quadro lhes embargava o passo, ou que a descrença lhes enfraquecera a alma.

Não; o Mestre lhes o permite para realisar a lettra da Escriptura *dos que me deste não perdi nenhum.*

D'entre os seus apenas um o seguia; nao para o martyrio, mas para dar testemunho de suas palavras que antes da primeira cantada do gallo o negaria trez vezes.

E assim aconteceu.

II.

Et adduxerunt Jezum ad summum sacerdotem, et conveniunt omnes Sacerdotes, et Scribae et Seniores.

(Evang. Sec Marc.)

A torrente dos improprios, o simoum das Blasfemias, a tempestade das injurias, arrastaram Jezuz Christó á casa de Annaz que o remette ao genro cumplice, em cuja casa se achavam reunidos os grandes da Tetrarchia.

Começa o interrogatorio ardiloso e malevollo; e as respostas repassadas da dignidade de um caracter beatifico provocam da parte do abominavel covarde a bofetada execranda!

O beijo falsario do discipulo ingrato resume nas faces sacrosantas do Salvador toda a hidiondez da avaresa humana: e na bofetada insultuosa do scellerado lê se o odio e a impiedade de uma geração corrompida.

E' neste momento que elle descerra os labios desmaiados, e confunde o insolente com a resposta que revela um oceano de clemencia e de piedade.

—Si mal fallei, dizo-me em que? si bem, porque me feres?—

E ainda não era chegada a hora da ultima provação.

A turba dos canibacs ainda não está farta de insultar o Justo.

A saliva dos reprobos vae cahir em escarneo na face, contundida a pouco pelo punho do covarde audaz.

Empuchões e arrochos, como que a porfia, provocam a ira d'Aquelle que devia ir adiante consummar o seu mysterio de amor: mas elle não se deixa vencer: Humilha-se para elevar-se, e perdoa para mostrar que é o filho dilecto do Omnipotente.

No redopio delirante a que o sugentam, couduzindo-o de Herodes para Pilatos, e arrastando-o de novo ao ponto d'onde sahira, em busca de um juizo menos escrupuloso e timorato, vê elle approximar-se a hora da ultima agonía.

Eil-o agora atado a columna do Pretorio! Multiplicam-se os ultrajes, reproduzem-se as blasfemias, e uma tempestade de imprecações cahe sobre a sacrosanta cabeça, que o irrisorio diadema de agudos espinhos aperta em doloroso confrangimento.

A mulher de Pilatos acaba de revelar-lhe o sonho maravilhoso que tivera com aquelle Justo: e a plebe tresloucada reclama em alaridos e fremitos horriveis a condemnação do mesmo.

Entre o escrupulo de consciencia, e o receio de attrahir sobre sua cabeça as iras do vulgacho amotinado, Herodes jaz n'uma perplexidade criminosa.

Tarda a sentença final.

Refervem as iras dos lobos sedentos do sangue do Cordeiro immaculado; até que ao «cruxifige» maldicto responde o governador da Judéa com o abandono pusillanime da propria consciencia do dever.

Poncio Pilatos não é o juiz, é sim o algoz na tragedia abominavel, embora lave as mãos perante a multidão.

Não eram as mãos que garrotavam o Justo, era sua alma que se constituia escrava do erro.

A razão humana recua apavorada ante o processo tenebroso, e a sentença iniqua.

O campo do oleiro já tornou-se o «Hacedama:» o discipulo traidor, já horrorizado de si proprio chama Satanaz na hora da desesperação, o suicidou-se; Barrabaz la vae solto e livre; e a victima predestinada marcha agora para o altar de sacrificio.

III.

Et bajulans sibi crucem, exivit
in eum, qui dicitur Calvaria,
locum, Hebraice autem Golgothi
(Evang. sec. Joan.)

As flagellações sem conta, as vergastadas sem piedade, os açoitados sem numero extenuaram as forças do homem Deus. Entretanto é preciso que se preencha de novas torturas o estadio que o conduz ao Calvario.

O Espirito das trevas suggere então na mente dos seus apaniguados o novo meio de velipendio, e de escarneo, e o instrumento do supplicio pende agora dos hombros de Deus vivo para recebel-o em seus braços na hora extrema.

Eil-o em caminho para o theatro da Redempção.

Um alarido infernal, como o bramido das vagas açoitadas pelo vento da borrasca, resôa em todos os angulos da cidade ingrata, e faz prestito com a turba dos canibaes.

Sobre o madeiro da expiação estão gravados todos os erros, todos os crimes, todos os peccados das gerações infieis; e a pezo egual acurvam-se os membros, e o Martyr cahe desfallecido.

Ajuda-o Cyrineo, e Elle prosegue.

As santas mulheres vêem atraz chorando em pranto consternado. Elle as ouve, e lança então a profecia que mais tarde cumpriram Tito e Adriano pela mão armada dos exercitos.

Bemaventurada és tu, ó mulher piedosa, que na toalha alvissima recibes as feições do Divino rosto, cujo suor de sangue fosse enxugar.

Ainda bem que não fizeste parte da chusma dos truões malditos, pelo que teu nome atravessará puro no filete da historia.

Mas, porque se reolobram agora as ancias do Filho do Eterno? Porque convulso tremem os seus membros, e hesita o passo? Porque estão escancarados, e fitos os seus olhos nublados por um oceano de lagrimas puras e amorosissimas?

Sobre que contempla Elle ao voltar á rua da amargura?

Deixai, vil canalha, que Elle estancie mais um pouco defronte da Virgém Rainha, em cujas purissimas entranhas recebeu o involucro carnal, e de cujos preciosos peitos recebeu o precioso licor.

Ella ali está traspassada com a espada de dor que o velho Semião lhe annunciara.

Que ais sentidos!.. que soluços plangentes!.. que deliquios mortaes!..

Não ha no vocabulario humano uma palavra, uma frase, que resuma, que traduza, que decifre o silencio d'aquelle instante en-

tre a Mãe conturbada e o Filho agonisante.

E não vos compadecestes, ó raça infame, ao ver a Rainha dos Anjos com a face no pó e o Deus humanado com um mundo de desgraças aos hombros?!!

A hora se adianta, e Elle prosegue, deixando as gerações futuras vivas recordações de sua passagem.

Não o duvideis... As pegadas do Salvador do mundo estão escarpadas na ladeira do Golgotha, sem que o atrito do rodar dos seculos tenha podido apagal-as.

Que falta para completar-se o mysterio da Redempção?

Que falta para se cumprirem as profecias sobre o Crucificado?

O madeiro das ignominias converteu-se no cimo do Golgotha na arvore miraculosa da redempção; e recebe em seus braços Aquelle, de cujos hombros recebeu a seiva benéfica da salvação do mundo.

Eil-o ahi pendente, e desjunctado, mas não se lhe fractura um só osso, como havia sido predicto.

Ahi pede ao Eterno Pai pelos seus algoses.

Ahi, collocado entre dous ladrões, designa aquelle que o devia a acompanhar ao Paraizo.

Ahi indica a Mãe Santissima o discipulo amado, e a este incumbe das consolações daquelle.

E em quanto Elle vai continuando no codicillo de sua misericordia, a geração precitata vasa sobre Elle todo o odio dos reprobos, todo o escarneo dos desventurados com que provocam gargalhadas sinistras.

De sua capa inconsutil fazem o estendal dos vicios, e a disputam por sorte.

E a sede que o devora, offertam-lhe a esponja repugnante.

Ao total-a exclama: Está tudo consummado.

E o lyrio de Nazareth, segnndo a expressão de Ventura, inclinou languidamente o calix sobre o seu pedunculo.

A maior obra do Creador está completa no cimo do Calvario.

Jesus Christo ahi está com as costas voltadas para a cidade deicida, cujo nome, na expressão de M. Poujoulat, é doce como o perdão, terrivel como a vingança, melancolico como uma ruina ou como um suspiro do coração e consolador como a esperança.

Trevas de horror diffundem-se por todo o globo; vacilla a terra no seu eixo: fendem-se os rochedos em taliscas descommunacs; rasga-se o veu do templo, resuscitam os santos, e tudo isto para fazer coro com o centurião da guarda que brada cheio de assombro.— Na verdade este homem era filho de Deus.—

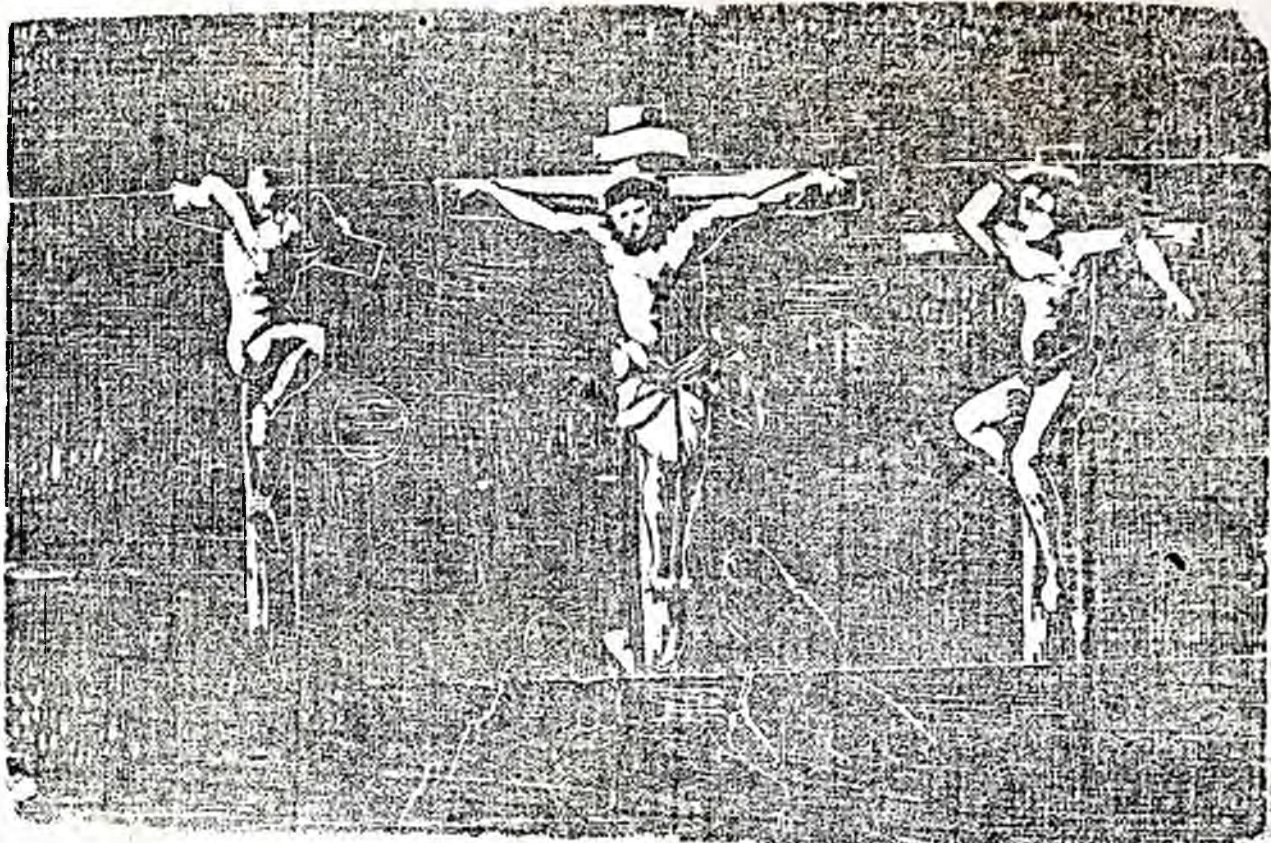
Um tumulo aberto em um rocha virgem recebe o corpo do Salvador do mundo, que fôra descido da cruz, embalsamado e envolto em um lençol novo por Nicodemos o Jose de Arimathéa.

A lousa do sepulchro está sellada com o padrão da Synagoga, e cercada de guardas: o por uma excepção unica e divina, aquelle sarcophago não encerra po, nem cinza, nem podridão, nem verme. O que habita ali é a luz, a fé, o amor, a gloria, é finalmente um Deus que desce agora a morada dos Santos Padres, dos Profetas, e Patriarcas, e que resurgirá ao

terceiro dia para confirmar as Escripturas, e subir ao Ceo.

Oh! meu Jezus crucificado como a arvore secular do Heliopolis que em signal de reverencia vergou seus ramos para saudar o Deus Menino que passava ali caminho do desterro: eu me curvo respeitoso e compungido ante o vosso tumulo sagrado, deixando ahí uma lagrima dos que soffrem os vossos martyrios, uma prece dos que creem na immensidade do vosso amor.

DR. L. WANEERLEY.



A MORTE DE CHRISTO.

I.

Vêde-o, co'a cruz aos hombros se encaminha

Do supplicio ao logar:

Em bagas mil seu precioso sangue
Inunda a terra; já sem força, exangue,
Nem pode respirar!

Sobe a custo a montanha do Calvario;
No fastigio chegou:

Arvorado na cruz, a Mãe querida
Disse o extremo adeus;—do peito a vida
N'un suspiro escapou!

Rasgou-se o veu fatidico do templo!
A terra estremeceu!
Traja luto a natura e a humanidade—
E o sol perdendo a luz na immensidade,
Cobre a face no ceu!

II.

Cumpriu-se o que estava escripto
No livro das prophecias;
Eil-o, o divino Messias,
Pregado n'aquella cruz!
As faces tão denegridas,
O peito aberto co'a lança
Pela furia da vingança.

Quiz ter o manso Jesus!

Quiz ter: com tanto que as portas
Do ceu aos homens abrisse,
Que do peccado os remisse
A troco daquella dor;
Quiz esgotar esse calix
Que lhe off'recera o Eterno,
Para livrar-nos do inferno;
Quiz tudo—por nosso amor!
Elle, o cordeiro innocente,
Creador do ceu, da terra,
E em quem a vida se encerra
Que tem infundo poder,
Nas mãos dos seus inimigos
Vae-se entregar humilhado,
E no lenho sublimado
Quiz morte injusta soffrer!

Christãos, curvem-nos todos
Humildosos, e contrictos,
A mente nos infinitos
Dos ceus, os olhos na Cruz:
Sigamos de Christo os passos,
Que no mundo deixar veio,
Co'o seu derradeiro aneio,
Farol de esplendida luz.

III.

E o mundo percorre n'um giro constante
 O astro da fé;
 Não pára, mas segue donoso; brilhante;
 Não teme a influencia de sombra inconstante
 Que passa-lhe ao pé!
 De balde rugindo tufão da impiedade,
 O tenta extinguir;

Seu fim não consegue, que a eterna verdade
 Arroja no abysmo o furor da maldade;
 E sempre a fulgir.

Do balde! que o mundo percorre constante
 O astro da fé;
 Não pára, mas segue donoso, brilhante,
 Não teme a influencia de sombra inconstante,
 Que passa-lhe ao pé.



OS MARTYRIOS DE JESUS.

Reis, monarchas, potentados,
 Offuscae vosso esplendor!
 Curvae a fronte humilhados,
 Vertei lagrimas de dor!
 Chorae a humana desgraça
 Que já p'ra o Calvario passa
 O filho de Deus—Jesus!—
 Lá vae caminho do monte!
 Lhe corre o suor da fronte,
 Levando ao hombro uma cruz.

Ao peso de tal martyrio
 Resistir não pode, e cabe,
 Olha então para o Empyrio
 E diz p'ra o Eterno Pae:
 «Senhor, Meu Deus, de improviso
 Mandae o esforço preciso
 Para ao meu termo chegar;
 Pesa muito este madeiro,
 Pois nelle do mundo inteiro
 Os erros se vem gravar.»

Disse: e logo novo alento
 Seus deveis passos conduz:
 Cyrineu sem outro intento
 Ajuda a levar-lhe a cruz.
 Elle vae; mas de repente,
 Ouvindo o clamor planzente,
 Volta o rosto, pára e diz:
 «Não choreis, filhas, meu fado
 Que o vosso é mais desgraçado,
 Mil vezes mais infeliz!»

Logo depois, em seguida,
 Coberta de luto e dó,
 Vê a Mãe sempre Querida
 Rojada a fronte ao pé.
 «—Salve Mater dolorosa!
 Elle diz com voz piedosa;
 E logo o corpo tombou,
 De mil settas traspassada,
 A Mãe não responde nada
 Porque a dor a congelou.

Qu'espectaculo assombroso!
 Quanta dor! quanta afflicção!
 Que calix tão amargoso!
 Que cruel flagellação!

Ver a Mãe do Filho exanguo!
 Ver tintas do augusto sangue
 As ruas d'atra Salém!
 Vel-o ferido e chagado
 Perseguido e a rastado
 P'ra ir morrer mais alem!

Reis, monarchas, potentados,
 Offuscae vosso esplendor!
 Curvae a fronte humilhados,
 Vertei lagrimas de dor!
 Chorae a humana desgraça,
 Que já p'ra o Calvario passa
 O Filho de Deus—Jesus!—
 Lá vae caminho do monte!
 Lhe corre o suor da fronte,
 Aos hombros levando a cruz.

Empuxões, punhadas soffre
 Com santa resignação!
 E' que seu peito é o cofre
 Da clemencia e do perdão,
 Foi por Deus predestinado
 Para lavar o peccado
 Das gerações inficis.
 E elle tudo cumprindo,
 Lá vae submisso seguindo,
 Dilacerados os pés!

Em cada pegada sua
 Deixa ao mundo a tradicção
 Do soffrer, que o extenua
 Pela humana salvação!
 E precita a plebe austera
 Mais cruel do que uma fera
 Nada traduz, nada vê:
 Applauda pelo contrario
 Em avistando o Calvario
 Os males que não prevê.

Eil-o já chegado ao termo
 De sua morte e paixão!
 E qual definhado enfermo
 Descança os membros no chão.
 Porem logo a cruz se arvora!
 E então dessa infeliz hora
 Começa novo soffrer!
 E a natureza enlutada

Sem de ninguém ser notada
 Também começa a tremer.

Seu Divino Corpo elevam
 As hastes d'arvore christan;
 E de novo a ira cevam
 Inspirada por Satan.
 Cospem-lhe escarneo no rosto,
 Entre dous lad. õ's é exposto
 No hasteado pendão!
 Tiram-lhe a capa inconsul,
 E parecendo-lhes util
 Por sceptro a cana lhe dão.

De espinhos se aprest a c'roa
 Que tem de a fronte lhe ornar.
 Novo applauso em torno soa,
 P'ra o martyr novo penar.
 E, enquanto alguns malvados
 Sobre a capa lançam dados
 P'ra verem de quem será,
 Outros dizem por folia:
 —Eis o Filho de Maria!
 —Eis Jesus, Rei de Judá!

«Eli, lama sabactani,
 Exclama o martyr da cruz!
 «Pede a Elias que te sane,
 Diz o povo;—si ès J zus—
 «Sêde brada o Innocente!
 Vinag e e fel (oh! que gente)
 Foi quanto se lh'offertou!
 E tendo aos labios tocado
 A esponja,—está consumado!—
 E a fronte ao peito inclinou.

Qu'espectaculo assombroso!
 Quanta dor! quanta afflicção!
 Que calix tão amargoso!
 Que cruel flagellação!
 Reis, monarchas, potentados,
 Curvai a fronte humilhado,
 Que a fatal hora soou!
 Eo Cordeiro immaculado
 P'ra nos remir do peccado
 Sobre o Golgota expirou.

RESPOSTA AO CORREIO DA EUROPA.

III.

Não é contra a patria dos brilhantes ornamentos da litteratura portugueza, os Srs. Mendes Leal, Alexandre Herculano, Latino Coelho e outros; e muito menos contra os portuguezes honestos, serios e circumspectos que habitam entre nós, a mais que justa animadversão que tem inspirado a leitura do artigo inserto no *Correio da Europa*: é unicamente contra o portuguez de borra, o estonteado traficante até da propria honra, o escrivinhador ingrato e infame, tacanho ná altura e nas acções, lapuz que nem para marinheiro servia pela isempção da vil figura que, no meio de nós que tam urbanamente o temos tratado,

ousa aggreddir-nos por tal forma, chegando o excesso criminoso ao ponto de deturpar as instituições do paiz.

Doe, doe muito, até o amago do coração, que estejamos em nosso seio alimentando a vibora que, esquecida dos favores que recebe, ja nos morde venenosamente com tanta ingratição!

Escrevendo estas linhas em prol da honra e dignidade nacionaes, tam alcivosa e atrozmente difamadas, a represalia da provocação insolita e descommunal, que inesperadamente recebemos, obriga-nos a conceitar as turbas, a apontar ao povo o curto e roliço author desse pamphleto, que tam a queima-roupa nos fôra assacado, para delle tomar estreitas contas.

Nestas e n'outras occasiões não valem as immuniidades.

Bem pouco tempo faz que um agente consular de um paiz do mesmo continente, a não estar em bom recato, seria victima merecida do furor publico pela cumplicidade que teve em certo attentado.

E nestes casos quem pode negar o direito soberano do povo, representado pela força—*ultima ratio* das cousas humanas?

Quem terá tanto sangue frio e paciencia, senão desfaçamento, que, conhecendo o lusitano *de unto e broa* que tanto nos diffamou, não dê-lhe pelo menos uma bofetada na lustrosa e polluta cara?

Disso não está elle livre; falta apenas a occasião que não deve estar longinqua.

Esta promessa fazemo-lhe nós com toda a segurança, e sem medo de engano.

E como não ser assim, si temos razão de sobejo para mais?

Que resposta mais justa e merecida aos seguintes trechos do tal pamphleto que entregamos á ira publica?

«*Não remontaremos á desgraçada alliança com Flores, e á guerra que ella trouxe, posto que prenda ahí a desastrosissima guerra com o Paraguay.*

«*O Brazil empreheudeu a guerra, e lá comprometteu a honra da bandeira nacional, e poz um paiz vastissimo e riquissimo de elementos naturaes ás beiras de um abysmo!*

«*E' horroroso o estado actual do Brazil, e é indispensavel pôr-lhe termo. Ou isso, ou a desmembracão daquelle vastissimo imperio!*

«*Dar-se-ha esta, de certo, si a incrível imbecillidade do governo do Rio de Janeiro deixar correr por mais algum tempo as cousas como ellas tem ido, e vão.*»

Outros trechos ainda mais picantes e insultuosos temos que reproduzir, e o *Asmodeu paraguay* que trema no dia do saldo de contos!

Publicou-se e corre impresso um *Boletim Politico* sobre o assumpto.

Desde ja é preciso dizer que não partilhámos e até reprovamos certas ideias contidas no mesmo, pois não se ha de sacrificar tantos homens por causa de um canalha.

—Certas economias dão em prejuizos irremediaveis.

—E' certo.

—Na segunda feira 6, ia da cidade para a Jequitaiá um saveiro carregado com 300 arrobas de carne; ao chegar defronte do arsenal de guerra afundou-se, afogando-se o remador.

—Com o mar bravissimo como tem estado, carregar um saveiro com 300 arrobas de carne, é imprudencia injustificavel.

—Requinte de temeridade.

—Talvez para economisar meia duzia de vintens na conducção.

—Justo.

Informam-me que quando o homem debatia-se com as ondas prestes a sorvel-o, passou o vapor da Jequitaiá e fez que não viu.

—Deshumanidade inaudita!

—O Sr. tenente coronel Paranhos, honra lhe seja feita, dava 100\$rs. a quem fosse salvar o infeliz, porém não houve quem se ardiscasse.

—Quem era o remador?

—Ignoro. Algum desherdado da fortuna a quem a sorte precaria obrigou a arriscar a existencia para ganhar um pouco de pão para matar, talvez, a fome aos filhinhos.

—O dono da carne?

—Chama-se Antonio José de Souza Ribeiro; já mandou os mergulhadores tiral-a.

—E prejudicada só ficou a familia do homem.

—E elle que perdeu a vida.

—Aqui está o troco.

—O que é isso?

—E' um *valle* do Caboclo, pode receber que corre em qualquer parte.

—E quem authorisou a esse Caboclo a emittir na circulação valles?

—Isso é o que não é de minha conta.

—O Gingas, sem duvida.

—Tambem não é elle só. A cidade está inundada destes papeisinhos, representando dinheiro.

—Boa especulaçãol

No dia em que algum destes individuos quizer, prega no respeitavel publico um logro de alguns contos de réis, empina-se e a policia fica coçando a cabeça.

Emfim, vou ao tal *indigena* ver se me paga os meus 480 rs.

—Sr. Caboclo, paga-me esse valle?

—Não tenho cobre.

—Virei outra occasião.

—Já ha cobre?

—Não.

—Fica para ao depois.

—Já?

—Ainda não.

—Então?

—Nada por ora.

—Para livral-o de incommodo aqui estão dois valles de 480 que prefazem 860 rs., tome mais 40 rs. e dê-me 1 \$ rs. em papel.

—Tambem não tenho miudos.

—E' extraordinario! pela sexta vez que venho a sua casa receber o que é meu e o Sr. não tem cobre, nem miudo!

—O que quer que lhe faça?

—Bem me disseram que o Sr. só resgatava os seus valles com generos.

Mas, eu não lhe acho culpa, uma vez que a policia consente em taes especulações.

Á PEDIDO.

—Este *vigario* tem cousas!

—O *vigario* deve ter por norma de seu procedimento a *S. Pedro*.

—Não querer que uma familia sua conhecida, fosse para as tribunas, porque, disse elle, tendo entregado as chaves a certa gente, era facil de encontrar-se lá com algum capadocio.

—E a quem elle qualificava de certa gente?

—Aos irmãos!

—Elle que não se faça celebre.

E'.

—O *Senhor da Paciencia* queira dar juizo a certa gente para não se dar a desfructe.

VARIIDADES.

A PENITENCIA.

—Onde vae, Mariasinha?

Venha cá.

—«Deus me livre! E' penitencia,
Não vou lá!

«Confessei-me ao senhor Padre,
Meus peccados lhe contei. . .

—O que fez Mariasinha?

«Ja não me lembro. . . não sei!

—Pois você contou ao padre...

Venha cá!

—«Ja não devo mais ouvil-o,
Não vou lá!

«Escutal-o—disse o Padre,
E' arriscar-me a perdição!

—Não foi commigo, menina...

—«Eu bem sei si foi, ou não!

—Commigo não foi...escute.

Venha cá!

—«Não quero perder minha alma...

Não vou lá!

«Eu contei nossos amores,
Té aquillo... que afflicção!

—Podia guardar segred o...

—Não valia a confissão!

—E o que disse o senhor padre...

Venha cá!

«Sabe o que mais? Va se embora,

Não vou lá!

«Medisse;—Fugi de vel-o,

Oh fugi da tentação!

—E qual foi a penitencia?

—«Uma foi...não vê-lo, não!

—E' porque cuidou o padre...

Venha cá!

—«Case commigo...pois antes

Não vou lá!

«Tenho mêdo do inferno,

Já não quero mais peccar!

—Terno amor, Deus não castiga...

—«Mas si Elle me castigar?...

—Me acredite...não castiga,

Venha cá!

—«Suas tenções não conheço,

Não vou lá!

«Por mostrar-me arrependida

Do Padre tive o perdão...

—Oh, diga...pois o tal padre...

—«Não peque...não falle, não!

—E para que confessou-se...

Venha cá!

—«Porque salvar-me desejo...

Não vou lá!

«Mas...Virgem Nossa Senhora,

Não vê-lo mais prometti!

—Maria... Mariasinha!...

—«Assim terno nunca o vi!

—Não me fuja...escute, ingrata,

Venha cá!

—«Deus me livre! E' penitencia...

Não vou lá!

J.

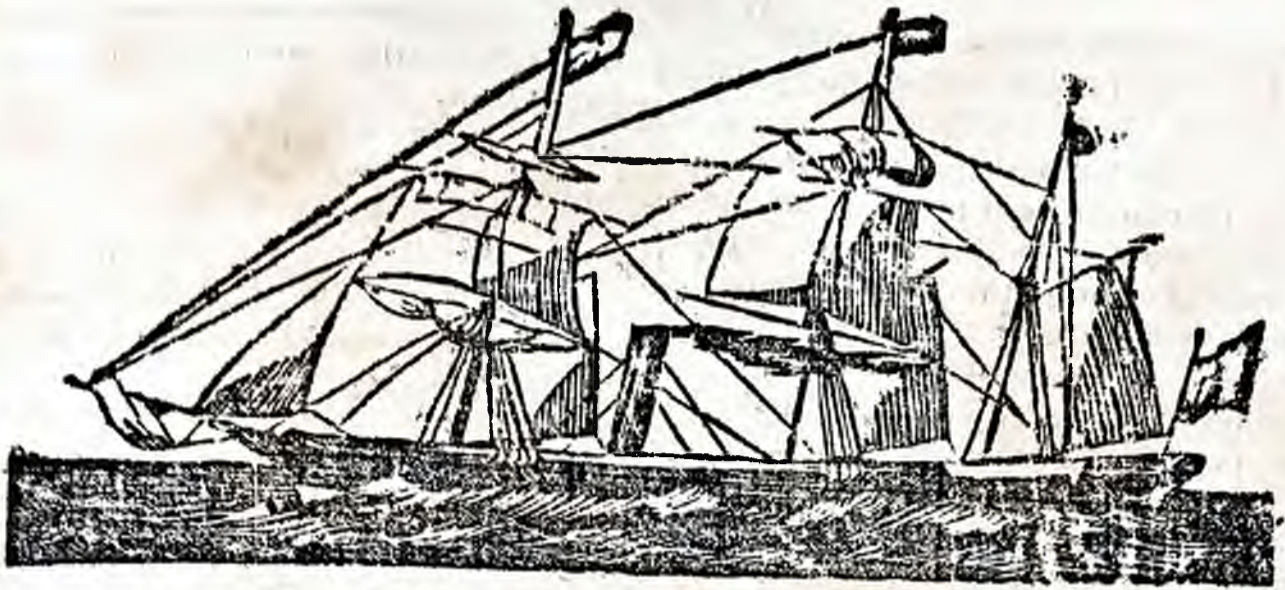
ANNUNCIOS.

A rua dos Carvoeiros n. 13 vende se um piano francez de mui boa vozes.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender rua dos Ourives loja n.º 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Margues, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1.00 rs., por serie de 10 ns. ou 5.00 rs. por 6 series.

Serie 33.

BAHIA

14 DE ABRIL DE 1868.

N. 348.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO CORREIO DA EUROPA.

IV.

O brilhante triumpho, alcançado pelas nossas armas contra o tyranno do Paraguay, de que foi portador o *Seine*, vem evidentemente confirmar que o brazileiro, apesar de não ser aguerrido e nem ter instinctos bellicosos, como disse o infame escrevinhador da *Correspondencia da Europa*, é tam forte e ousado quanto o soldado prussiano, quando tracta de defender a honra e autonomia de seu pavilhão.

Bem depressa veio mais essa prova irrefragavel da aleivosa e viperina penna do *caturrea* sandeu, varão *achinellado* da anachronica Lisboa!

Com a alegria da faustosa noticia, que correu instantaneamente por todos os angulos da cidade, houve quem, na effusão do maior prazer, quizesse dar a esse homunculo desfachado uma lecção tremenda de seu ingrato ar-rojo. Embargamos-lhe o commettimento, por que a hora ainda não chegou.

Isso, porem, não o livra, ou mais hoje, ou mais amanha, do furor publico que com anciedade o aguarda.

E' pena que o *caturrea* escrevinhador, tam amigo e defensor do despota do Paraguay, agora, nos paroxismos da perdição extrema, não lhe dê guarida certa de salvação!

Só o espirito de maldizer, sem rasão plausivel e contra todas as regras da gratidão, poderia impellir esse infame a negar a verdade dos factos de notoriedade publica, para atacar o Brasil por essa forma tam immerecida e descommunal.

Hoje, si elle proprio por sua letra e firma, viesse em publico desdizer-se das affrontas que nos irrogara, nem assim ficaria livre da *trovoada* que o espera.

Tal é a consequencia necessaria de seu acto.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
13 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegade do curato da Sé, chamando sua attenção para o procedimento irregular de uma mulher conhecida por *Gumbi*, moradora ao Maciel de Cima, a qual depois do jantar insulta com palavras e gestos obscenos aos visinhos, alguns dos quaes ja se queixaram ao delegado. Ha dias, depois dos insultos dirigidos por esta *honrada senhora*, foram ainda desafiados uns academicos pelo amasio della.

Espera-se de S. S., tão zeloso como é pela moralidade publica, providencie a respeito.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que por conta dos proprietarios dos predios ns. 2 e 4, ao becco dos Carneiros, mande tirar as goteiras das mesmas que ameaçam furar

a cabeça de algum pobre vivente, que por alli passe em hora aziaga. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que intimasse ao morador do sobrado n. 16, á ladeira da Praça, para que não continue a fazer despejo pela janella, com o que muito incommoda a vizinhança. Cumpra.

—Estamos em terra de mouros ou judeus?

—Que pergunta! V. não sabe que estamos em um paiz catholico, apostolico, romano!

—Entretanto vê-se 14 homens forçados a trabalhar no dia em que se commemora a Sãosanta Paixão do Redemptor da humanidade!

—Novo *systema penitenciario*.

—Que necessidade ha de mandar aquelles infelizes carregar tijollos no dia de hoje?

—Alguma obra de urgencia.

—A obra de mais urgencia que eu vejo, são reparos na cadeia, isso mesmo era dispensavel n'um dia tão solemne.

—Vá ver que quem dá tal ordem ha de querer passar por algum inculcado *Catão*.

—Elle tem mais gestos de *guerreiro*.

—*Catão*, ou *guerreiro*, semelhante proceder é uma falta de respeito aos preceitos augustos da religião, que não deve passar desaperecebido.

—A's ordens de V. Ex.

—Diga o que determina.

—Pedir-lhe providencias contra um abuso.

—Mas note que ao chefe de policia é que compete a repressão dos abusos.

—Embora.

—Em tal caso, si é de seu gosto, exponha sobre o que versa a sua queixa.

—Sobre a vendagem de bilhetes da loteria de Hespanha, que certos especuladores importaram, e que consta já se fabricam aqui, ou em Portugal, d'onde elles vem; no entanto, andam vendendo aos incautos, nem só dentro da capital, como nas cidades do recencavo, por preços fabulosos, dizendo que é por causa do cambio, quando é somente em proveito dessa sucia de espertos, que se empregam nesse illicito e fraudulento negocio, prohibido pela lei.

—E sabe quem são os importadores?

—São bem conhecidos; em geral são negociantes e os vendedores andam pelas ruas impingindo a quem come a caraminhola.

—Bem. Volte depois para saber do resultado, porque eu vou officiar ao chefe de policia a respeito.

—V. não disse que S. Ex. não gostava de rapança?

—Tenho ouvido dizer que não é affecto a gastronomia.

—Pois ouça esta que vai por conta de quem contou.

Sendo convidado pelos capuchos para assistir a festa da Piedade, compareceu. Fimdo o acto, percorreu a egreja minuciosamente, remanxando aqui e alli a espera de alguma cousa de entripar.

O Reverendo prefeito ja estava massado com a visita e com impaciencia esperava que o bom do homem se retirasse.

Este, depois de permanecer um bom espaço em esperancosa e glotidinal expectativa, vendo que não cheirava nada, resolveu-se a mandar saber pelo seu *adjunto si podia se retirar, e sinão era costume dar-se uma refeição depois do acto*.

—Isso é *cassuadã*.

—Quem contou pode saber.

O Reverendo prefeito com a maior ingenuidade despediu o *adjunto* dizendo—*Oh, não, Nossa Senhora da Pietate não faz funcção*.

O *adjunto* veio desapontado dar a resposta ao Exm., que ficou tambem com uma cara de *semana illustrada*.

—V. é um capadocio completo! Pois ha ninguem com dois dedos de juizo que dê tal desfructel!

—Si é peta é de quem contou para todos ouvirem, no botequim da Praça.

—Sempre é historia de botequim.

—Faça favor de me dar a fracção em quatro moedas de 500 rs.

—Não é possivel.

—Porque não é possivel?

—Porque não.

—Tanta adherencial! Entretanto que ha quem negocie com ellas as cancaras, a 10 por cento.

—E' impossivel.

—E si eu lhe provar quem desta casa ha poucos dias vendeu 200 D rs. em moedas de cinco tostões.

—Si for capaz de provar.

—Pois eu vou a *thesouraria* e na volta traço-lhe o nome do cujo.

—A commissão sanitaria do Pilar tem sido incansavel.

—Faz seu dever.

—Entre outras medidas, lembrou uma de summa utilidade.

—Qual é ella, meu charo?

—A remoção de uma fabrica de vellas que ha ao pé da egreja do Hospicio.

—V. quer ouvir uma cousa? Eu quando

vejo certas lembranças, apesar da boa intenção que as dita, fico assim desconfiado.

—V. é um homem pessimista!

—A culpa não é minha.

—E' de seu espirito vacillante que descreê de tudo.

—Enganou-se. A minha duvida vem da comissão não enxergar outras fabricas em condições mais nocivas.

Em S. Francisco de Paula, por exemplo, passaram desapercibidas duas fabricas de sahão e vellas, uma em frente e outra visinha a uma aula publica. Ao pé do quartel d'Agoa de Meninos ha uma outra, que muito encomoda aos moradores, entretanto a comissão não as viu.

—Está V. a esmiuçar tanta cousa! Não vê que a fabrica do Hospicio dá mais na vista, que alli ao pé mora o presidente da comissão?

—Ah! o presidente da comissão mora ao pé da fabrica... Está direito!

—Comprehende?

—Agora.

Assim mesmo como eu não sou daquelles que só pucham brazá para sua sardinha, faço minhas duvidas.

LA VAE VERSO.

O FILHO DO VAQUEIRO:

—Papai, tambem quero
No campo correr.
Por montes e valles,
Nos altos penhascos,
Nos verdes panascos,
Sem nada temer;
Papai, tambem quero
No campo correr.

Papai, tambem quero
A rêz campear,
Com vestea e perneiras,
Com minha guiada
De ponta afiada,
Que sei manejar;
Papai tambem quero
A rêz campear.

Papai, tambem quero
Comtigo sahir,
Com meu guardapeito
De pell' de veado,
No russo montado
Sem nunca cahir;
Papai, tambem quero
Comtigo sahir.

Papai, tambem quero
Viver no sertão,

Fechar a carreira,
Dar campo no gado,
Correr no talhado
No meu campeão;
Papai, tambem quero
Viver no sertão.

Papai, tambem quero
A rêz derrubar!
O'importa o perigo?
A rêz eu vencendo,
Meu sangue correndo
Não faz-me pezar;
Papai, tambem quero
A rêz derrubar.

Papai, tambem quero
Vaqueiro hoje ser;
Vestido de pelles...
Dos campos na lida,
Que dita... que vida...
Lutar é viver!
Papai, tambem quero
Vaqueiro hoje ser;

Papai, tambem quero
Saltar no curral;
Do leite das vacas

Encher o meu pote,
Domar o boyote.
Cural-o do mal;
Papai, tambem quero
Saltar no curral.
Papai, tambem quero

No campo correr!
—Cresceu o menino,
Agora, vaqueiro,
Seu filho primeiro
O mesmo a dizer:
—Papai tambem quero
No campo correr!

Á PEDIDO.

—Morrô, si não vier em meu auxilio S. Paulo. Como é que um subdelegado anda recrutando a quem está isempto por lei, deixando em santa paz aos que estão no caso de o ser?

—Mas V. o que quer, si os samboraes, e as gamboas que elle pesca pelas ruas não lhe dão para passar vida regallada!

—Então elle prende e depois solta a troco de dinheiro, não?

—Ha pouco se deu o caso de um soldado ter dado uma horrenda pedrada na cara de um paisano, que quasi o cega; fez-se corpo de delicto, mas não se processou o soldado, por elle dar dinheiro ao subdelegado!

—Vejam que moralidade de authoridade!

SONETO.

Praga a um anjo que tem seu dono.

*Ditosa não serás um só instante,
Os remorsos em fim hão de render-te!*

Sacrificios eu fiz só por amar-te,
Esforcei-me de todo em possuir-te.
Meios que pude obter buscou de unir-te
A minh'alma que jura idolatra-te.

Meu coração fiel em adorar-te
A tudo sempre soube preferir-te,
Minhas acções, alguns, vendo seguir-te
Pensaram ter veneno, astucia, e arte!

Que lucro tirei pois de ser constante?
O sangue se me gela inda ao dizer-te,
Que me deste um tributo degradante!

Meus males não poderão commover-te!
*Ditosa não serás um só instante
Os remorsos em fim hão de render-te,*

—Faz alguma emboscada, Sr. Pedro Cachaca?

—Não, estou a espreitar uma cousa.

—O que é?

—Uns vultos que me sahêm todas as noites da casa daquella viuva.

—Que paciencia de Jo! aqui na esquina a esbibilhotar a vida alheia!

São as mucambas da viuva, que depois que apanham a casa agasalhada, sahem a correr o fado, ali pela calçada a fora.

—Que breceiras! Espalhando duvidas sobre a reputação da senhora.

VARIEDADES.

Da cidade de Catalão, provincia de Goyaz, enviaram á Patria, de Nietheroy, a seguinte sentença, lavrada pelo delegado de policia daquelle cidade, a qual damos *ipsis verbis* aos nossos leitores:

«Visto estes hantos etc. encherça-se que o reu Pedro Mercurio é Vm. tratante de mão cheia, porque violô a força a pudicicia da muie do Joaquim Ourives, a qual pramode isso chorou muito, e o sobre dito Joaquim disse ao Januario que está deshonorado.

«A testemunha Quirino Rodrigues Ribeiro que assistio essa balburdia não impediu como era de seo rigoroso dever o desaforo do Pedro Mercurio. Portanto condemno ao mesmo Pedro Mercurio em 1 anno de prizão; ao Quirino em sem mil reis de multa para o Joaquim Ourives, mais 400 prizão. O escrivão passe mandado de prizão contra o pedro, e de pinhora contra o Quirino lansando no roes de culpados o nome de Pedro Mercurio, como insina os codigos e as lezes do imperio.—Catalão 7 Janeiro de 1862—José Pires de Moraes, Adelegado de policia.

MAXIMAS DO ZE CUTREA.

Empregado publico basofeiro.

E' chibante caloteiro.

Mulher muito janelleira,

Por força è namoradeira.

Africano conf dinheiro

Logo compra um companheiro.

Subdelegado fanfarrão

Ou è estúpido ou mandrião.

Juiz de paz do sertão

Quase sempre è toleirão.

Delegado trapaceiro

Tambem è alcoviteiro.

Todo negro preguiçoso

Ou è fujão ou machoso.

UM ESPADACHIM CASTIGADO.

Um tal Brown foi hospedar-se por alguns dias n'uma das melhores hospedarias da cidade de Oeste, nos Estados-Unidos. Offendeu involuntariamente o amor proprio de um coronel do estado de Indiana, commensal ordinario daquelle hospedaria, e homem levado por todos, em razão da sua força herculea e da sua destrez, no manço das armas. Brown deu

algumas desculpas ao coronel, o qual não se deu por satisfeito, e, na forma do costume, mandou a Brown um cartel de desafio.

Este ultimo não accitou o duello, allegando certos escrupulos de consciencia.

O coronel, suppondo que o seu adversario fosse cobarde, resolveu insultal-o publicamente assentando-lhe nas costas uma dose de bengaladas.

No dia seguinte apresentou-se na casa de jantar da hospedaria, munido de uma bengala; e, aproximando-se de Brown, começou a desancal-o vigorosamente.

Brown, sorprendido a principio, recobrou promptamente o seu sangue frio: antigo militar, sabia ser sempre cousa util molestar o inimigo, recorrendo a algum stratagem.

Portanto, em vez de travar uma lucta que podia ser desigual, e em que ficaria talvez vencido, saltou para cima da mesa, e, pegando nos pratos que mais á mão lhe ficavam, começou um tiroteio de que o seu adversario era alvo.

—Cobarde! quiz gritar o coronel, porem uma tigela cheia de caldo lhe tapou a boca.

Brown, do seu pedestal, lhe dirigia as seguintes amabilidades:

—O Sr. coronel não gosta de feijão verde?

Talvez goste mais de umas batatinhas, não é assim?

Ahi tem uns ovos fritos muito appetitosos.

Ahi vaee esse prato com mãosinhas de carneiro.

Os pratos voavam após as palavras, sem que o coronel tivesse tempo para por-se em guarda.

Todo coberto de gemmas de ovo e dos restos de outras ignarias, tossia, espinava de raiva, e limpava os olhos, que a cada instante lhe ennuceavam o caldo e os ovos que da cabeça lhe escorriam para o rosto.

Brown, quando viu que o seu adversario ia ganhando animo, lhe perguntou:

—Sr. coronel, quer um boeadinho de xitella assada?

E arrojou-lhe á cara uma magnifica perna de vitella, que campeava no meio da mesa. Atraz deste seguiu outro guisado, e Brown dispunha-se a subornal-o com um enorme pudim capaz de enterrar o coronel; porem este bateu em retirada, ao som das palmas e das gargalhadas dos circumstantes.

Brown dizia:

—Sr. coronel, não esperais pelo pudim, que è o melhor prato deste banquete?

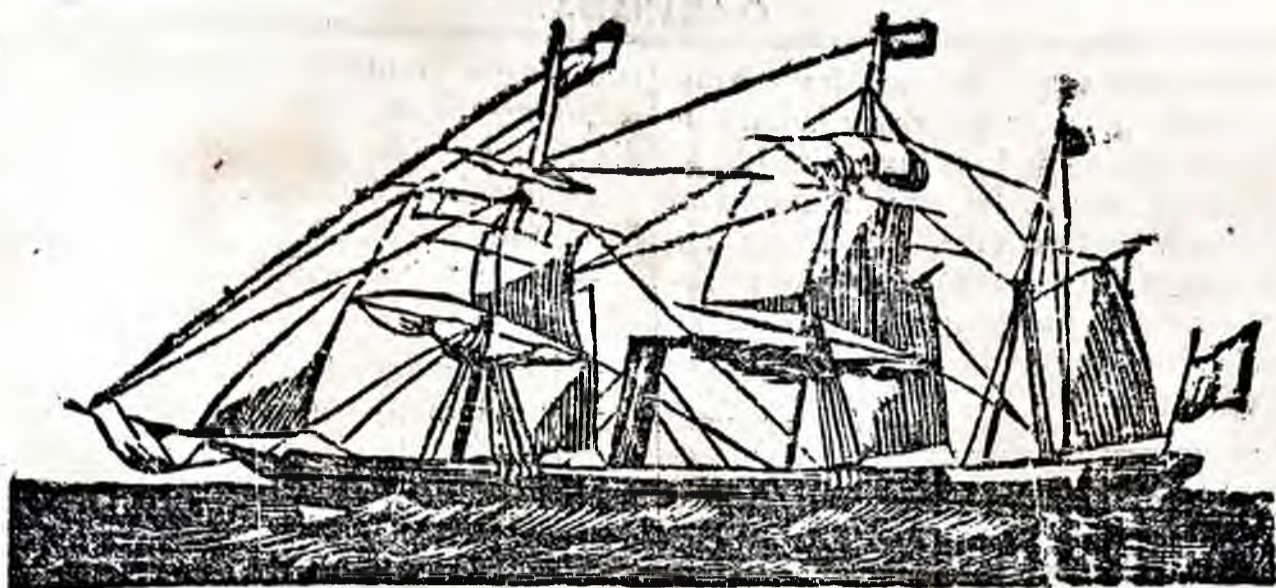
O coronel, conseguiu lavar a cara e tirar as nodças do seu facto; porem não conseguiu livrar-se do ridiculo de que o cobriam os ovos e o pudim; e se pôde livrar-se deste ultimo, não foi tão feliz que evitasse os sarcasmos do publico.

D'alli em diante, o coronel ja não mettia medo: debalde quiz intimidar algumas pessoas desafiando-as; toda lhe propunham um duello... ao pudim!

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender á rua dos Ourives loja n.º 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—M. José d'Azevedo—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10-nrs. ou 5\$ rs. por 6 series.

Anno VI.

Serie 33.

BAHIA

16 DE ABRIL DE 1868.

N. 349.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO CORREIO DA EUROPA.

V.

O conceito justo e merecido, que, em Portugal, (!) gosa o *Correio da Europa*, pela facilidade da aleivosia e da mentira, e pela protervia da diffamação e da calumnia, está no artigo publicado no *Jornal do Commercio* de Lisboa, transcripto no *Jornal e Diario* desta cidade de ante-hontem e hontem.

Assim, qualquer consideração, que quizessemos addir para mostrar a nenhuma importancia e influencia que tem esse pamphleto quinzenal, era por demais; por que são os proprios portuguezes honestos e moralizados, que se encarregam de mostrar o discreditto e aviltamento a que tem descido pela villania e hypocrisia que lhe são peculiares, a bem de interesses individuaes contra os da commuhão.

A mesma adulteração baixa e infame da verdade, que moveu a penna do *caturra* e cynico escrevinhador, quando teve de tractar de —*coisas portuguezas no Brasil*—relativamente á subscrição para o asylo de D. Maria Pia nesta provincia, essa mesma causal impelliu-a á respeito da guerra do Brasil contra o tyrannico e despótico governo do Paraguay.

Desmascarado em ambas as occasiões, como sempre, o miseravel, receioso de suas imprudencias e desatinos, recolhe se aos basti-

dores, sem que ao menos ouse tugar, nem mugir, ápenas increpando a outros esses artigos deturpadores, que a consciencia publica, apesar de tudo, aponta como seus.

De maior pusillanimidade e covardia hypocritas não ha exemplo!

Felizmente que não será esse ingrato e safado, *ex-legislador de Angola* (so por ahil!) capaz de tirar o direito e justiça que assistem ao Brasil na declaração e empreza dessa guerra, rehabilitadora da dignidade de seu pavilhão.

Perdido para todo o sempre ficaria o imperio brasileiro ante as nações civilizadas, si pelo aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda*, e pela invasão das provincias de Mato Grosso e Rio Grande do Sul cruzasse os braços, não defendendo a sua integridade e autonomia.

Dahi unicamente é que poderia provir a sua perdição, e não do modo porque tem procedido até hoje.

Ahi estão os factos, uns após outros, a confirmar essa proposição com todo o brilhantismo da verdade.

O Brasil não está a beira do abysmo; nella está o seu infame detractor; e pouco tempo não falta para que tenha logar a submersão.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, chamando sua attenção para o des-

commedimento de umas depravadas negras, que se juntam todas as noites na ladeira da Saude, becco do Pombal e immediacões, as quaes praticam nesses logares immoralidades impossiveis de descrever, não so em acções, como em palavras; razão por que, torna-se de urgente necessidade, que S. S. dê uma providencia que sirva de correctivo a essa gente da pá virada.

—Quer ver uma *peça curiosa*?

—Alguma das tomadas ao Lopez?

—As do Lopez eram troncos de arvores cobertos de couro.

—P'ra o diabo que as carregue! Si ellas sendo *tronco* nos faziam tanto mal, si fossem de ferro o que não seriam?

—Porem, homem, V. está *equivocado*, não é dessas peças, que servem de arbitro no litigio das nações que eu fallo.

—Então de quaes são?

—É um edital de um inspector de quarterão.

—Ora diga lá.

—Lá vae tal qual:

«M. J. de B. Ispetor deste quarterão, que Deus Guarde por Sua Magestadê etc. etc.

«Faço saber aos que virem este presente, que ordens recebi e são estas; 1º das oito horas da noite de hoje em diante, *ninguém* andará nas ruas sem bilhete de seu senhor. 2º Toda a pessoa que vir um ajuntamento *illicito*, em uma parte, não se meta nelle, pena de prisão perpetua logo sem mais remissão e nem agravo. 3º He prohibido andarem pretos *parados* pelas vendas. 4º Ninguém poderá vender bebida, nem dar a quem já estiver embriagado. 5º O que for designado para a guerra não me faça andar atraz d'elle, como succedeu com o filho de comadre Totonha, pois não tolero mais, que neste verídico assumpto da guerra não tenho ligações com mulher nem homem, que assim me foi ordenado. Ficão revogadas as leis encontrario, e por isso fiz este que prego na porta de casa, para todos lerem. Quarterão n. 4 da freguezia subdelegada da C..., 8 de Fevereiro de 1868.

«M. J. B., Ispetor aprovesionado.»

—As armas imperiaes rojadas pelo chão...

—V. perdeu o senso, rapaz?

—A razão?

—Pois agora que as armas imperiaes triumpham no sul, de victoria em victoria, V. atreve-se a dizer que ellas estão abatidas!

Isso é paraguaysmo.

—Ora adeus! As armas imperiaes que eu fallo, são as pintadas n'um painel que collo-

cou-se em frente de palacio e que d'ahi atiraram na rua, na porta de palacio por muitos dias, e que agora o Sr. Azambuja consente que esteja jogado aos trombolhões, servindo de cabeceira ao sentinella da porta do Calundú;

—Ah, agora entendo.

—Isto é insuportavel!

—Que tem, que está tão arreliado?

—Pois não! Actualmente não ha biboca que não se julgue authorisada a emittir valles e ao de pois não quer remil-os.

—Como?

—Servem-se da evasiva de nunca ter troco para resgatal-os e o resultado é que o publico ou ha de perdêr, ou gastal-os desnecessariamente.

—Esta queixa V. deve ir fazer na porta da policia, que é quem consente semelhante escandalo.

—Creia, que na cidade baixa principalmente, parece uma praga: tudo quanto é tasca, biboca, etc., tem seus valles.

—Uma vez que o mal é geral, é soffrer com paciencia.

EA VAE VERSO. SUPERBIS.

Que valém brilhantes sonhos,
pensamentos tão risonhos,
creados na phantasia,
si os anhelos tão queridos
são todos, todos perdidos
no sopro de uma agonia?

Que valem palmas de gloria,
si esta vida é transitoria
como a luz do pyrilampo,
e se as vaidades terrestres
terminam sobre cyprestes,
dos finados sobre o campo?

Que importa que a populaça
vos dê applausos na praça,
vos animando ao porvir?
Hoje a turba vossa amiga,
amanhan vossa inimiga
maldizer-vos ha de vir!

Romens, amigos das glorias
alcançadas nas victorias
não vos eleveis assim;
os loiros por vós collidos,
de pranto e sangue tingidos,
serão cyprestes por fim.

Quando a trombeta sonora
soar na ultima hora,
convocando as gerações;
este sangue derramado.

vos ha de ser perguntado
no volver das tradições.

Foi pelo amor da virtude?
da luz em solicitude?
em prol da religião?
em favor da caridade?
em procura da verdade?
ou por vosso orgulho vão?

E vós agora exaltados,
sereis todos humilhados
na presença do juiz;
e nas trevas confundidos,
escutareis os gemidos
dos que morrem nos fuziz.

SONHO:

Que sonha o filho do povo
Na typoia de algodão,
Na casinha de palmeiras,
Dormindo junto ao fogão?
Vê por sorte recrutado
O rico junto de si;
Nobre, ativo, humilde, pobre,
Soldados... iguaes alli...
Igualdade! Os brasileiros
Iguaes á face da lei,
Servindo todos a patria
Sem isempção d'uma grei.
Livre o branco, livre o preto,
Não mais tanta abjeccão,
Não mais—senhor, nem escravo,
Acabadá a escravidão...
O pobre sabendo ao menos
O nome seu escrever;
Obrigado embora á escola...
E' liberdade o saber!
Castigado o despotismo,
O caprichoso mandão,
Que acabrunha o povo imbelles
Sem temor, sem compaixão...
Castigado o delinquente
Lá nos palacios tambem,
A virtude premiada
D'aquelle que ouro não tem...
Sonha ver... eis que o desperta
Da policia a ferrea mão!
E' innocente... qu'importa?
Vai gemer n'uma prisão!

CANÇÕES POPULAERS

DESCONFIANÇA.

«Quando eu me fôr d'esta terra,
Vou pelos ares voando,
Para qu'os mattos não digam
Que ja me viram chorando.»

—Olha, Maria, não-sabes

O que me vai ea por dentro...
A's vezes tenho vontade
De me empurrar pelo centro...
Por causa da tyrannia
Com que me trataes, Maria!
—O que lhe falta? Não tem
Cavallo de montaria?...
—Maria!

—Anda-se a pé muito bem...
—Ingrata, cruel, tyranna,
Escuta meu coração:
Não sahirei á cavallo,
Nem com os pé sobre o chão:
«Quando eu me fôr d'esta terra,
Vou pelos ares voando,
Para qu'os mattos não digam
Que ja me viram chorando!»

Armarei a minha rêde
Onde cõrra fresco vento,
Que me suffoca a lembrança
De teu falso juramento...
D'aquelle ditoso dia
De nosso encontro, Maria...
—Somente quer me deixar?
Ja tardava... eu bem sabia...
—Maria!

—Tudo o faz desconfiar...
—és a culpada, não sabes
Que è medroso o coração?
Tem pena, pois se mudares,
Si eu não morrer de paixão,
«Quando me fôr d'esta terra,
Vou pelos ares voando,
Para qu'os mattos não digam
Que ja me viram chorando!»

Á PEDIDO.

O *Piroca* dos rios desculpou-se com o *geral*,
dizendo que tudo era calumnia de seus ini-
migos.

—Mas a prova é, que ha bem puxados se-
te mezes, elle passcia pela cidade em quanto
outros, desditosos filhos de Eva, pennam por
esse valle de lagrimas das freguezias de fora.

—E' chito; deve haver qualquer motivo
para que uns comam carne e outros roam
essos.

—Supponha, que nós estamos..... mas,
onde figuraremos nós que estamos?

—N'um *hospicio*, por exemplo.

—Bem lembrado! Acertou.

—Estaquemos em frente a um vistoso
edificio.

—Mas espere. Não estamos no *hospicio*?

—Sim, mas da parte da *rua*.

—Bem.

—Como dizia, imagino que estamos em frente a um vistoso prédio, propriedade de um homem poderoso nesta terra.

—Poderoso porque é rico, tam somente.

—Isso não vem ao caso.

—Ao que serve.

—Penetremos no interior.

—Transpozemos os umbraes, e estamos em frente a uma salla decentemente mobiliada; salla que fica desde já conhecida com o nome de *pantheon do vicio*.

Installados, como estamos, no edificio, observe V. o quadro que se lhe descortina aos olhos.

—No meio da salla ha uma meza quadri-longa, na cabeceira da qual, está sentado um homem de cor espapaçada, tirando a marmore, physionomia de calango, quando se aquenta ao sol; nos labios, quando falla, assumalhe a furto, um riso semelhante ao ardid da raposa.

—Cardoso, é o nome com que baptisamos a esse individuo.

—Ao lado deste, está outro individuo, perfeito ova nas feições e a quem a *mentira* parece estar se denunciando em cada movimento.

—E' o *Manuel*; fornece os fundos para o engodo da pithagem de que depois trataremos.

—Do fundo, vem um sujeito que traz nas mãos uma caixinha envernizada.

—E' a caixa das *fixas*.

—E' alto, magro, sem barbas e pera, conservando apenas um ligeiro bigode.

—Ozorio, chamaremos a esse ente, em falta de outro nome.

Agora toda a attenção para as scenas extraordinarias que se vão representar neste tremedal de corrupção.

(*Continúa.*)

Pelo inclito S. Bernardo minimo, pede-se a certo empregado de policia, que va entregar o trancelin de ouro que artificiosamente tomou a uma mulher na Conceição do Boqueirão, sob pena de ser levada a presença do Exm Sr Dr. chefe de policia uma petição de queixa e de se contar minuciosamente o ardid de que se serviu para haver o mencionado trancelim.

VARIEDADES.

VERDADES PURAS

Tão singelas, como duras.

Negociante á carroira,
Tem apertos n'algibeira.

Caixeiro sempre em passeio,
Sorvo ao amo mez e meio.

Marido que se levanta
Sempre depois da mulher.
Quando *sofre*, é porque quer.

Seja boa, ou má demanda,
Escrivão p'ra tua banda.

Menina de roupa preta
De tarde, andando em passeio,
Não tem outra na gaveta.

Quando fallares de alguém,
Repara que perto vem.

Viuva que falla em honra,
Tanto a chorar, como a rir,
Tem mazella que encobrir.

F... estava n'um botequim em companhia de amigo.

Depois de tomar um refresco, F... deu uma moeda de cinco tostões para pagar as despesas. Momentos depois voltou o moço e fazendo soar o dinheiro no marmore da mesa disse;

—Men caro senhor, esta moeda é falsa.

—Falsa?... De cá, deixa-m'a ver...

F... examinou-a attentamente e exclamou:

—Ah, barbaro! que olhos que tens! Olha. Que diz isto?

—1854.

—Pois então, como queres tu que seja falsa? Si o fosse, era impossivel que tivesse circulado tanto tempo. O moço ficou convencido.

Henrique IV, rei de França, encontrou um dia, nos aposentos do Louvre, um homem para elle desconhecido, e cujo aspecto não parecia muito commum. Perguntou-lhe de quem era criado: «De mim mesmo» respondeu o homem n'um tom soberbo e pouco respeitoso. «Meu amigo, respondeu o rei, o teu amo é um tolo.»

ANNUNCIOS.

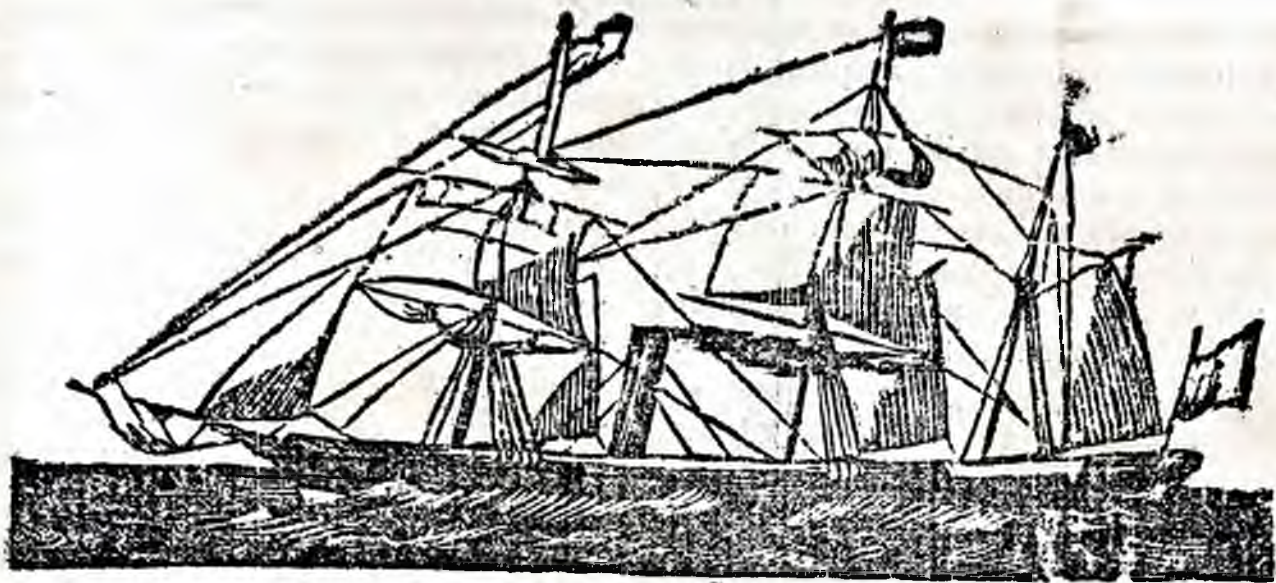
Manuel Maria Rebouças encarrega-se de qualquer questão militar, bem como de tirar patentes, por menos que outro qualquer; á rua das Flores n.º 96.

Defronte a botica do Sr. Peixoto, á Calçada do Bomfim, vendem-se dous burros bons para carga, por preço commodo.

Chama-se attenção do subdelegado da Sé para um viveiro que ha na rua Direita de Palacio na loja do sobrado n.º 42, habitado por gente desenfreada, onde ha constantemente desordens.

A rua dos Carvoeiros n. 13 vende se um piano francez de mui boa vozes.

Typ. de Marques, Aristides e C.^a



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Serie 33.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

18 DE ABRIL DE 1868.

N. 350.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO CORREIO DA EUROPA.

VI.

O ingrato e safado escrevinhador, inimigo do Brasil, ente abjecto e repugnante na forma e nas acções, mesmo as da vida intima, receioso das consequencias que forçosamente devem dimanar dos improperios e insultos, affrontas e injurias, que cobarde e aleivosamente irrogara ao povo brasileiro, ao governo constituido e até á augusta e inviolavel pessoa do imperante, com a hypocrisia de um phariseu, vem a prélo para eximir-se da imputação tam grave quanto verdadeira, que lhe cabe no libello atroz e pungente, que fez publicar no *Correio da Europa* de 13 de março do corrente anno.

Para obter algum exito chegou tarde.

Hoje, entre o immenso povo que habita esta capital, nacionaes e estrangeiros, não ha ali duas pessoas que não reconheçam e tenham convicção intima da participação directa ou authoria que teve o infame *calurra* nesse pamphileto.

Provas inequivocas até de pessoas insuspeitas—como os seus proprios patricios, tem elle recebido por esse acto de tamanha torpeza e villania.

Muito embora a violencia deixe sempre um amargo trazo, e o despertar de um accesso seja sempre doloroso, não podemos deixar de

apontar ao povo esse *laponio gallego*, tam amante e dedicado ao serviço do tyranno do Paraguay, para uma prestação de contas na hora aprasada.

Certas affrontas não devem passar impunemente.

E' preciso um exemplo para que torpezas e infamias dessa ordem não se reproduzam mais entre nós, praticadas por aquelles, em cujo beneficio temos feito tudo quanto temos podido fazer.

A expiação do culpado è um preceito social e divino, que ninguem pode derogar.

E' um desaggravo necessario aos nossos brios offendidos e ao ultraje da nação inteira e do seu primeiro cidadão.

Não nos enganavamos quando, ha cinco annos, viamos a nimia franqueza de nossa sociedade, abrindo suas portas a esse brutal sandeu.

Sempre dissemos que aquelle riso constante encobria uma negra hypochrisia, e aquella ruidosa alegria um pensamento odioso.

Pouco tempo tem decorrido, e eis a verdade de nosso vaticinio infelizmente bem transparente.

Não fazemos votos unicamente para que esse inimigo gratuito, ingrato e rancoroso do povo brasileiro, que tanto o tem acolhido, seja d'aqui banido in continenti.

Queremos mais alguma cousa, quando nada—para evitar exemplos de futuros.

Pois quel? havemos nós ser tam nescios e fracos que, em nossa propria casa, estejamos

soffrendo hospedes ingratos, a quem tanto gasalhado temos dado?

Havemos de ser tam pusillanimes e faltos de estímulos que sofframos resignados essas e outras, reagindo apenas por um simples protesto de vingança?

Não, mil vezes não! E' preciso enxotar de casa esse ingrato, mas enxotal-o á ponta-pés.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
17 de abril de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, para que mande concertar o caso que arrebentou ao pé da casa n. 27, á ladeira da Praça, o qual converteu aquelle logar em uma pequena lagoa de agoa putrida e miasmatica; e não sendo esse concerto cousa que demande grande despeza, espera-se que a Illma. não duvidará de mandar fazel-o.

—Ao Illm. thesoureiro do Senhor do Bomfim, para que informe, si é exacto o boato espalhado de que ha dias fora enterrado um barro nas immedições do templo; e no caso de ter sido assim, a razão porque não providenciou S. S., morando alli tão perto.

—Nesta terra não ha authoridades ecclesiasticas?

—De sobra.

—E consentem tão deponente espectáculo!

—Peior tenho eu visto.

—Peior do que andar este maluco com a Imagem de Nossa Senhora, envolvida n'uns trapos, dentro de uma gamelinha a querer por força que lhe deem esmola, e a insultar os que não dão?

—Este sujeito não é um portuguez que andava a rezar pelas egrejas?

—E'.

—E depois deu para espancar as pessoas, que desaparecidas passavam ao pé delle?

—Elle mesmo.

—A mania de pedinchar nelle é chronica. Até agora esmolava para si, e descompunha os patricios, quando não lhe davam com que satisfazer a ociosidade, ou lhe offereciam trabalho; agora vale-se de Nossa Senhora para especular!

—E' preciso que quem tem obrigação disso faça acabar com tão industriosa maneira de viver.

—E com tão ridiculo escarneo á religião.

—E incomprehensivel, extraordinario, admiravel!

—Que embrulhada é essa?

—A Praça do Mercado é constantemente rondada pela policia; entretanto os roubos se reproduzem alli com uma frequencia espantosa.

—E' que os larapios cegam a policia.

—Eu creio que ella é que se deixa cegar.

—E' o mesmo; apenas inversão de palavras.

—Uma noite por outra apparece roubada uma barraca e a policia está sempre *vigilante!*

—Bagatellas! bagatellas!

—Entretanto dão-se singularidades de passar, como na noite de 6, que os ladrões tiveram tempo de arrombar uma barraca, carregar 300 cocos, pol-os á salvo, sem que a policia que *andava ahi* desse por isso!

—Quem sabe si neste negocio não anda *magica?*

—Pode ser muito bem.

Á PEDIDO.

—Capitão, recrutei um velhaquete de primeira plaina.

—Serve.

—Um tratante de quatro costados e que entretanto andava campando de honrado entre os companheiros.

—Onde o filou?

—Na rua dos *Taxos*.

—Apresente-o.

—Eil-o.

—E' este? Não parece.

—Engana a qualquer.

—Tem as feições de um perfeito *seraphim*.

—Não faz mal a um *pinto*, sendo seu.

—E' verdade que o habito não faz o monge e por tanto faça-lhe a accusação.

—Este ladrazo vendeu dolosamente a um tabareu uma barrica de farinha de trigo, a qual até o meio era farinha, e dahi para baixo cal.

—Boa experteza!

—Quando o tabareu deu pelo logro, veio reclamar, porem o patife desculpou-se que tinha comprado a um preto!

—E' rapina, não tem duvida.

—Quando foi isto!

—Hontem, 15.

—E' assim que esses tratantes enriquecem de repente; compram aos pretos pelo barato generos roubados, falsificam-nos em cima, impingem aos credulos, e assim vão accumulando dinheiro à vapor.

—E V. Ex. dizendo que elle parecia um *seraphim!*

—Realmente. Porem agora estou crendo no que V. diz; que a um *pinto*, sendo delle, não faz mal.

—E si conversar com o *Martins*, fica de queixo cahido.

—Não precisa; para lhe fazer carga basta esta.

Va chamar o muxingueiro para pôr este tratante á ferros.

(*Continúa.*)

—Ja vendeu as telhas, Sr. *Sobreal*?

—Vm. não m'as quiz comprar, vendi a outro.

—Eul Deus me livre; comprar um furto!

—Furto não; foram arrecadadas de uma casa que o tempo destruiu.

—E que seriam aproveitadas pelo dono, si o Sr. não se adiantasse.

—Isso prova deligencia da minha parte.

—Nem por estar *em frente* ao Engenho da Conceição, o Sr. tem receio!

—*Meltonho*, para que não entregas o livro de musica que surripiastes a mulher?

—Que mulher, Sr.?

—Finges-te de ignorante, animal manhoso!

—Mas, si eu não me recordo?

—E's um infame hypocrita!

O livro que furtastes a pobre Julia, aquella incauta, que por dar ouvidos as tuas refalsadas palavras, cavou a sua infelicidade.

—Ah! Ella não sabe musica e o livro para nada servia-lhe.

—Mas serviu para rapinares.

Quando deixarás de ser mau?

Não haverá algum momento em que essa alma de chicharro sinta algum peso pelo mal que tem praticado?

—Estou de consciencia calcinada.

—Monstro!

Nem ao menos sentes remorsos ao te lembrares daquelle infeliz rapaz, que foste causa de ir parar no Paraguay, deixando ca sua mão ao desamparo?

—Isso corre por conta do recrutador que foi quem o prendeu.

—Por tuas endiabradas insinuações, affim de não pagares o salario do rapaz.

—Não sabe que foi meu discipulo?

—Sei, e que trabalhou um bom par de annos para ti.

Ao depois foi trabalhar em outra parte, e tu o chamaste offerecendo-lhe o que la ganhava.

O rapaz, pela consideração de ter sido teu discipulo, accitou.

A paga que lhe deste, foi, quando tinhas accumulado em tuas unhas uma boa quantia do rapaz, ires denunciá-lo ao recrutador em uma vespera de chegada de vapor e elle ser

preso e embarcar immediatamente, deixando sua mãe na miseria.

—Era um malcreação, queria arreminar-se comigo.

—Quando tu, cara de pucuman, lacrao humano, fazes o que fazes com teu proprio filho, quanto mais com os outros.

Um escravo de mau senhor não é tratado como aquelle desgraçado. Esfarrapado, de pés no chão, anda pela rua das Mercês, que faz dô, morto a fome, pedindo pela visinhança o que comer.

—Si eu la não moro....

—Mas tens uma obra, onde vive atirado o infeliz como um despresivel cão.

—Tu que fostes creado nos chiqueiro ou senzallas dos titulares de S. Francisco, não podes dar outra educação a teu filho se não essa que recebestes.

A natureza deve se envergonhar de produzir entes abominaveis como tu.

(*Continua.*)

Offerecido a certo menino que bem entende o verso.

MOTTE.

*Tem fina côr de canella
O tal menino emproado.*

GLOSA.

Tem orelhas de cadella,
Tem pernas de saracura,
Tem a tez bastante escura,
Tem fina côr de canella.
Tem chagas e tem mazella,
Quer passar por delicado;
Mas não bole no passado;
E si lá quizer bolir,
Na cosinha irá cair
O tal menino emproado.

—Sabe me dizer si o regulamento das patrulhas está alterado?

—Não. Porque?

—Porque indo na segunda feira á noite ao Bomfim, encontrei todas as vendas da Calçada fechadas ás 8 o 1-quarto, e disseram-me que era por ordem do subdelegado.

—Algun capricho.

—Não; diz elle que recebeu communicação do chefe.

—Mas si houvesse tal communicação era para todas as subdelegacias.

—O caso é que me informaram que as vendas da Calçada continuam a fechar ás 8 horas por que o subdelegado assim quer.

—Manda quem pode e obedece quem serve.

—Tambem não é assim, não estamos em terra de viva quem vence.

VARIEDADES.

ENTRE NOS

Por que te arrufas, donzella?
Acaso mentiu-te alguém,
Que eu amo ja outra bella?
—Inda vem?

Sim! porem si é crime agora
Meus protestos repetir,
Não te zangues, vou-me embora ...
—E pode ir.

Sempre o fel, oh! vida minha,
Tingir-te as rosas se vê
De teus labios de rainha!
—Sim? porque?

Lá porque-não sei... que graça!
E' porque me queres mal,
Sem motivo, ou por *chalaça*!
—Ora, qual!

Tu es «rosa» e tem as resas
Perfume, espinhos tambem
Por entre as folhas mimosas!
—Isso tem!

Ab! já vejo, os meus gemidos
Não podem mover-te então,
Nem te movem meus pedidos!?
—Isso não!

E's então qual rocha viva,
E eu, de rastos ao so pe,
A beijar-te, onda captiva!?
—Isso é.

Mas, sinhá, se de teu seio
Eu pedisse o teu amor,
Dar-m'o-hias sem receio?...
—Trahidor!...

Um coração de balaio
Não penses que sou, jamais!
Si tal for, me parla um raio...
—E que mais?

Como às outras, julgas mesmo
Que olvidei-te alguma vez,
Que te busco sempre a esmo?
—Oh! talvez!...

Si eu te jurar o que sinto,
Que adorar-te ja jurei,
Julgarás que ainda minto?
—Eu... não sei!

Si este amor, se esta alma immensa
Poderes comprehender,
Mudarás minha sentença?
—Pode ser.

E si eu fosse, nos amores,
O cultor do teu jardim,
Me darias tuas flores?
—Isso sim!...

E a fugir, dos labios castos
Puro ceu luziu fugaz;
E eu bradei seguindo os rastos:
—Oh! não vás!
B. de Buckingham.

COMME IL FAUT...

«Um advogado que a maior parte do tempo passava junto da sua livraria, foi interrompido na leitura pela visita de sua mulher que lhe disse:—Que feliz seria eu se fôra livro, porque então estarias muito tempo junto de mim.»—A que o advogado respondeu:—«Eu tambem o estimaria com tanto que fosses como o almanak de Laemmet, por ser um livro que todos os annos é substituido.»

Que dous entes que se amam, se conhecam antes de se amarem, é cousa que pouco importa; dizia um individuo a Champfort; porem dous conjuges devem conhecer-se bem antes de se amarem.

—Ora! se si conhecessem, a maior parte delles não se casavam, respondeu Champfort.

Jantava um dia Descartes em companhia de uma joven, quando o veio visitar um importuno ignorante.

—Não sabia que os philosophos tem por costume comer tão bons manjares em tão bella companhia.

—Não sei por que, responden Descartes; imaginaes talvez que a natureza fez as mulheres bonitas e os manjares delicados só para os ignorantes?

Um individuo ameaçava uma mulher de publicar as cartas amorosas que ella lhe tinha dirigido; ao que ella respondeu:

—Pode fazel-o; só tenho a envergonhar-me da pessoa a quem as escrevi.

—O' mamanan, o que é um beijo?

—Ora! é uma tolice.

—Olé: eu digo isto porque o meu noivo está-me sempre a pedir tolices.

Um individuo muito conhecido dos nos-os leitores apresentou-se vestido com jaqueta n'uma sala de baile e ao vel-o, um dos directores aproximou-se-lhe dizendo:

—Meu caro, o senhor commette uma grande falta.

—Porque? respondeu o interrogado.

—Porque vem de jaqueta e nestes sitios costuma-se apparecer de casaca.

—Nesse caso não sou eu que commetto a falta, quem falta é o panno.

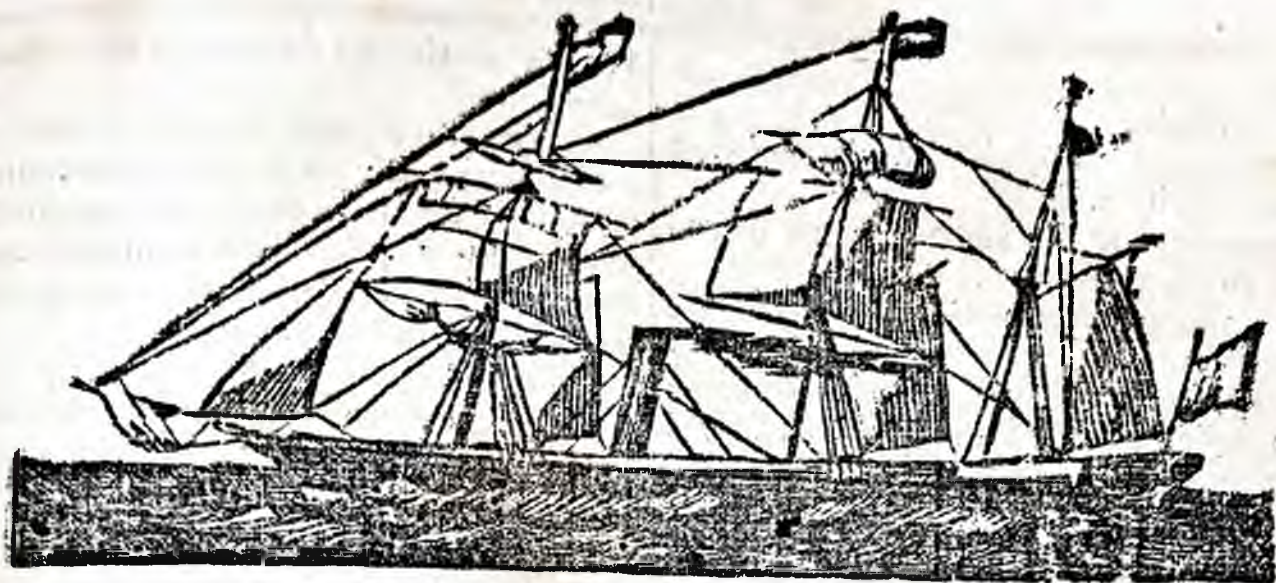
DEFINIÇÃO

«O que é patrimonio? perguntava em Coimbra um lente a certo examinando em direito.

—Patrimonio, respondeu o estudante, é o que o filho herda de seu pai.

—E o que herda da mãe tambem se chama patrimonio?

—Não, senhor: nesse caso é matrimonio.»



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

21 DE ABRIL DE 1868.

N. 351.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
20 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, requisitando-lhe a remessa de certo *rapandonio*, ligeiro de unhas, que anda por essa freguezia a agasalhar o que não é seu.

Como seja difficil a S. S., assim vagamente, atinar com o taful, remette-se-lhe os dados, por onde possa chegar ao conhecimento delle.

E' um rapazola, cuja vida é pescar na ponte da companhia Bahiana, onde entendeu que devia constituir-se official de *visita* na bagagem dos passageiros que alli desembarcam, tendo ja S. S. recebido queixas neste sentido.

Ha pouco, tendo mandado fazer um bolo inglez para mimosear a sua *jonja*, e não tendo dinheiro para ir buscalo, entrou em casa da mesma, onde tem liberdade, e safou a surdina o resplendor de Santo Antonio, e outros objectos de ouro n'um oratorio e foi vender a um moço no Porto do Bomfim para poder assim presentear a sua *pecora*. Suppõe-se que semelhante facto chegou tambem ao conhecimento de S. S. e por tanto por elle deve S. S. saber quem é o magano de quem se trata, e apressar-se em remettel o quanto antes para bordo deste navio, afim de ser enviado ao Sr. Dr. chefe de policia.

Espera-se.

—Este Sr. Azambuja tem lembranças que parecem esquecimento!

—V. conheceu o Viva-Pureza?

—Não.

—Era um mentecapto que na presidencia do Martins ia para o Pau da Bandeira dar vivas ao presidente.

—E que quer dizer com isso?

—Queria dizer que bemaventurados são os pobres de espirito, porque delles é o reino do ceu.

—Ora bolas! Eu a fallar nas lembranças exquisitas do Sr. Azambuja e V. a interromper-me com cousas que não vem ao caso.

Ouçã o que eu vou dizer, que é melhor.

—Ti-rim, fechou-se, quem fallou já vae longe.

—Pois o homem que na terça feira santa, mandou tocar musica na Praça, para divertir-se, não prendeu o commandante da guarda de palacio, porque passando o Sacramento, o corneta por impossibilidade não poudé tocar a continencia?

—E elle podia prender?

—Ahi é que está o espicha.

—Entendo que devia participar a quem compete, isto é, aos commandantes das armas ou superior, para estes punirem a falta.

—Mas si o homem entendeu que devia arrogar a si attribuições que lhe não competem.

—Está porque o Dr. Euzebio disse o que disse na assembléa, sabbado.

—O *Tacão* entrou fazendo das suas.

—Já?

—E' verdade.

Desempregou o atizador da claridade por um fatuo capricho.

—Aposto que lá elle não está como Barata no terreiro de gallinhas.

—Em vão o armazenista asseverou que o homem esteve boas quatro horas de sentinella na sua porta á espera, o *Tacão* respondeu que era tarde, porque tinha por habito não desfazer seus actos.

—Tambem ha uma qualidade de animal, que quando emperreia para um lado, não ha taca que o demova.

Vá ver que a demissão foi por motivo frivolo.

—E ridiculo.

Ordenou ao rapaz que o fosse esperar na porta de um armazem, á cidade baixa.

O rapaz esperou-o até 5 horas e meia e tendo de accudir a sua obrigação, vendo que elle não apparecia, retirou-se.

No outro dia foi para o olho da rua.

—Que arbitrio!

—E a fofice? Ter desar de reparar uma injustiça somente para não desfazer um acto seu!

—E' stultice.

—Que tal, o sultão de estopa?

—Pobre idiota!

—Como se chamava o rapaz?

—*Avó de Christo*.

—Si quem governa fosse outra cousa, seria bom levar a seu conhecimento tão excessivo abuso de poder, porem creio que tão bom é o balaio como a tampa.

—Nem perca seu tempo.

—Ha dous dias não ha missa no Collegio!

—O motivo?

—Porque os Srs. conegos entendem que devem metter-se em casa, exhortando as comadres a perseverar nas regras de bem viver e não apparecem na egreja.

—Os homens são velhos e receiam aggravar as enxaquecas, sahindo á rua com este tempo; ficam aqueitando as *costellas*.

—A excepção do Cyrillo, que mora no edificio, nenhum foi lá nem domingo, nem na segunda feira.

—Deixal-os; é preciso que cada um dê seu contingente, no ramo que lhe toca, para o desmoronamento desta sociedade carunchosa.

—O africano Victorino desflorou uma menor de 11 annos, na freguezia do Pilar.

—E em que ficou esse negocio?

—Está em vel-o-hemos.

—O Sr. Campos, morador ao Cruzeiro, n.

1, ia sendo victima da audacia de um larpio.

—Como?

—Sciêto o gatuno de que durante o dia a casa ficava só, para ahí encaminhou-se, munido com os competentesapparelhos e ferramentas e principiou o arrombamento, quando, por accaso, entrou uma preta que veio frustrar-lhe os planos.

—Fugiu?

—Retirou-se mui tranquillã e pausadamente, como si acabasse de praticar uma obra meritoria.

—Que qualidade de gente é elle?

—Creoulo.

—O Sr. Campos que se dê por satisfeito de escapar, por um successo, das unhas do tal ratoneiro.

—São bem fundadas as seguintes apreciações do *Diario Fluminense* sobre a guerra.

—Leia para eu ouvir.

.....
—«A' operação da passagem formidavel do Passo do Humaytá, e tomada de Laurells e Tayi, e forçamento do Timbó etc. etc., affirmou-se officialmente que o sitio do inimigo era perfeittissimo, que elle ficara completamente encurralado, e devia render-se a descripção!

«Correm os dias, passa mais de mez, e, fortificações formidabilissimas, até então de difficil accesso, annunciam-se cahidas em poder dos nossos braços após porfiadissima resistencia!

«E dessas fortificações, linhas de Curupaty, ha pouco haviam sido expellidos projectis diabolicos contra navios da nossa esquadra, que as haviam forçado apezar de tudo!

«O sitio estava perfeito, e, depois destes acontecimentos, immediatamente após, nossas forças atacam aquellas fortificações tomam-nas, e por toda a artilheria que ali encontram, annuncia-se um—canhão e troncos de arvores cobertas á couro, fingindo peças!

«E era—esta artilheria—quem nos fazia damno grande, e furibunda resisteneia as nossas forças!

«Por Deus! E' isto serio?...

«Ou antes, acaso o governo do paiz está escarnecendo das milhares de victimas que sacrificou nos esteros do Paraguay, e das—centenas de mil contos—que consumiu ao contribuinte do Estado, sacrificando o futuro de duas ou mais gerações!?

«E' que, acudirão os—famelicos—do poder actual, as forças inimigas retiraram,—abandonando vergonhosamente em fuga as suas posições, a artilharia, o trem de guerra o até levando os feridos!

«Santo Deus! Que exercito no mundo ja ponde, —litteralmente cercado, em vergonhosa fuga, abandonando suas posições fortes— levar tanta cousa consigo!

«E o que mais é, não ser apanhado!»

«E este mesmo exercito dizia-se ha pouco —retirou-se para *Humaytá* e agora prepara-se a opinião publica, dispõe-se o seu espirito á receber talvez a nova e monstruosa surpresa de que—parece que *Humaytá* está inteiramente abandonado, por ter-se retirado o inimigo levando seus trens etc. etc!»

«Mas retirando-se por onde e para onde, se perfeitamente encurralado e cercado estava elle?»

«Talvez por algum—grande subterraneo—desconhecido do inimigo; talvez por entre as linhas sem ser presentido; talvez por.....»

À PEDIDO.

(Continuando do n.º 349.)

—Prosigamos.

A noite estendeu seu veu escuro sobre o rosto da terra.

O *pantheon do vicio* está illuminado.

Ozorio, respeitavel chefe da archiconfraria, passeia á largos passos de uma extremidade a outra, a espera dos *parceiros*.

Cardoso, gram-mestre da ordem, e a quem addicionaremos o sobre-nome de Caruso, está magistral e arrogantemente sentado no topo da mesa verde, ensaiando os dados com que deve fazer a colheita.

Admiravel competidor do Albano na *palmeação*, é inexcedível na dextresa com que prende *um dado* entre dedos.

As victimas vem chegando, que são horas.

Entregam se por vontade propria as mãos do sicario.....

Quantos sacrificios não se fez durante o dia, com quebra talvez da propria dignidade, para adquirir dinheiro com que se va saciar a voracidade desses monstros famelicos?

—Como se consente nesta terra, que meia duzia de homens, aberrações da natureza humana, estejam a explorar a sorte, o porvir de innumeradas familias? Como se consente publicamente esse mercado horrivel e immenso do patrimonio das familias, dos capitaes, das industrias, de toda riqueza do corpo e da alma?

—Continuemos.

Com a gente que tem entrado em casa de Ozorio, ja ha *roda* para principiar. Cardoso estende sobre a mesa alguns montes de fixas de marfim e, para engodo dos papalvos, puxa dos bolsos, especie de sorvedouro, uma massagada de papel moeda, capaz de formar

um travesseiro, que pabulamente arroja sobre a meza.

O jogo principia.

(Continua.)

Sr. Redactor.—Lendo no seu periodico n.º 350, de 18 de abril, n'um—á pedido—uma historia da rua dos *Taxos*, de um individuo que tem feições de *seraphim* e que não faz mal a um *pinto*, tratando de uma barriça de farinha de trigo, a qual até o meio era farinha e dahi para baixo cal, que este individuo tinha vendido a um tabareu; sabendo, como diz o tal author do escripto, o *Martins* de factos desse homem, venho as columnas do seu conceituado periodico, provocar a quem quer que seja o author do escripto, á arrancar a negra mascara que lhe cobre a infame cara, afim de dizer qual foi o tabareu, assignando seu nome no escripto e declarando sem allusões o nome do tal tratante que vendeu a farinha.

Bahia 20 de abril de 1868.

A calumnia esmagada.

(Continuação do n.º 350.)

—Capitão, este gallego parece que tem pacto com o diabo.

—Este azemola não é o labrego que ha pouco mandei pôr a ferros?

—E que V. Ex. chamou de *seraphim*, elle mesmo.

Não sei como ponde a besta illudir a vigilancia da tripolação e pôr-se ao fresco.

—Onde o encontrou?

—Na tasca da rua dos *Taxos*.

Mas, capitão, eu não quero roubar a gloria alheia; quem filou este incorrigivel trapaceiro não fui eu.

—Quem foi?

—O fiscal *Mem*, que o pegou com o rabo na ratoeira.

Na occasião justamente em que elle mandava para a rua duas das taes barricas de farinha com cal, o homem appareceu de improviso e apprehendeu-as.

—Então, sôr rato de cloaca, ainda não pagou a primeira e já faz segunda, alem de aggravar a culpa com a fuga?

—Ah, Sr. capitão, eu já combinei com o fiscal de pagar a multa da postura n.º 52, comtanto que isto fique em mortorio.

—Para continuares em teu latrocínio, não?

—Capitão, V. Ex. não attenda as lamurias deste falsificador e rapina.

Elle e o Vicente da *Taboa grande* são os mais decididos e animosos tratantes, compradores de furtos, que pisam nesta terra.

Não ha muitos dias que comprou a um preto um barril de manteiga furtado.

Já tem freguezes que constantemente lhe vão levar ceras de figos, caixas de vallas, sabão e etc.

V. Ex., portanto não tenha com este brato a menor consideração.

—Leve-o para o porão, mande-lhe dobrar os ferros e recomende todo cuidado, porque tenho o que fazer com este animal.

(*Continua.*)

RECITATIVO

—Amo-te, Lilia, n'este amor ardente
—Como está quentel—Que me tem desfeito
Ainda espero que se parta e quebre
—'Stará com febre?—Teu gelado peito.

E' febre intensa, reacção divina
—Tome quinina...—Que me faz demente!
E' fogo activo, que me escalda o sangue
—Ora não mangue!—Que me offusca a mente.

Es tu que accendes; qu'em meu disvario
—Está com frio?—Mais e mais vigora
Como se fora mineraes crateras
—Falla deveras?—Teu olhar devora.

Oh! qu'eu não possa desfructar serena
—Pois olhe, é penal—Doce paz de amores,
Teus olhos, Lilia, de continuo vendo
—Estou-lhe crendo!—Mais gentis que as flores.

Ah! qu' eu não possa por mais alto empenho
—Q' culpa eu tenho?—Q' te mostre est'alma
De mil triumphos que por mim tiveram
—Já me disseram.—Levantar a palma.

Quão desditozos estes sons que a lyra
—Por quem suspira?—Melodia fatua!
Baldadas notas em que amor imploro
—Olhe que eu choro!—De marmorea estatua.

Condão terrivel que possue comtigo
—Falla commigo?—Tão fatal, tão lindo
Pallida esphinge ou purpurina roza
—E' verso ou prosa?—Que seduz ferindo.

Antes o fôras! na esperança minha
—Que ladainha!—Buscaria arrimos
Quem colhe as flores maltratado embora
—Nossa Senhora!—Lhes desfructa os mimos.

Mas oh! que soffra e sem gozar padeça
—Não me aborreça.—Decretou-me o fado,
Alma perdida que o Edem reclama
—Chore na cama.—Que lhe está vedado

Do fado a letra o coração submisso
—Deixe-se disso.—Curtirá nos males,
Ja que és tão surda, que somente um'hora
—Ja vai-se embora?—Nem se quer me vales.

Em paz te deixo, de afflicções que somem
—Creia-se em homem!—De meu sizo o lume
Não has de oh Lilia! de saber mais nada
—Muito obrigada.—Nem um so queixume.

Heide o meu sonho com proficuo estudo
—Estamos no entrudo?—Desviar da mente
Adeos, o tempo me dará coragem
—Boa viagem.—P'ra viver auzente.

Dr. João Pedro da Cunha Valle.

VARIEDADES.

O QUE MUITOS FAZEM.

«O caixeiro de um negociante de molhados deu parte ao patrão que o vinho estava quasi acabado.

—Pois deite-lhe mais aguardente, disse o negociante.

—A pinga tambem está se acabando, tornou o caixeiro.

—Deite agua na pinga, e não me aborreça.

—No pote ja não ha mais.

—O rio é fonte inexgotavel, replicou o patrão muito zangado: ja lhe disse tantas vezes: pinga no vinho, agua na pinga, e pote no rio.»

Houve uma epocha em França em que os actores se negaram repetidas vzes a representar em companhia de outros collegas. Momentos antes de uma representação, e apesar da ordem do rei, varios actores e entre elles mad. Clairou e a celebre Arnaud, negaram-se a trabalhar, pelo que foram todos presos. Ja na prisão mad. Clairou exclamou com dignidade;

—O rei pode prender-me, mas não me pode fazer perder a honra.

—E é verdade, disse-lhe muito baixinho mad. Arnaud; porque aonde não ha, el rei o perde.

QUANTOS DESSES HA?

Encontram-se em uma rua dous individuos, amigos velhos, e travam a seguinte questão sobre a divindade suprema;

—Já, quantos deoses ha?

—Deus.

—Como é isso?

—Um é o Deus que todos nós christão adoramos, e o outro sou eu.

—Não blasphemes, homem.

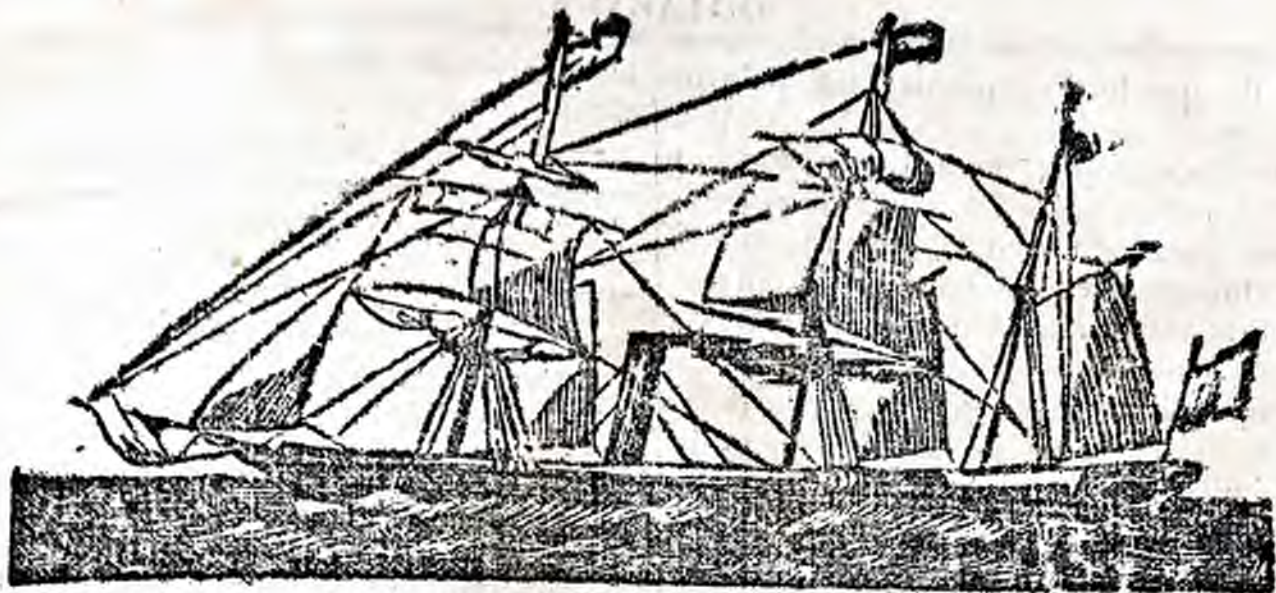
—Va perguntar a miuba mulher, que, sempre ao levantar-se e deitar-se, diz:—«Com Deus me deito e com Deus me levanto.»

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender á rua dos Ourives loja n.º 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

23 DE ABRIL DE 1868.

N. 352.

O ALABAMA.

O presente numero é o 2.º da serie 36.^a

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, dizendo-lhe que mande acabar com um endemonhado batucajé que desde domingo está zoando no Bom-gosto, casas 59 e 60, com consenso, dizem, de S. S., o que não é crível, apézar de estar nelle envolvido o inspector França, que asseveram ser da cuca; e como tenha alli se dado publicamente alguns factos reprovados pela moralidade, espera-se que S. S. faça immediatamente acabar com tal orgia.

- Horriavel sacrilegio!
- Onde?
- Na cathedral de Latronopolis.
- O que foi?
- O sanctuario escandalosamente profanado.
- Por quem?
- Pela Margarida.
- Ora eu sei lá quem é que se chama Margarida!
- A barregan do *prebendado* a quem alcanham de Cyri.
- O que fez essa desesperada?

—Entrou na sachristia, onde o tal *prebendado* se acha alojado e quebrou cadeira por cadeira, rasgou alfaias, atirou vasos ao chão, profanou as Imagens e fez um berreiro infernal, que só no mais depravado cortiço se pratica

—Que escandalo!

—Isto foi passado á vista de alguns companheiros do *prebendado*.

—E um devasso destes é que vae para certa pharmacopéa ajudar a se atassalhar a vida alheia!

—E' a escoria da classe.

—Dá-se despotismo maior!

—O que é isso?

—Martinho Xavier, na occasião em que embarcava-se para Itaparica com sua mulher, que está com a barriga para cada hora, foi brutalmente recrutado, deixando o que é seu a troxe-mocho no caes.

—Como se prende a um homem casado que acompanha sua mulher!

—Os cannibaes tiveram a crueldade de deixar a pobre mulher, que não sabe caminhar nem carreira nesta terra, desmaiada na rua ao desamparo!

—E fallam tanta cousa de Lopez!

—Aqui está uma do *rebimbomalha*.

—Vejamus si é alguma banalidade.

—E' o *Diario do Rio* quem conta a seguinte.

—A *ESTALADELLA*.—A policia é avisada em Ni-

theroy de que foi raptada da casa paterna uma menor.

Conhecido o raptor, cerca lhe a casa, e veio elle á presenca do Dr. chefe de policia.

Nega o accusado que tivesse raptado a menor, embora ella fosse encontrada em sua casa; estava ahi por ter vindo livremente visital-o.

Prestada a fiança, ia começar o processo, quando o Dr. chefe de policia é procurado por um individuo.

«Senhor, disse-lhe a pessoa, venho confessar á V. Ex. uma fraqueza. Devedor de uma divida de honra para a menor F., acabo de ser informado que o Sr. S. está sendo processado como seu raptor. Ha nisso intriga; assevero á policia que esse Sr. é incapaz de actos menos honestos; e reclamando contra esse procedimento, venho declarar que estou disposto a casar-me com essa menor.»

Apenas a policia tinha mandado chamar o escrivão para tomar essas declarações, quando outro individuo se apresentou, e disse que tinha revelações particulares á fazer, e pediu por isso, já uma audiencia particular.

Recolhido á uma sala reservada, o segundo sujeito repetiu pouco mais ou menos as declarações do primeiro; acabando por dizer que, para reparação de suas faltas, estava disposto a casar-se.

A policia sabiu ás nuvens e começou a ver nessas scenas uma comedia; mas nem por isso se desconcertou.

Mandou os dous culpados de confissão espontanea esperar, e fez vir a menor á presenca delles.

A' nenhum ella conhecia: mas ambos sustentavam a verdade de suas declarações. Era para admirar tanto cynismo!!!

Eis a explicação do enigma:

Para ver acabado o processo sem escandalo, o indigitado raptor conhecendo um individuo, que especulava com sua pessoa por todos os meios, offereceu lhe esse ensejo para tomar uma posição, dando-lhe certa quantia.

Sem recusar, pediu elle um dia para resolver-se.

Não apparecendo, e devendo o processo ter andamento, fallou-se a outro no mesmo sentido, e sendo a proposta aceita, encaminhou-se a policia á dar começo a realisação do ajuste.

Nesse interim o primeiro fallado decidiu-se pela affirmativa da proposta, e tambem dirigiu-se a policia; porém em tão má hora, que já se iam tomar as declarações ao compa-
nheiro com ignorancia sua.

Qual não foi o espanto de ambos, quando,

acareados com a menor, ficaram sabendo que a missão era igual?»

— Na realidade ha gente para tudo.

Á PEDIDO.

(Continuando do n. 351.)

—Continuemos.

Na torre dos monges *benditinhos* acabaram de soar pausadamente doze badaladas, que foram repercutidas pelo campanario da matriz do *Chaveiro do Ceu*.

Nesta hora, em que o jogo chegou ao apogeu de medonhas vicissitudens, penetremos nesse antro de horrores e observemos o que lá se passa.

Que quadro pavoroso!

Semblantes esqualidos, de cabellos desgrenhados e feições macilentas, è o quadro atterrador que se desenha a nossa vista!

Quantas sensações, quantos sustos, quantos sobresaltos se não sentem á roda daquella pequena meza!

Oh! como aquellas respirações se suspendem; como aquelles corações se contraem; como aquelles corpos estremecem; como seus olhos se fitam; como suas linguas emmudecem; como elles se anniquilam ao despontar desse numero fatal a que chamam *gatas*; ou dessa carta infernal chamada *bocca*!

Quereis ver um exemplo?

Ide dizer nesta hora de anciedade a alguns daquelles infelizes que sua casa está a arder; que sua filha unica está moribunda; que a sua idolatrada esposa o trabe; nem sequer vos ouvirá!

Mas, não vos admireis disto.

Os spectros não ouvem.

—Horriavel mania de jogo!

As raras alegrias do ganho não compensam as angustias e furores da perda.

O dinheiro que se ganha, esbanja-se de momento; o que se perde, è mil vezes contado, mil vezes pesado, mil vezes chorado.

O jogador que ganha não è feliz; o que perde è um desgraçado.

—Pura verdade.

O jogador que perde, examina si jogou bem ou mal, critica suas paradas, tira conclusões edificantes.

O somno do jogador infeliz è atroz. Revolvem se-lhe na mente phantasmas e visões.

O valete que era sua favorita, e que o fez perder vinte paradas; o agiota que vem exigir o pagamento de uma lettra; o creado que vem pedir dinheiro para as despezas; a mulher, que com a severidade de seu gesto, vem perguntar pelo resultado do jogo da vespera, tudo persegue o infeliz!

O acordar deste somno è ainda peor, é a realidade.

Oxalá pudesse elle dormir para sempre...

Mas, como desviamo-nos tanto do assumpto, em quanto Cardoso, essa cobra de cascalho, recolhe os ultimos despojos dos infelizes que lhes cahiram nas garras?

Reatemos o fio e prosigamos.

(Continua.)

—Capitão..... capitão..... V. Ex. faz favor!

—Oh! meu charo..... Então, ha alguma novidade?

—Venho enjoado e envergonhado do cynismo do gallista *Lélé*, da freguezia d'Avó de *Christo*, que continua nas suas desenfreiadas patifarias, a ponto dos seus proprios parentes serem os primeiros a censural-o.

—Historias!

—Pois creia. Eu ouvi o *João* que andou embarcado junto com o *Francisco*, para a *Costa*, no brigue *Junior*, seu cunhado, e que exerce o logar de inspector na citada freguezia, fallando amargamente na Praça do tal gallista, dizendo—que queria coagil-o para que attestasse a não residencia do *Pereira* e outros, na rua do *Genipapo*,

—Quem é este *Pereira*?

—Aquelle filho do *Castro*, que aprendeu a tocar rabeça com o *Rodrigo*.

—Já sei.

E esse gallista tem influencia na freguezia?

—Nenhuma, capitão. A influencia d'elle é só com os gallistas e betadores de pombos.

—Este é o tal memoravel *Britto*, que queria impôr aos honrados inspectores para attestarem a residencia de immensos phosphoros seus, não?

—Justamente.

—Que ameaçou aos inspectores com demissão no caso que não considerassem, moradores nos seus quarteirões, os phosphoros por elle admittidos na qualificação?

—E' este mesmo.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vá já e já agarrar o safado do *Lélé* e metta-lhe a repugnante cara na cloaca do navio.

—*In continenti*, capitão.

—Que papelucho é este que V. traz na mão?

—E' a chronica de um meliante muito conhecido entre nós, que estou coordenando.

—Olá! isso deve ser cousa de mão cheia.

—Consta de 9 capitulos.

O 1.º conta seu nascimento, a maneira por

que veio e chegou ao Brasil, sua vida caixeiral e *industriosa*, suas aventuras nas gavetas e secretarias.

O 2.º, como entraram os massos de sedulas, onde estiveram guardadas, a forma porque principiou a passal-as, etc.

O 3.º, o passeio á Europa, a prisão e certos episodios.

O 4.º, o primeiro casamento, o tratamento que deu a essa infeliz moça, e o estado em que a pôz e que foi causa de sua morte. Este capitulo tem uma nota do roubo que fez aos herdeiros.

O 5.º, as horriveis transacções de agiotagem, enriquecida de preciosos documentos dos mais notaveis roubos, o numero de pessoas assassinadas, das que hoje vivem na miseria e o resultado das penhoras.

O 6.º, as aventuras com tia Maria, sua escrava.

O 7.º, os baralhos nos bailes, a reunião em S. Felix e os roubos a diversos.

O 8.º, a morte de pae João.

O 9.º, episodios domesticos. O filho com a mulata sua escrava, a venda do mesmo para o Rio Grande em companhia da mãe.

—Bem, bem, arranje isso que hade ser obra prima.

—Venha ca, Sr. *harmonioso*.

—Vou com pressa.

—Deixe-se disso, *Badu*, indo assim ás carreiras, V. cansa.

—Não me masse.

—Diga-me, sabe quando sahe o *periodico musical*?

—*Isso entende-se* com o *Baldoino*.

—Julguei que V. tinha ingerencia.

—Posso retirar-me?

—Que pressa! Vae pagar aquella continha?

—Qual?

—Das vellas que V. tomou na venda do *Cruzeiro* para festa da *Conceição da Industria* e até hoje mudou o caminho?

—Não pago que me deitou no *Alabama*.

—Mas si V. fez bregeirada? Pediu-as vellas como quem queria pagar e quando as apañou nas mãos, largou-se e nunca mais voltou?

—Elle que me chame a juizo.

—*Isso é theoria* de velhaco; eu acho melhor que V. va pagar ao homem para evitar alguma visita do muxingueiro.

Isso é para não comprometter a sua popularidade.

—Capitão, grande novidade no trem do mar!

—Alguma descoberta?

—Não, é a chegada de um homem, que veio em commissão do Rio, que nada valle, para examinar o dito trem, em virtude do governador ter madre nos ouvidos.

—Então emprenhou?

—Parece.

—Ora bolas!

—Dizem que o tal examinador é francez, deixou o umbigo em Portugal; por isso está prompto com a sua singida mansidão a servir de carrasco.

—Tudo é progresso.

—Porque não examinam o trem do mar da côrte, onde ha uma grande commandita, da qual é chefe o homem dos celebres contractos de madeira e carvão de pedra?

—Responda-lhe o Zaca-góes, e o homem da industria.

—Que diabo de cambalhacho é um de latas de gaz, cheias de agoa salgada, Sr. Manuel?

—Foram os saveiristas que pregaram uma buxa no José.

—Tambem elle só compra nabos em sacco!

—Nisso é que se aproveita. No balcão não se faz nada.

—Então soffra por esta vez. Nem sempre o ribeiro ha de estar cristalino.

—Mas isso é um roubo, encher latas de gaz com agoa e ir vender.

—A como venderam a lata?

—A 5\$ rs.

—Foi uma peça bem pregada.

—Porque?

—Porque o dono da tal bodega, por detraz das choupanas, na Praça do Negocio, sabe muito bem que uma lata de gaz custa 13\$ rs. e que por tanto, laranja madura na estrada tem marimbondo ou é azeda.

Agora é aguentar o mono caladinho.

—E que remedio tem elle, que já está acostumado a fazer estes negocinhos de pechincha?

—Comprava toda o dia lebres por gatos, espetou-se dessa vez, soffra.

—E depois alguém pagará o prejuizo.

—Isso é que eu creio piamente.

VARIÉDADES.

O BEIJO DA DESPEDIDA.

Uma dama pertencente á grande aristocracia — a marquiza da Finsbury — entrou n'uma loja em que se vendem composições musicaes, em Regent-Street.

Demorou-se alli mais de uma hora para escolher e comprar todas as obras que tinham um caracter sentimental. A carroagem, que á porta aguardava a nobre dama, continha já varias resmas de melodias amorosas.

No momento em que a marquiza se decidia a sair, pareceu hesitar, e deteve-se.

O caixeiro, que lhe espreitava todos os movimentos, aproximou-se d'ella, e lhe perguntou se desejava mais alguma cousa.

A marquiza entrou novamente na loja. Fitou os seus lindos olhos no rosto do caixeiro, o qual não pôde deixar de corar.

—Agora vejo que me tinha esquecido de uma cousa, disse a marquiza com uma voz que parecia tremula.

Não sei; na verdade, o que me passa pela cabeça! Voltei para vos pedir que...

Ella fez uma curta pausa, como se carecesse de tomar alento.

N'este meio tempo, o caixeiro, que tinha furtivamente passado a mão pelo collarinho postico, encostava as mãos sobre o balcão, e collocava-se n'uma attitude elegante.

—Voltei, replicou a marquiza, para vos pedir que tenhaes a bondade de me dar um beijo antes de partir.

—O que?! minha se...nho...ra?! exclamou o rapaz boquiaberto.

—Preciso, repetiu a marquiza com uma voz firme, que me deis um beijo antes de partir...um só bastará.

A joven dama fitou os olhos no caixeiro petrificado. Sem revelar a menor commoção, ella repetiu o seu pedido pela terceira vez; depois com a maior serenidade, acrescentou:

—Si não m'o podeis dar hoje, voltarei um dia d'estes.

Pois que! não era isto um sonho? A formosa marquiza de Finsbury sempre queria. O caixeiro, louco de contentamento, estendeu os braços para n'elles apertar a marquiza, ao mesmo tempo que lhe imprimia na face mimosa o osculo pedido.

A marquiza, porem, mostrou-se offendida e quebrou na cabeça do atrevido caixeiro a sua elegante sombrinha, soltando altos gritos que não tardaram em chamar a attenção de tres agentes de policia.

Este incidente teve o seu desfecho no dia seguinte, no tribunal correccional de *Brew-Street*. O magistrado mandou soltar o infeliz caixeiro, logo que ouvia a explicação de que: Um beijo antes de partir era uma walsa hoje em voga, cuja existencia o reu ignorava.

Uma noite passada na estação polcial, por causa de um beijo furtivo aos labios da bella marquiza de Finsbury...

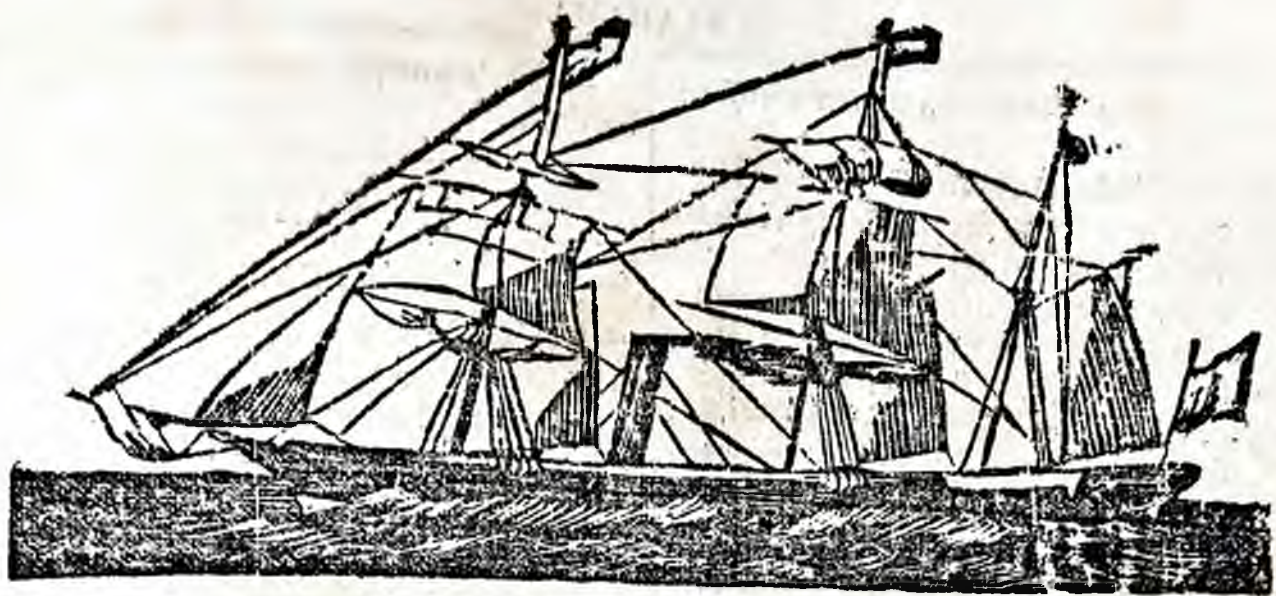
...Deve-se confessar que não é um castigo rigoroso.

ANNUNCIOS.

O intitulado corrector Sampaio fica exonerado da procuração que lhe passou Francisco José dos Santos, ex-soldado de policia.

Pede-se a pessoa que carregou d'assembléa, no dia 22 do corrente, um chapéu de sol de seda, inglez, muito conhecido, tenha a bondade de entregar a seu dono, ou nesta typographia, visto se conhecer o escamoteador, o si o não fizer será seu nome publicado neste jornal.

Defronte da botica do Sr. Peixoto, á Calçada do Bomfim, vendem-se dois burros bons para carga, por preço commodo.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Ano VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ms. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

25 DE ABRIL DE 1868.

N. 353.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
24 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, participando-lhe que no Hospicio reune-se todas as noites uma baderna de moleques e vadios, que vão alli perturbar o sossego publico com vozerias e immoralidades, em vista do que, pede-se a S. S. que dê ordem ás patrulhas, nas noites em que as hajam nessa freguezia, para que deem um passeio até o mencionado logar.

—Ainda ha necessidade de se commetter excessos desta ordem?

—O que foi?

—Um pobre homem, que vinha com dois cavallos carregados de carvão, chegando na rua do Collegio, alli pela porta do Bota de Prata, foi recrutado por dois policiaes e lá foi com cavallos e tudo conduzido para a reparação.

—Isso é para apavorar o povo, nada mais.

—Estou certo que o chefe de policia não authorisa taes abusos, tanto que confio no criterio de S. Ex., que reprovará semelhante procedimento e mandará o homem vender seu genero para levar o pão á sua familia.

—Ah infâmes! Transformam o taberna-

eulo do Senhor em prostibulo de difamação!

E como introdução ao officio divino que vão celebrar, despejam das pollutas boccas as mais nefandas e lascivas palavras, as mais atrozes injurias!

—Quem são aquelles quatro aza-pretas?

—Um é o prebendado Cyri, o cynico mais relapso que ha no globo; outro é o padre Cazuzza, Faublas caricato, a depravação em pessoa, tão safado que anda a piscar os olhos as pretas na rua, e que com o maior descaro sahe ás seis horas da manhan de casa da Quininha, á rua do Collegio, e vae celebrar missa em certo estabelecimento pio; o outro é um sevandija impudico e luxurioso, mais lascivo do que um bode, cujo distinctivo é uma *ambrozia* que traz sobre a batina; e o ultimo é um desprezivel cão gozo, coberto de asquerosas mazellas e que por mais que se lave em *certo rio* não limpa a lepra moral que lhe corroe a denegrada alma.

—E o que faz aquella vil canzoada?

—Em concialiabulo infernal nutrem desmesurado rancor que lhes transborda nas almas vis e pequeninas, despejando contra a redacção do *Alabama* os mais torpes e hediondos vituperios, as mais degradantes invectivas, e isto em termos que assentam somente na mais rafada meretriz.

—E inculcam se ministros de um Deus de paz e amor!

—Padre Cazuzza diz, que ainda espera ver um nas encherugas do hospital, lhe pedindo

perdão, para elle dizer—*vae para o inferno ladrão.*

—Que charidade de satanaz!

—Mas veja que miseravel! Como si fosse dezar morrer-se no hospital!

Dezar, é ter uma avó decrepita e consentir que ella ande pelas encrusilhadas a esmollar o pão da charidade, e durma pelos adros das egrejas, exposta aos effeitos do tempo.

Dezar, é essa avó ir pedir na Quinta-feira santa a seu neto uma esmolla e ser tangida brutaemente.

E quem sabe si algum desses, a quem elle infamemente atassalhou, já não concorreu para que essa miseravel não vivesse exposta as intemperies?

—*Cyri*, diz que a gazeta ja lhe assacou certo defeito corporal, defeito que elle não tem, e para prova levantou o habito para mostrar!.....

Custa a crer que um ministro de Deus praticasse dentro do templo sagrado tão requintada protervia; mas é tão verdade como o sol nos allumiar, o que foi presenciado por mais de duas pessoas..

—Não é para admirar isso no padre incontinente, que consente sua amasia ir quebrar os vasos na sachristia e profanar as Imagens.

—O padre da *ambrozia*, esse deshonesto sensual, diz que um dos redactores do *Alabama* lhe pedira emprestado 30\$ réis!

Si esse energumeno é susceptivel de um ceutil de vergonha nessa asquerosa e immunda cara, que declare qual foi esse.

—Filho de satanaz!

—O camafeu, que lava as pustulas moraes em *certo rio*, diz que é homem e que por tanto ha de satisfazer aos desejos da natureza e que assim ninguem se metta com a p... de sua vida.

—Palavras de um padre n'um templo!

—Porém quem nega?

O que se censura é o desregramento, a depravação com que praticam, o descommedimento e deshonestidade de acções, a publicidade, que dão a seu proceder reprovavel.

—Deixal-os engolpharem-se na maledicencia e infamação, elles que reprovam que uma folha publica lhes critique a vida depravada, os vicios e torpes faltas e vão para um templo reduzil-o a alcouce.

—Martinho Xavier já foi solto.

—Depois de soffir dous dias de calabouço, com detrimento de seus interesses e grave prejuizo de sua esposa.

—Ao passo que os perpetradores de semelhante attentado contra a liberdade individual são galardoados com a impunidade.

—Isso é porque vivemos n'um paiz de liberdade.

LA VAE VERSO.

NO CAFEZAL.

Que folias, que mystorios
Na colheita do café!

Que toadas, que sorrisos...

Quem não ama este bazé?...

—Olé!

Maria, não quer um cêsto
Para botar seu café?...

—Quero um cêstinho bem leve,
Feito de fino cipó....

—Tome lá....mas, vamos juntos?...

Pois não receia andar só?...

Olé!

Sacode no chão o cêsto....

Onde bota o seu café?

—Que cêsto...peza uma arroba,
E' fresco...pode guardar!

—Maria, com estes modos...

O mundo pode fallar!

Olé!

Fez a carinha de choro...

Não vae apanhar café?

—Me despache...é meio dia...

Ai Jezus, que mangação!

—Escolha, teimosa, escolha

Em paga da ingratição.

Olé!

Achou um cêsto bonito
Para leval-o ao café?

—Vou-me embora...oh, Marcolina
Já uma quarta espanou?

—Maria, não se demore....

O' Marcolina, aqui estou!

Olé!

Marcolina, mais um pouco
Na medida do café!

—De cheia vae derramando
Minha quarta...pois quer mais?

—Marcolina, estou zangado...

O que disse hoje ao Thomaz?

Olé!

Dá-me as costas? Falla muito...
Não assento o seu café.

—Acredita? São historias
D'este mundo fallador....

—Assentei a sua quarta;
Mas, é firme o seu amor?...

Olé!

Marcolina, não responde,
Caminha para o café?

—La vem gente... vou-me embora
Para outra quarta apanhar....

—Pois, sim, vá... hoje á tardinha
Comtigo quero fallar.

Olé!

Senhor João, bôa colheita;
Onde achou tanto café?

—Meio alqueiro de lavagem,
Quem dirá que não lásquei?

—E' cabra destabocado,
Quatro eguaes nunca topei.

Olé!

Quem canta, quem é o fama-
La da apanha do café?

—O cabra que está ralhando,
Não conhece? E' o Tubarão!

—E' famanaz: quem o vence
Junto ao pinho, no baião?

Olé!

Marianna, a flor da selva...
Pois só traz este café?

—Meu senhor, a capoeira
Quem supporta... pois não vê?

—Ah, seuhora Marianna,
Bem pregnicosa é vossê!

Olé!

Que muxôxo... não sou causa
D'essa falta de café!

—Pois não sabe? Salteiada-
A minha carreira achei...

—Coitada da Marianna...
Meia quarta? Uma assentei.

Olé!

Largaram todos a apanha?
Já não acham mais café?

—E' tarde... está choviscando...

—Méga este—Méga o meu...

—Esperem, não me atrapalhem...
Já mediu?—Agora o seu!

Olé!

Vam-se embora? Não me deixem
Tão sosinho no café.

—Tenho fome—estou cansado...

—Ja são horas de jantar...

—Mas a noite ao som do pinho
Quem se enfada de sambar?

Olé!

Tambem váe-se, Marcolina?
Cedo larga hoje o café!

—La no samba fallaremos....

Comnigo não fique mal!

—Não se esqueça!—Todos partem,
Quem ficou no cafezal?

Olé!

E' Maria... diz baxinho:
Venha vêr o meu café.

Que folias, que mysterios
Na colheita do café!.....

Que toadas, que sorrisos...
Quem não ama este bazé?

Olé!

Quem m'invejar tome um cesto,
Venha cá, venha ao café!

J.

Á PEDIDO.

ATTENÇÃO.

Sr. Redactor.—Nunca pensei ver na mi-
nha terra cousas que me fazem cair o queixo
de admirado.

Ha tempos d'esta parte que no periodico
Trovão se publicavam as mais atroses dia-
tribes contra um campeão do dia a quem se
appellidava *Silva de Alameda*, e outras tantas
verrinhas e censuras se liam contra diversos,
caracteres que figuram na politica actual.

Ninguem portanto poderia presumir que
semelhantes escriptos fossem elaborados; com
quanto pessimamente, por um dos correli-
gionarios de suas proprias victimas; por um
individuo, que tem por habito jurar tudo que
faz e que não faz; e que ao lado dos que teem
a infelicidade de o terem por amigo beija-os,
incensa-os, e até os suppoem logo aparenta-
dos com o pobre Santo Elias, cujas alfaias
serviram para formar um trahidor de raça, um
burro em engenharia.

Mas o caso é que, corridos tempos, veio
se saber que o author de todas essas catil-
linarias publicadas contra o Dr. *Silva de Ala-
meda* era feitura do seu amigo, o filho do
frade de eterna memoria.

E como não seria assim, si esse pateta das
luminarias só vive de intrigar?

Já houve tempo em que pretendeu elle pela
intriga subir um ponto, deitando o parente
para fora da estrada de ferro, para elle mon-
tar-se no lugar.

Por causa d'isto foram a vias de facto e o
carmelita levou muita sopapada, mas afinal
ficou contrecido como um infame que até ma-
chinou incendiar a estação de ferro para a-
carretar descredito contra a victimal!!

Entretanto quem o vê de braços abertos di-
ante do Senhor dos Passos, com um Santo
Lenho ao pescoço, rosarios, bentinhos e mil
orações não ajuizará por certo o hypocrita
que a sociedade alimenta, peior mil vezes que
o cholera morbus.

Não ha muito tempo que esse jesuita calo-
teou o sogro em mais de 50 contos de réis,
que os tomou, em parte, a titulo de negociar em
piassaba e coquilhos, porque, dizia elle para-

illudir o sogro—é negocio de cento por cento, e outra parte o sogro pagou letras que o velhaco ficou devendo no commercio a diversos, inclusive ao pobre Leandro que foi seu caixeiro, e a quem se queria pagar com a nomeação de subdelegado!!!

E sabe em que se consumiu parte d'esse dinheiro?

Em bilhetes de loteria, e assim mesmo ainda se caloteou o Zuza e o Camara!!!

Que trampolina de cinco costados!

E é este miseravel quem se pretende inculcar de cousa em politica!

Um safado que de tudo quer tirar partido!

Quem não viu e não sabe do ridiculo papel que o infame filho de frade representou pelas eleições?

Onde estará o Sr. Dr. Galeão que não se lembre, que já houve um subdelegado tão cynico, tão prevaricador, que fez questão de fazer subdelegado o Tres Pontinhos, por dinheiro, que lhe dava o seu protector a quem acaba o tal Pontinhos de roubar cerca de quatro contos de réis, como pode dizer o Sr. coronel J. B. de Vianna e o Sr. Dr. G., juiz municipal da Matta?

Quem não sabe que esse caloteiro tomava dinheiros ao honrado Dr. Bulcão, a titulo de despesas com a eleição, e com elles pagava dividas de vendas e mais oitenta mil réis a um bilheteiro, e nisto roubou do cavalheiro de boa fé para cima de setecentos mil réis?

Pois bem: factos desta ordem eu prometto ao publico patentear, sem com tudo censurar na actualidade que o conserva na policia, porque o hypocrita tem a propriedade de a todos illudir, si o Sr. redactor me for consagrando algumas columnas em seu jornal, e então protesto findar os meus artigos, declarando por extenso o nome do infame de quem por ora me occupo, comquanto, pelo que fica dito o publico já vê que fallo do genro do monopolista.

O Dr. Glicó.

Pede-se ao Hlm. Sr. inspector do *trem do mar*, que obrigue a' fazer curso de primeiras letras o apontador das officinas de carpinteiros, calafates e carpinas, visto que o mesmo por ignorancia ou distracção não faz uma folha que não saia errada.

Isto pede quem

Frio anda.

—Forte manivella é este padeco *Todo-lindo!*

Na casa da representação. é um boneco de

engonço: a cada passo se denuncia que não tem vontade propria.

Na occasião de voitar, faz mil gatinhanhas a um tempo o queixinho de reguingó: levanta-se, porem duvidoso, torna a sentar-se e olhando desconfiado para as bancadas leva seguramente um minuto na alternativa de *crece e mingoa* a descer e a subir, sem saber no que fica.

Outras vezes, ignorando a sua posição fica de cocoras, como meio termo a espera que a maioria por seu proceder lhe indique qual a opinião que deve adoptar.

—Pobre creatura subserviente!

PARA O SR. MINISTRO D'AGRICULTURA E PRESIDENTE DA PROVINCIA LEREM.

Ha um mez, pouco mais ou menos, foi nomeado interinamente praticante postal, um celebre membro da companhia do OLHO VIVO de notaveis feitos por S. Ex. o Sr. presidente, que por certo, não ao facto dos seus maus costumes, o nomeou (sem duvida á pedido d'algum) pois muito convicto estou que S. Ex. seria incapaz de injuriar a classe dos empregados publicos, e desejar a infelicidade para uma repartição publica importante, collocada la para o commercio, a qual é digna de melhor sorte. E' pois de esperar que S. Ex. attendendo para o occorrido, e a bem da moralidade casse a tal nomeação, pois alem do que fica exarado o sujeitinho é subdito francez e não tem as precisas habilitações para desempenhar o citado logar. Muito breve voltarei afim de ser mais explicito.

Um do commercio.

ANNUNCIOS.

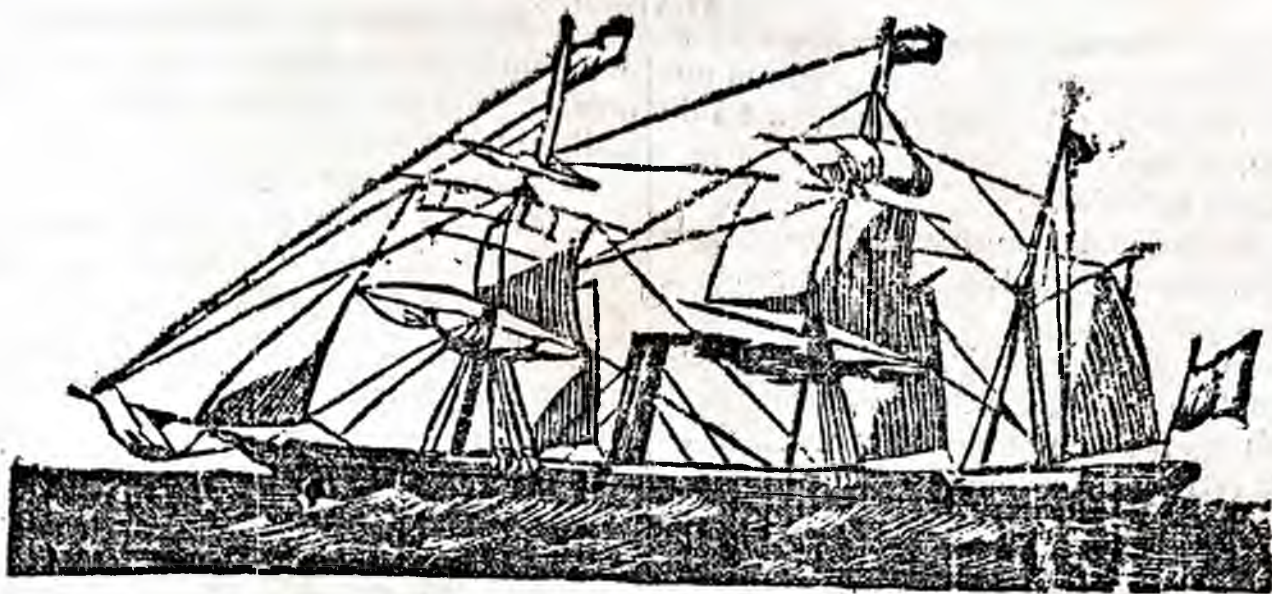
Domingo 26 haverá no convento do religiosos franciscanos missa de verso em louvor do glorioso S. Benedicto.

Deixa de haver festa este anno, em consequencia de se achar a irmandade sobre-cargada de despesas com a edificação dos carneiros.

Pede-se a pessoa que carregou d'assemblea, no dia 22 do corrente, um chapéu de sol de seda, inglez, muito conhecido, tenha a bondade de entregar a seu dono, ou nesta typographia, visto se conhecer o *escamoteador*. e si o não fizer será seu nome publicado neste jornal.

Defronte da botica do Sr. Peixoto, á Calçada do Bomfim, vendem-se dous burros bons para carga, por preço commodo.

Typ. de Marques, Aristides e C.^a



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 40 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

28 DE ABRIL DE 1868.

N. 354.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.^o districto, participando-lhe que tendo o commando deste navio noticia de que, a semana passada, foram rigorosamente surrados e mutilados na la-deira da *Indolencia* os escravos, Paula, Irene, Idelfonso e Manuel, sem que precedessem as formalidades legaes, leva-se ao conhecimento de S. S. semelhante facto, para que sem demora passe S. S. a averigual-o, fazendo ir a sua presença os referidos escravos, e proceda conforme a lei, caso se tenha dado o crime, afim de que seu author não fique impune com ares de *Mané* ou *Quinqas* e venha ao depois commetter duas artes eguaes a esta. Do zelo que S. S. tem até hoje mostrado pelo serviço publico, espera-se o bom desempenho desta commissão.

- Arre! assim tambem o padre ralha!
- Em outra parte ja a policia estava ás voltas com aquelle tyranete.
- Castigar uma creança desde sete horas da manhan até 11! Safa!
- Que barbaro é este?
- E' o diabo de um musico-sapateirol!
- Musico-sapateirol

Duas profissões divergentes! Não pode ser boa rolha!

—Segue o systema do *Felisberto*.

—Da rua do Collegio n.^o 23?

—Sim.

—Siga elle quantas profissões quizer, porrem o que não posso tolerar é que esteja a maltratar assim ao pobre menino.

—Fazer a cama antes de ver a moiva.

—Isso é bom.

—A companhia de Vehiculos pediu por *adiantamento* 1:500\$ rs. a camara municipal, por conta das despezas que esta *ha de fazer* com carros, quando se terminar a guerra.

—E obteve?

—Podera não!

O presidente da edilidade, in continenti, de seu motu proprio, ordenou ao thesoureiro que todo dinheiro que se arrecadasse, fosse de preferencia para a empreza.

—Essa não está má!

—De maneira que, os Vehiculos Economicos, empresa que anda se segurando pelas paredes, d'uma hora para outra perde o equilibrio e tropeça e cahe e adeus minha onça. Alem da infracção de deliberar por si só, sem consultar aos collegas.

—Homem, diz o adagio que uma mão lava a outra e ambas lavam o rosto.

—Noticias da guerra, ha?

—Apenas encontrei n'um telegramma publicado nas folhas de Montevideu, a 15 do corrente, o seguinte:

«Chegou o *Provedor*.

«No sabbado, dia em que sahiu, começou o bombardeamento de Humaitá. Durou tres horas.

«Ozorío atacou com dez canhões, o exercito argentino com sete e Argollo com dez. A esquadra operou simultaneamente, causando bastante estrago ao inimigo.»

«Sabbado, depois da alleluia, principiou por mar e por terra o bombardeamento sobre Humaitá.


«Os paraguayos fizeram pouco fogo contra as baterias de terra, mas bastante contra a esquadra.»

—Faz favor, Sr. padre *Cazuza*.

—Estou ao dispor de V. Ex.

—E' verdade que o *Dorfirio* junto com o *Silva*, hoitem (22) descompozeram-me muito?

—Disseram que V. Ex. hávia de acabar no hospital e que elles o mandariam para o inferno.

—La isso de acabar no hospital é que eu não duvido, porque o mundo dá muitas voltas e ninguem sabe qual será o seu fim; mas delles me mandarem para o inferno, é que eu ponho minhas duvidas, pois o competente para condemnar o homem é  DEUS!

Pode ser que o devasso e infame do padre *Silva* tenha poder para condemnar a gran *patata* que o *poz*.

—Ja hoje elle falla em hospital, sem se lembrar que, si não fosse o padre que *cura* aos defuntos, elle nunca se ordenaria.

—Deixal-o fallar! Quem é que falla!

E' um padre, que anda pelas casas das meretrizes se embriagando e dando os maiores escandalos do mundo!

E' um padre, que para se ordinar foi preciso servir de m. . . deste que *cura* depois de morto e por isso teve d'elle cega protecção!

E' um padre, que se esquecendo dos deveres de filho, deixa sua avó ao desamparo!

E' um padre, que se põe de dia na janella, dirigindo palavras amorosas a uma meretriz que mora defronte d'elle, affrontando assim a moralidade publica.

E' um padre, que se soca em casa de umas creoulas, na rua em que o *Saldanha* teve *Faço*, sambando e bebendo até 4 horas da madrugada, e sahe de manhan para celebrar o santo sacrificio da missa!

—Isto horrorisa! . . .

—E' um padre, que a certa moça contandolhe a briga que teve com uma sua collega fronteira, e elle para fazer febre a outra, veio pa-

ra a janella junto com a tal *jerusalena* e depois de dar-lhe muitos osculos, poz-se de joelhos nosseus pés.

—Que padre *moralisado*!

—E' este o padre, que tem poder de mandar para o inferno o homem que censura os escandalos praticados por elle!

E' este o padre, que aconselhava uma moça amasiada, que se foi confessar com elle, que largasse o amasio e fosse para essa vida infame, porque era menos peccado!

Mas sabe porque deu elle este conselho? Porque tinha tenções libidinosas com a moça!

—Peço lhe que não trate mais deste devasso.

—Não, hei de tratar!

Quero mostrar as *virtudes* d'elle; quero que se conheça este sacerdote, que desvia-se das raias do preccito da religião e da moralidade; quero provar-lhe que o sacerdote devasso e immoral torna-se mais digno do inferno do que quem lhe censura os actos.

—Quem dá papa a creança, lambe o dedo.

—Cousa antiga.

—Por isso é que o encarregado do *luzeiro* tem azeite para dar, vender e negociar.

—V. falla pelos cotovellos!

—E si não fallar *morro*.

—S. *Paulo* lhe tire tal costume.

—Eu so sinto não ter cem boccas para a uma voz bradar, quando visse certas patotas, prevaricações, etc.

—Os capadocios andam desenfreados!

—E a policia n'uma modorra, que não dá accordo do que se passa a roda de si.

—Na sexta feira a noite, quatro espadachins encontram no Terreiro a creoula Felismina Maria da Conceição—e como esta não se quizesse prestar as suas desarrosadas exigencias, espancaram-na e feriram-na fazendo-lhes uma formidavel brecha na cabeça.

—Nesse mesmo dia, uma mulher foi victima da estrepolia de uma malta de moleques, que se ajunta no largo do Theatro: levou tamanha pedrada sobre o estomago, que cahiu sem sentidos.

—O que vale é que o Sr. *Azambuja* inventou a ideia de p'ra o anno termos 900 praças de policia, que ha de trazer esta cidade direita como uma linha.

—E' melhor acabar com o eôro no collegio, do que conservar aquella especie de entremez que serve so para depor contra a classe patrecal.

—Mas depor em que?

—Que é omitta, é pouco escrupulosa no cumprimento de suas obrigações.

—Ora va elle! Ninguém deixa de comer doce para chupar roletes. No dia em que ha onde se ganhe mais, falta-se.

—Porem todos, como na sexta feira em que so apparecen o Cyrillo e o Ambrosio?

—E que mais? pois não valle a pena ouvir o Cyrillo com sua voz de sino rachado e o Ambrosio com o som de besouro, quando esvoaça sobre rosas.

—Capitão, que mulherzinha decidida!

—O que fez?

—E um facto passado na provincia de Goyaz, narrado pelo *Monitor Goyano*.

—Refira.

—«No municipio de S. Domingos havia em certo sitio uma moça que, ainda virgem, vivia em casa de seus paes, e na sua visinhança um ancião cheio de respeito, pae de quatro vigorosos rapazes; dentre elles, o mais moço, ardia-ss em amores pela sua visinha, que bem sabia pagar-lhe as finezas; porém faltava-lhe desenvoltura para tratar de casamento, e não alcançaria mesmo o consentimento do velho pae, porque este entendia, como mais tarde manifestou, grande desigualdade entre os dous amantes, isto é, por ser o moço rico e a moça pobre.

«A moça, porem, que entendia ao contrario, e que via a possibilidade de effectuar um negocio que lhe trazia dinheiro e rapaz, tomou firme resolução de raptar o mancebo; com effeito, um bello dia equitou-se em um fogoso cavallo, e partiu para o ponto (talvez aprazado) ali encontrou a feliz victima, que a poz logo de garupa, endereçando-se para esta capital (14 legoas) e chegando se ao cura, que era então o padre Aleixo José da Piedade, fallou-lhe na sua pretensão com a energia propria do seu amazonico character, não olvidando pôr á disposição do vigario a quantia de 40\$, 60\$ ou 80\$ rs., conforme lhe aprazia levar por cada um casamento, ainda mesmo á face da igreja matriz com todas as solemnidades do estylo.

«Com essa linguagem tão significativa foram logo os contrahentes recebidos em matrimonio:—E a Hercules, arrastando todos os risos e bregeirices dos rapazes, foi viver em paz com o seu raptor; chamando mesmo, não muy tarde, á communhão dos seus desejos, o velho sogro, que contra ella furioso vociferava, allegando a cada passo a intoleravel desigualdade de teres.

«Para a disposição do homem (dizem) cessa a da lei.

«Para a disposição da mulher (digo) cessa a do homem e a da lei.»

Á PEDIDO.

ATENÇÃO.

Não podemos deixar de pedir uma reparação ao muito digno promotor publico d'esta capital Dr. Pedro d'Abreu, sobre a absolvição do portuguez Luiz Marques, que foi a barra do tribunal do jury pelo crime de defloraçào, na menor Maria Agostinha. Este facto é escandaloso, em consequencia do peso das provas que nos autos existem contra o accusado, e mesmo pelo interrogatorio d'este, que resalta aos olhos de qualquer que o ouve, e vê diversas contrariedades, e ao mesmo tempo confessado o crime, porque declara que offercera 50\$000 rs. ao inspector que o prender para pol-o em liberdade, e sendo perguntado pelo Exm. Sr. presidente do jury si elle accusado conhecia a menor Maria Agostinha, respondeu conhecer pelos trajes; porém note-se que foi porque a referida menor apresentou-se no jury com o mesmo vestido, que se achava no dia em que foi victima das violencias de seu algoz; fique pois o illustrado publico d'esta capital conhecendo que a menor é de nove annos e mezes, edade esta que demonstra ser ella innocente e não ter conhecimento do que ia praticar, alem de que, tem a seu favor o exame de sanidade feito por dous facultativos, onde asseveram ser ella mentecapta, mas nada d'isto commoveu a consciencia do Srs. jurados que á despeito de tudo isso o absolveram!

Vamos agora demonstrar os depoimentos das testemunhas, que dizem não haver prova.

A 1.^a testemunha jura que encontrou a referida menor na porta do accusado com os vestidos ensanguentados, chorando e dizendo que o accusado lhe tinha mettido n'um quarto e lhe feito sangue, o que a testemunha passou a prendel-o por ser inspector de quartelão e n'este acto o accusado pediu ao inspector, que não o prendesse porque aquillo tinha sido effeito de uma hora má! Nada d'isto é prova?

A 2.^a testemunha ouviu os gritos da menor nos fundos da casa do accusado, que, com a porta fechada, violentava a innocente, ate que sua virgindade expirou nas garras do monstro; e passando a testemunha a pesquisar, viu com pouca demora a offendida na porta do accusado, chorando e com os vestidos ensanguentados. Nada d'isto é prova?

A 3.^a testemunha alem de depor do facto accrescenta mais que o accusado lhe tinha dito que gostava mais de meninas do que de mu-

heres, que queriam muito dinheiro; notando-se tambem que o clamor publico apontava o accusado como author do crime. E o facto de ter o accusado pedido para se casar com a menor, dizendo que era pagamento do que elle tinha feito, demonstra nello muita *innocencia*, porque sendo elle um homem branco querer se casar com uma negra que, alem de douda, é desflorada por outro? Caso virgem! mas esse facto, não se commenta e deixa-se a apreciação do publico. O casamento não se effectuou, porque o pae da menor não quiz, dizendo que sua filha não tinha juizo.

A declaração do accusado sobre o casamento é a corôa da sua *innocencia*; portanto o accusado se acha ineurso no art. 224 do codigo penal; esperamos da illustração do digno promotor, que não deixará passar impune semelhante escandalo, pois de S. S. depende a appellação d'este processo, e só pedimos

— JUSTIÇA!

(Continuação do n. 352.)

—Cardoso recolhe os ultimos despojos, isto é, esta acabando de *alimpar* as algibeiras dos papalvos, que pela attracção do jogo lhe foram cahir nas devoradoras garras.

De todos os angulos da mesa fatal se ouvem lamentações pungentes, e lamurias de desespero.

Um pragueja o *az* que veio quebrar o jogo de maiores e menores que estava dando.

Outro maldiz do caiporismo de sua sorte, porque tendo dado constantemente *jogo casado*, logo que elle parou, deu *trocadilho*.

Um outro, amaldiçoa possessamente os *duques*, carta que é seu *cabrion* e que lhe fez perder a ultima *fixa*.

Ainda um outro, com os cotovellos sobre a mesa, e a cabeça pendida, está n'uma especie de torpor e marasmo, porque um *castigo* lhe fez perder todo dinheiro; pois tendo feito um *piscanço* e cortado no *recto*; julgando vir a *certa*, encontrou um *martin gallo*.

Entretanto Cardoso faz perfeito contraste naquella companhia, que se podia chamar de phantasmas pavorosos!

Altivo e insolente, porque a insolencia, depois da rapinagem, é o seu dote especial, falla a todos em termos acres e grosseiros!

Quem nessa hora attentar áquellas feições de cera do santo sepulchro, aquelles labios lividos como os do salteador, quando acaba de cravar o punhal no seio da victima, conhecerá que aquelle typo é de um ente degenerado, a escória do ser humano, peor mil vezes que o reptil venenoso, porque este não

tem consciencia do mal que faz, quando impregna com seus incisivos dentes o mortifero veneno nas veias da creatura, em quanto que Cardoso deleita-se em causar a desgraça de milhares de familias, com tanto que dahi tire resultado para suas orgias, e devassidões.

Divina Providencia! Será possivel que consintaes que um monstro, um sicario, esteja assim a dilacerar com o punhal agudo da deshonra e da perdição a tantas victimas!

Não; não é possivel. . . . Si os poderes da terra, fecham os olhos a esse turbilhão de immoralidade e pilhagem e muitos até commungam na mesa da corrupção, ha no ceu um Deus, cuja justiça é infallivel, e inexoravel e que fará pagar caro ao causador de tantas desgraças.

(Continua.)

Capitão, consta que o tal mansinho, que nada *valle*, examinador do *trem do mar*, pediu uma relação de todos os operarios velhos para serem despedidos; e que quer saber quaes são os empregados *conservadores*, para perseguil os, dando falsas informações, como costuma; para serem substituidos por gente *progressista*? Não seria mais acertado que o ladrão *ex-celso*, socio da *commandita* da corte, e da estrada de ferro do Chaco, mandasse essa sucia de fardas bordadas, que nada são na sua profissão, e todos viciosos, para algum museu de raridades ou dirigir algum collegio de filhas de Jerusalem?

Recommendamos este tartufo agalado aos honrados representantes da nação, pertencentes ao partido conservador.

O judas de farda.

VARIÉDADES.

Aquelle velhinho que alli vêdes, todo myrrado na presença do Tribunal de Policia Correccional de Paris, rivalisa em laconismo com os habitantes de Sparta, e não ha arrancar-lhe senão o que elle quer. Preso por vagabundo, é assim que responde ao juiz:

—Como se chama?

—Como meu pai.

—Como se chama seu pai?

—E' couza que nunca lhe perguntei.

—Que idade tem?

—Vou para 200 annos.

—Onde nasceu?

—Ja me não lembro.

—Onde tem o seu domicilio?

—Por toda parte.

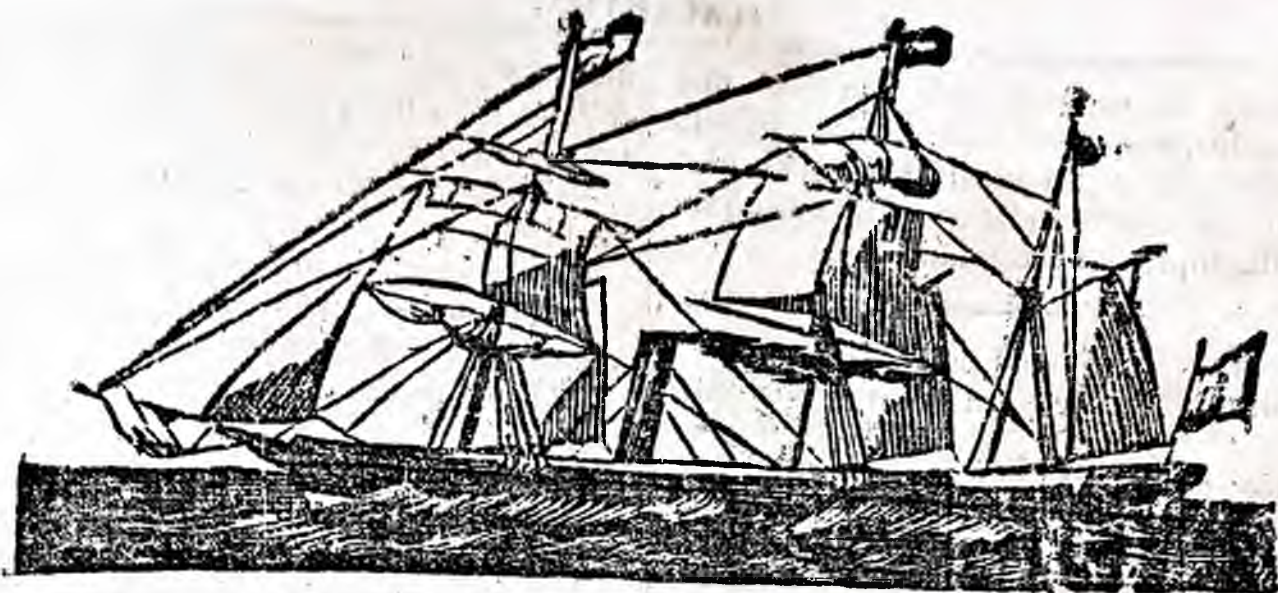
—Que occupação é a sua?

—Viajo.

—Quem lhe dá meios de subsistencia?

—O acaso.

—Vá para a cadeia até que aprenda a responder como deve ao Tribunal.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Serie 36.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

30 DE ABRIL DE 1868.

N. 355.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO CORREIO DA EUROPA.

VII.

Cauza antes ennojo que commiserção ver o modo baixo e vil, porque o infame caturra, escrevinhador do *Correio da Europa*, se roja a quantos lhe apparecem, implorando a misericordia dos brasileiros pela perfida ingratidão que commetteu.

Não ha ahi pessoa a quem elle não tenha recorrido, humilhado e arrependido, não da torpeza que commettera, mas do receio das consequencias que o aguardam em occasião azada.

Ja agora é impossivel o esquecimento e o perdão.

As affrontas e injurias de que fomos victimas exigem uma reparação prompta e violenta.

Os estimulos de brio e dignidade de uma nação não se maltratam impunemente.

Em quanto não chegar o dia da represalia merecida, que não está longe, havemos de apontar sempre ao povo esse traidor, que assim nos paga os favores, que lhe temos prodigalisado.

Entre tudo isso, causa tambem a lastima a boa fé dos que se deixaram illaquear por esse birbante, acreditando em suas palavras, e só assim pode se explicar as palavras que em seu favor tem apparecido.

Não é a primeira vez, que esse canalha de Portugal nos maltracta desapiedadamente, adulterando astuta e maliciosamente a verdade dos factos, tanto conhecida por elle, que em nosso seio vive, como por nós.

O que se deve esperar de um canalha, que até a seus proprios patricios, homens de circunspecção e criterio, zurze obstinadamente?

Não admira, portanto, de que tambem fossemos victimas de seu furor maldizente.

Desta vez, porem, a leccção fal-o ha arripiar carreira.

Deve ser proveitosa a mais não ser.

Temos ainda que continuar, e por isso paramos aqui.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
29 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, participando-lhe que nos informam de que no Rio Vermelho grassam com intensidade as febres intermitentes, achando-se atacadas gravemente as seguintes pessoas: Sabino da Conceição e quatro filhos; Maria Francisca da Silva e uma filha; Thomé dos Passos e sua mulher; Vicente Ferreira de Sant'Anna e dous filhos; Ricardo de Sant'Anna e sua mulher; Pedro Celestino e um filho; Manuel Amancio e uma filha; Manuel Gomes Correia; Clemencia Francisca; Maria Gertrudes da Conceição e outres.

A' vista do exposto, pede-se a S. S. que, com o zelo que o caracteriza, dirija-se áquella povoação e dê as providencias a seu alcance, a fim de alliviar o mal que afflige aos habitantes da supradita localidade.

—Pobres soldados de policial

—Foram tirados para voluntarios outra vez?

—Não; estão á ver navios a nove dias.

O soldo venceu-se no dia 20 e até hoje, 29, nada de apparecer com que se compre os melões.

—Pois olhe: dinheiro para muita coisa ha na thesouraria.

—Haja até para esbanjar; o que lhe digo é, que os homens, que de mais a mais são obrigados a andar limpos e engommados, estão em penuria, porque não lhes pagam e não se lhes pagando, elles não podem tambem pagar e portanto não acham quem lhes fiem para comer.

—Neste caso, sacco vasio não se põe em pé.

—Mas o regulamento está inexoravel sobre elles e hão de fazer, quer queiram, quer não, o serviço com fome.

—Ora sebo para tal systema! eu sempre ouvi dizer que quem não dá para o prato não pode pedir demasias.

—Não ha industria de que não se lembrem os larapios para illudir a boa fé das pessoas.

—Si elles fazem estudo.

—Na segunda feira apresentou-se na botica do Sr. Barata um individuo com um bilhete para o Sr. João Custodio Bento Monteiro, dizendo que era sua mãe quem lhe mandava.

—E era falso?

—Tal qual; si o Sr. Monteiro não desconfia do character da lettra, cahia como uma jaca na cilada.

—E o que fez?

—Despediu o tal amavel, que sahiu vendendo azeite ás canadas.

—Ora! Elle devia mandar chamar um policia e entregal-o aos cuidados do Sr. Amaral.

—Veja como andam as cousas ás avessas:

Aqui, por occasião dos triumphos de 19 de fevereiro, a assemblea foi felicitar o presidente; na provincia do Paraná o caso é o contrario.

—Como foi então?

—O presidente é quem officia a assemblea congratulando-se com ella pelos triumphos alcançados e remette para conhecimento da

mesma a parte official publicada no *Dezenove de Dezembro*, na qual é assignalada a grande e esplendida victoria de nossas armas.

—E' que as cousas lá se medem por outra bitola.

—Nessa occasião o deputado Sá Ribas apresentou uma indicação para que se felicitasse ao marquez de Caxias e visconde de Inhauma, e o Sr. padre Camargo oppoz-se apresentando a idéia de que se felicitasse em primeiro lugar a S. M. o imperador.

Então o Sr. Generoso, pedindo a palavra, propoz que se felicitassem os bravos que escreveram essa pagina brilhante no livro de nossa nacionalidade, e se felicitasse a nação na pessoa do seu magnanimo monarcha, o que foi aprovado.

—Isso é porque aquella gente ainda anda muito *atraxada*; cá, a nossa assemblea que é allumiada pelo clarão do progressismo, encara a cousa por outro modo.

Á PEDIDO.

HORROR! HORROR!

Sr. Redactor—Vou dar principio a uma serie de artigos soccorrendo-me do seguinte dito popular—elles o querem assim o seja.

Segregado a uma vida toda particular, nem ao menos sonhara volver um dia a imprensa, si não fora a isso forçado pela ingratidão dos homens. Mas já que me vejo obrigado a de novo apparecer, leiam-me, attendam-me os homens reflectidos, a sociedade honesta.

Em o numero passado d'este seu periodico leu-se um artigo acerca do character de um individuo, filho, segundo dizem, de um frade que abysmou a Bahia; e hoje vae o leitor entreter-se com o irmão d'esse individuo, um completo parasita da sociedade. Ali fallava-se do Dr. *Gliço*, aqui do agrimensor sem carta, frei Custodio.

E si me não engano, tem V., Sr. Redactor, de pôr em relevo toda familia masculina fradesca; porque como disse—elles o querem, assim o seja.

Com quanto esses ciganos se apregoem de raça carmelita, com tudo deixarei para mais ádiante o que a tal respeito diz o mundo—por ora não.

Entrando por em quanto na vida do agrimensor parasita, direi, antes de tudo, tambem com o anexam popular—a ociosidade é mãe de todos os vicios.

O homem sem meios de vida que o empreguem, sem recursos pecuniarios ou de intelligencia, hade por uma força irresistivel da natureza maquinar o crime, executa-lo, e

procurar distração naquillo que ha de mais aborrecido e horrivel da sociedade.

Foi assim e por isso, que o parasita agri-
mensor tornou-se um assassino no Rio de
Janeiro, cujas cadeas teve por morada por
longo tempo, recebendo as mais horroreis le-
ções que logrou requintar junto a reus de
todas as classes e condições, um espirito nu-
trido e educado no crime de toda a especie,
como esses que por varias vezes, horrorisa-
ram esta terra, e em que sempre figurava o
progenitor de tão celebre raça!!!

E' por isso, e assim, que depois de no ver-
dor dos annos ter se tornado uma fera com fu-
maças de valentia; de se haver sentado no
tamborete de réu, por crime de morte, um
peralta, que a titulo de estudar, gastava na
corte o producto das alfaias roubadas a Vir-
gem do Carmello, se alimenta hoje um aven-
tureiro, tentando fortuna por meios de sonha-
dos casamentos, ou de empresas immoraes e
ridiculas.

E' por isso, que ora se apresenta um cor-
sario terrestre, tentando augmentar a conster-
nação de uma honrada familia, que perdeu a
extremosa mãe, insinuando a fuga de uma
donzella, so com a mira em alguns contos de
réis que esta tinha por seu dote em um esta-
bellecimento.

E' assim que viaja por especulação ao sul
da provincia e la entabola um casamento, sob
mil improvisados titulos de posição e familia.

E' assim que ultimamente, na descrença das
duas primeiras tentativas joga o aventureiro
a ultima cartada; inculcando-se de protector
na questão Pas. . . . e ja entrando em ajuste
commercial a mão da infeliz, orfan que so
tem por si Deus e a honra.

E' por isso, que se apresenta como media-
neiro em transações de letras entre um com-
mendador e um magistrado honrado, sem
duvida illudido na sua boa fé.

E' assim finalmente, que uma hydra tão
perniciosa na sociedade vomita com seu ir-
mão o Dr. *Gliço* toda peçonha nos mais ho-
nestos caracteres que os olham com desprezo.

Continue o Sr. C. . . . a vida que leva tão
desordenada, que Deus lhe perdoará seus pec-
cados, assim como nós.

Mas fique certo que, do campo em que nos
arrojou, so recuaremos exhalando o ultimo
suspiro, que enquanto vivo, não!

O Moedeiro falso.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. delegado
para a companhia do *olho vivo* que deu ago-
ra em frequentar o theatro para praticar suas
gentilezas.

No espectáculo de terça-feira, o 1.º e 2.º

bancos da esquerda eram exclusivamente oc-
cupados pela companhia, capitaneada pelo
famigerado Chico Carteira e deu-se logo a
escamotagem de um relógio.

—V. me diz uma cousa?

—Si souber.

—Quem são umas *madamas enthusiasmas*,
que moram la para sua vizinhança na rua dos
pés de Laranjas?

—Homem, mora tanta gente, que assim
não lhe sei responder.

—São umas senhoritas; cor de azeviche,
descendentes de Guiné, que vivem sempre á
janella; especialmente uma que quer ter fu-
maças de branca.

—Ah! ja sei quem são.

—São donas daquelle predio?

—Donas! quem lhe disse? A dona é uma
idosa e respeitavel senhora.

—Parenta das cujas?

—Que parenta, homem? V. ja viu galli-
nha branca pôr ovo preto?

E' senhora das taes.

—Senhor, V. está cassuando!

—Assevero-lhe. V. não tem visto sahir dal-
li, principalmente pela quaresima, uma se-
nhora acompanhada por um lord fusco?

—Tenho; por signal que quando ella tem
de subir os degraus, elle em vez de dar-lhe a
mão offerecer-lhe o braço:

—Pois é esta a senhora de toda a sucia!

—E eu a tinha por aggregada!

—Estas crias de *yayas* todas são assim,
escondem as senhoras.

E o tal lord fusco anda por ahi alardeando
que é isso e aquillo e que nunca teve *yaya*;
que apenas a mãe fôra cria, mas elle quan-
do nasceu ja ella era forra.

—Pois V. acredita no que diz um gabolla,
fabricante de cegonhas?

—Não é de balde que a natureza assigna-
lou aquelle birbante, tirando-lhe uma janella
visual.

—Visto isso muita cousa que elle anda a
a propalar é pura fabula.

Diz por exemplo: que elle é o chefe da
casa, e que a senhora nada faz sem lhe par-
teicipar; que tem n'um estabelecimento um
bom par de contos de réis, que anda em di-
ligencia de comprar uma propriedade para
quando a Sra. morrer, elle morar com a fa-
milia e outras pêtas eguaes.

—Tambem elle anda dizendo que vae casar
uma irman e ha de apressar o casamento das
outras, afim de evitar a esperteza de uma
que queria manejar com duas espadas, se-
gundo se queixa o noivo.

Diz o tal caraolho que está fazendo gastos

extraordinarios para o noivado e que vao comprar um riquissimo lustre.

— Isso é exacto?

— Juro-lhe por S. *João de Crisolus*.

— Que desfructavel! Elle só serve para des-acreditar, até pessoas que devia respeitar.

— Por isso é que em certo leilão o fiz eram sair com uma quente e duas ferventes.

— Sabe quem é o futuro noivo?

— Não.

— Será um que, ha anno, brigaram as bofetadas e o Crisola queixava-se que elle queria desacreditar a moça, visto que não servia para aparentar-se, por ser filho de africano?

— Homem, isso só lhe pode responder o *João*, que vende pintos na *Fonte secca*.

(*Continua.*)

— Capitão, revolto-me quando vejo injustiças.

— Ja sabe que tem de ficar doudo com os trabalhos alheios, por que este mundo é um composto de injustiças.

— Entre outras, ha uma gravissima, que causou-me estranheza e admiração.

— Qual é ella?

— Um trecho de uma correspondencia da Bahia para o *Jornal do Commercio*, que se refere ao Custodio, carcereiro da Correção.

— O que diz, então?

— Que elle recebera 240 \$rs. para attestar que o celebre Modesto fôra surrado o sem ser.

— Mas isso quem conhecer o Custodio não acredita.

— Pois é justamente no Rio, onde elle não é muito conhecido, que pode fazer effeito.

Mas sabe o que é isso? 'E' que a corda sempre quebra pelo lado mais fraco.

Pois é possível que com 240 \$rs., Custodio tivesse o poder de angariar o testemunho de sete officiaes e mais de 100 guardas que foram para alli de guarnição n's dias em que Modesto foi surrado, além de innumeradas pessoas circunspectas, que foram a negocio a Correção nesses dias e presenciaram o castigo?

— Não é preciso isto; bastava ouvir os Srs. Themoteo José Espinola, Moreno (que foi quem vendeu Modesto) e outros vendedores de escravos para o exercito, que dizem abertamente que Modesto não foi o primeiro escravo surrado que daqui seguiu. Por tanto, não sei si houve prevaricação, mas si houve foi de região mais subida, e o que não convem é dizer isso.

— E o facto de ser o Sr. do preto obrigado a trazel-o com ferro ao pescoço por dous annos, obrigação que não se cumpriu, denunciada muito a tempo pelos jornaes, em-

quanto Modesto estava na terra, e que nenhuma providencia se deu, não prova que se houve negociada não foi do carcereiro?

— Si não fosse massal-o, eu citaria o nome de muitos escravos que, sahidos da Correção para serem vendidos á nação, são regeitados; mas que dahi á dias, são como por milagre acceitos.

— O Custodio deve descansar em sua consciencia, por que todos que o conhecem, lhe fazem justiça.

— E reptar ao vil calumniador de sua probidade para que descubra a mascara e appareça aqui na provincia, onde pode ter a devida resposta.

— Justamente.

— Ouyiu fallar n'um roubo de assucar?

— Não.

— Pois não soube que uma alvarenga foi dar a praia da Boa Viagem?

— Soube; mais isso não tem nada com roubo de assucar.

— Ha seus conformes ahi, que lhe explicarei.

— Bom deixe isso para mais logo, porque agora tenho negocio de urgencia.

— Acha-se aberta ha quasi dous mezes a assemblea provincial, e todo este tempo se tem gasto com discursos á copo d'agoa; as questões de utilidade tem ficado á margem; eis uma d'ellas—a de contraste, questão de um alcance immenso, jaz na pasta de S. Ex. a Sra. D. Protecção.

— Tudo é assim nesta terra.

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E MELLO

Incumbe-se de quaesquer questões, judiciaes ou administrativas, perante os auditorios da côrte, onde é encontrado no seu escriptorio á rua da Candelaria n.º 23, todos os dias uteis, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde, e fora d'essas horas em sua residencia, rua da Princeza do Catête n.º 39 G.

Roga-se o favor ao Sr. M. V. de P. de vir ao armazem Mercantil, tratar de um negocio que bem sabe, ao contrario será seu nome publicado por extenso.

Bacellar concerta e afina pianos. Para ser procurado ao becco do Açouguinho.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª